

ORGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ  
TERESINA, ANO V • Nº 12 • JULHO/SETEMBRO 1984

# RESENHA

Assis Brasil : "A Humilhação Cósmica  
é maior que a social"

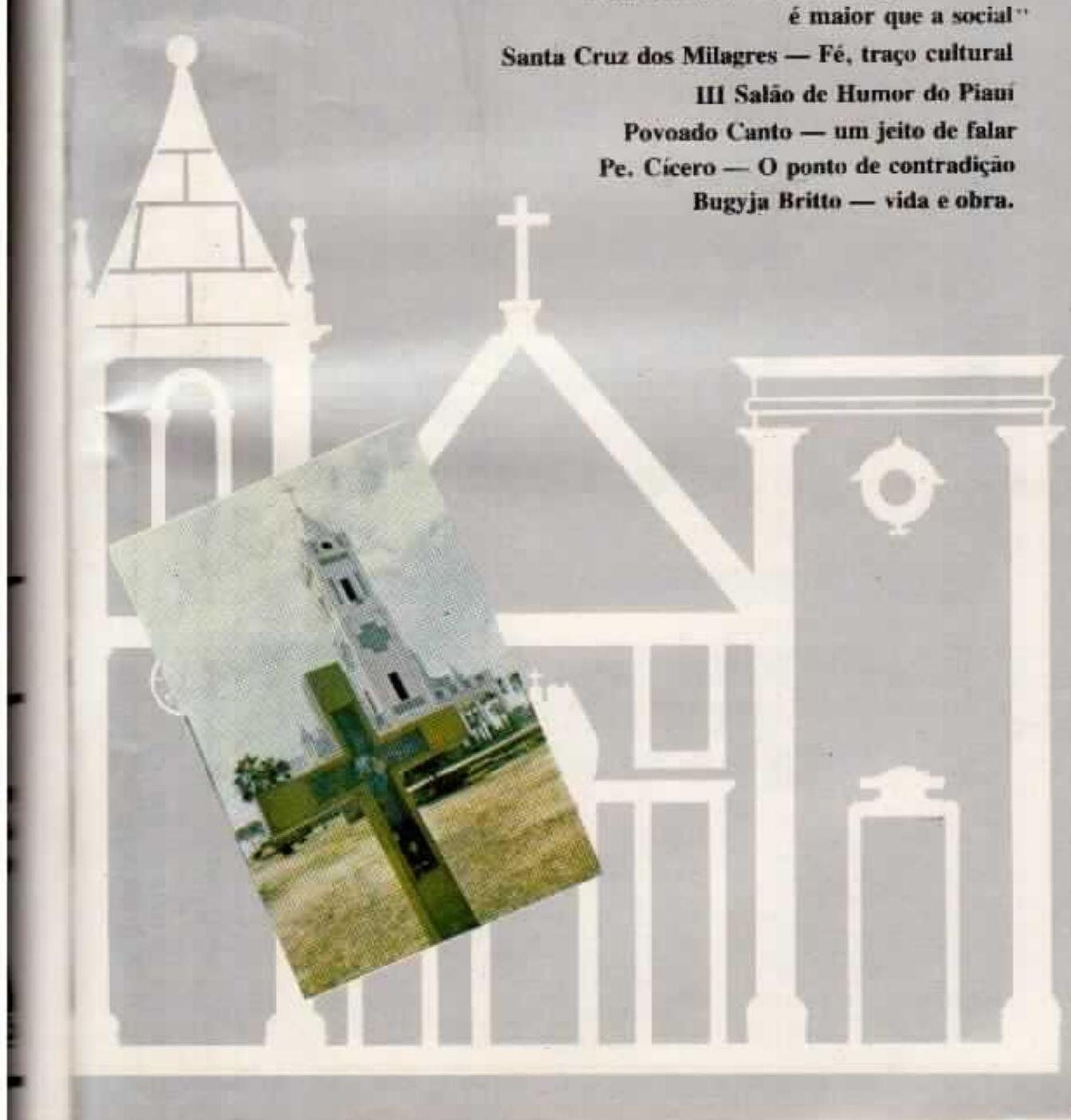
Santa Cruz dos Milagres — Fé, traço cultural

III Salão de Humor do Piauí

Povoado Canto — um jeito de falar

Pe. Cicero — O ponto de contradição

Bugyja Britto — vida e obra.



bnb BANCO  
DO NORDESTE  
DO BRASIL: A ORDEM  
É PROMOVER  
O PROGRESSO.

## Promover a integração pelo progresso. Esta é a nossa bandeira.

O Banco do Nordeste é o banco de 35 milhões de brasileiros que vivem, amam e fazem o Nordeste, pensam Brasil.

Sua política, voltada para a defesa dos interesses do Nordeste, se fundamenta num ideal que transcende o âmbito regional: a integração nacional.

Pois os milhões de brasileiros que vivem, amam e fazem o Nordeste, pensam Brasil.

Para ajudar neste esforço, o BNB conta com o apoio das lideranças políticas e empresariais, do Governo e do povo do Nordeste.

E faz da promoção do

progresso do Nordeste a sua palavra de ordem, a sua bandeira.

Uma divisa que exalta o trabalho comum, aponta os caminhos do futuro e irma todos os brasileiros.

MINISTÉRIO DO VIVERE  
**bnb** BANCO DO NORDESTE  
DO BRASIL S.A.  
O Progresso

## EDITORIAL

No dizer de Dagoberto Carvalho Júnior, "nenhuma cidade é portuguesamente brasileira se não nasceu em derredor de uma Igreja." Em verdade, desde o alvorecer de nossos dias, a presença da cruz compõe a paisagem urbanística e social brasileira. E de forma nítida, dominadora. Terra de Santa Cruz, o símbolo da igreja aqui fincou profundos alicerces e decora os pátios de nossas fazendas e as praças de arraiais, vilas e cidades.

É marco inconfundível de nosso processo colonial, da civilização originária dos currais de gado.

Com a igreja, os festejos religiosos. É inegável sua importância na vida de nosso povo, principalmente nas pequenas comunidades rurais. Não raro, constituem o maior acontecimento social do mês e espelham, em cores vivas, traço cultural significativamente marcante. Sim, as festas religiosas interioranas, com seus gestos de humildes devoções, quermesses, danças, competições, credícios, brincadeiras e cantigas pastoris, mobilizam todas as camadas da sociedade local, envolvendo-as em atividades alegres e descontraídas. É bem de ver que nenhuma política cultural poderá alcançar foros de autenticidade se não considerar esse painel de realidades e misticismos. Por isso é que, preocupados com a afirmação de nossa identidade cultural, temos procurado apoiar essas manifestações e, assim, vitalizá-las como expressões da genuína cultura popular piauiense.

Jesualdo Cavalcanti

## RESENHA

*Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí  
Governador do Estado do Piauí  
HUGO NAPOLEÃO*

*Vice-Governador  
JOSE RAIMUNDO BONA  
MEDEIROS  
Secretário de Cultura, Desportos e Turismo  
JESUALDO CAVALCANTI BARROS*

*Presidente do Conselho Estadual de Cultura  
BENJAMIN DO REGO MONTEIRO NETO*

*Editor  
Lena Monteiro de Carvalho*

*Conselho Editorial  
Carlos Evandro Eulálio  
Clóris Sandes Freitas  
Amaury Teixeira Nunes*

*Diretor Comercial  
José Elias Martins Arêa Leão*

*Secretária  
Sônia Maria Setúbal Cunha e Silva*

*Colaboradores:  
Bugy, Britto, A. Tito Filho,  
Herculano Moraes, Assis Brasil,  
Francisco Miguel de Moura,  
Pe. Matosilém Souza, Osvaldo  
Lemos, Arthur Filho,  
Moura Rego, Carlos Evandro Eulálio,  
Magalhães da Costa, João  
Emílio Falcão, Aci Campelo,  
Dagoberto Carvalho Júnior,*

*J. Rihamar Oliveira, Nenira Castelo Branco, Paulo Muura, Rutemberg, Nelson Araújo, Catarina de Sena da Costa, Humberto Guimarães, M. G. Figueiredo Reis, Fabiano de Cristo Rios Nogueira e Giovanni do Rego Barros.*

*Endereço da redação  
Av. Miguel Rosa, 3.300-Sul  
Fone: 223-4656 — 223-4657*

*Teresina — Piauí — Brasil*

*Os conceitos e opiniões aqui emitidos, são de responsabilidade exclusiva dos autores dos textos.*

*Planejamento gráfico, composição,  
fotografia e impressão  
Companhia Editora do Piauí  
— COMEPI*

## SUMÁRIO



|   |    |
|---|----|
| Devocionário Piauiense — Santa Cruz dos Milagres              | 8  |
| Música — Uma Valsa Piauiense                                  | 11 |
| Assis Brasil — "A Humilhação Cósrica é maior do que a social" | 14 |
| Povoado Canto — Considerações Socio-linguística               | 22 |
| Pe. Cicero — O Ponto de Contradição                           | 27 |
| Vúlio Verne, o incrível homem do futuro também no Brasil      | 42 |
| Bugyja Britto — Vida e obra                                   | 52 |
| Aspectos da força pública no governo Zacarias de Góis         | 58 |
| Boqueirão, o código ético do sertão                           | 64 |
| O estilo simbolista de Félix Pacheco                          | 68 |

NOSSA  
CAPA

RESENHA



A cruz que representa a fé, a catedral N. S. da Vitória de Óeiras Igreja de Santa Cruz dos Milagres município de Atronches. Produção Alcide Soares Filho.



Rio, 13 de setembro de 1984

Em primeiro lugar quero dar parabéns pela edição da revista *Presença*, que tenho recebido regularmente. É órgão cultural de alto nível e de presença marcante do nosso Estado no restrito círculo nacional das boas coisas relacionadas com a inteligência e a autenticidade do nosso povo. Revista e assuntos divulgados, mostram um Piauí a que poucos têm acesso, ou seja, aos seus valores artísticos e seus homens de sensibilidade criativa e de idealismo. *Presença* pulsa forte no coração de todo piauiense, e sei que todo brasileiro lhe dará o devido valor, descobrindo ou redescobrindo um Estado que quase sempre esteve à margem da arte e cultura. E isso se deveu à atuação de homens insensíveis, omissoes e lacuna que hoje, com *Presença*, já foram resgatadas para orgulho de todos nós.

Assis Brasil

\*\*\*

Prezado Editor:

Li com bastante atenção a Revista *Presença* nº 10 e achei muito interessante o artigo sobre a comunidade **MIMBÓ**. Gostaria de parabenizar o jornalista Virgílio de Queiroz pela excelente informação e pedir que artigos desta natureza continuem a fazer parte da conceituada revista.

Francisco Laércio

São Paulo, 14 de agosto de 1984

Os chineses têm um provérbio famoso: "Cavalo ganha uma vez, sorte; cavalo ganha duas vezes, coincidência; cavalo ganha três vezes, aposte no cavalo".

Num país em que as revistas culturais têm vida tão efêmera, vocês já estão no número 11 de "*Presença*" e ela está cada vez melhor. Como ensinam os chineses, podemos apostar no seu sucesso.

Não sei de muitos Estados brasileiros que possuam uma revista cultural do nível desta.

Parabéns

Renato Castelo Branco

Juazeiro do Norte, 20 de agosto de 1984

A edição que me foi remetida, a de nº 11, da revista *Presença*, traz um artigo sobre o Padre Cícero, escrito pelo Pe. Matusalem Sousa, e que me interessou sobremaneira como pesquisador da vida e obra do "Patriarca do Nordeste". Os demais assuntos inseridos na *PRESENÇA* são da melhor qualidade, estando, portanto, de parabéns a Secretaria de Cultura do Estado do Piauí.

Atenciosamente,

Daniel Walker Almeida Marques

\*\*\*

Brasília, 7 de agosto de 1984

Ao tempo em que agradeço recebimento *Presença* vg correspondente trimestre abril junho vg reitero aplausos excelente publicação vg que do ponto de vista apresentação et conteúdo constitui exemplo ser imitado demais Estados pt abraços

Senador Helvídio Nunes

\*\*\*

Nazare do Piauí, 23 de julho de 1984

Piripiri, 8 de agosto de 1984

Tomei conhecimento da Revista "*Presença*" através de um amigo e muito admirei esse magnífico trabalho, que só veio ajudar a divulgar a cultura em nosso Estado, que há muito tempo se encontrava no anonimato, esquecida.

Através desta, quero parabenizar a equipe responsável pela revista e fico à disposição para ajudar nesse trabalho cultural que me envoldece.

Cordialmente, Abílio

\*\*\*

Através desta conceituada revista, tive o prazer de ler a entrevista do nosso grande escritor Fontes Ibiapina, *Presença* nº 10 pag. 10/12, no mesmo nº, Mimbó a Resistência da Comunidade Negra, pag. 21, A Luta pelas Diretas no Império, pag. 46, Depoimento Renato Castelo Branco fala de sua vida e sua formação.

No nº 11 complemento do depoimento Renato Castelo Branco (II), o que mais me impressionou é a entrevista do Mestre Dezinho, um escultor para o mundo, págs. 50/53. Mestre Dezinho, rogo a Deus que toda sua trajetória seja coberta de júbilo. Seu passado foi conturbado, seu presente está sendo magnífico e seu futuro será glorioso. Deus lhe ajude.

José Borges Reis

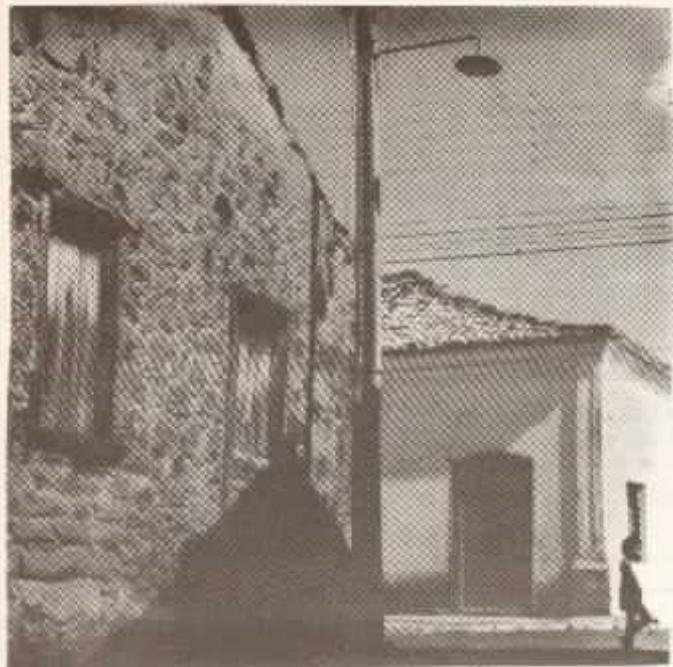
Petrópolis, 23 de julho de 1984

As nossas mãos chegou um exemplar de *PRESENÇA*. Que Linda publicação, que divulgação da cultura, que maravilhosa criação do Governo desse Estado, de mãos dadas com a cultura e aprimoramento do povo. E assim que se faz verdadeira política: cultivo do corpo e do espírito. Parabéns.

Joaquim Eloy Duarte dos Santos  
Presidente da Academia  
Petropolitana de Letras

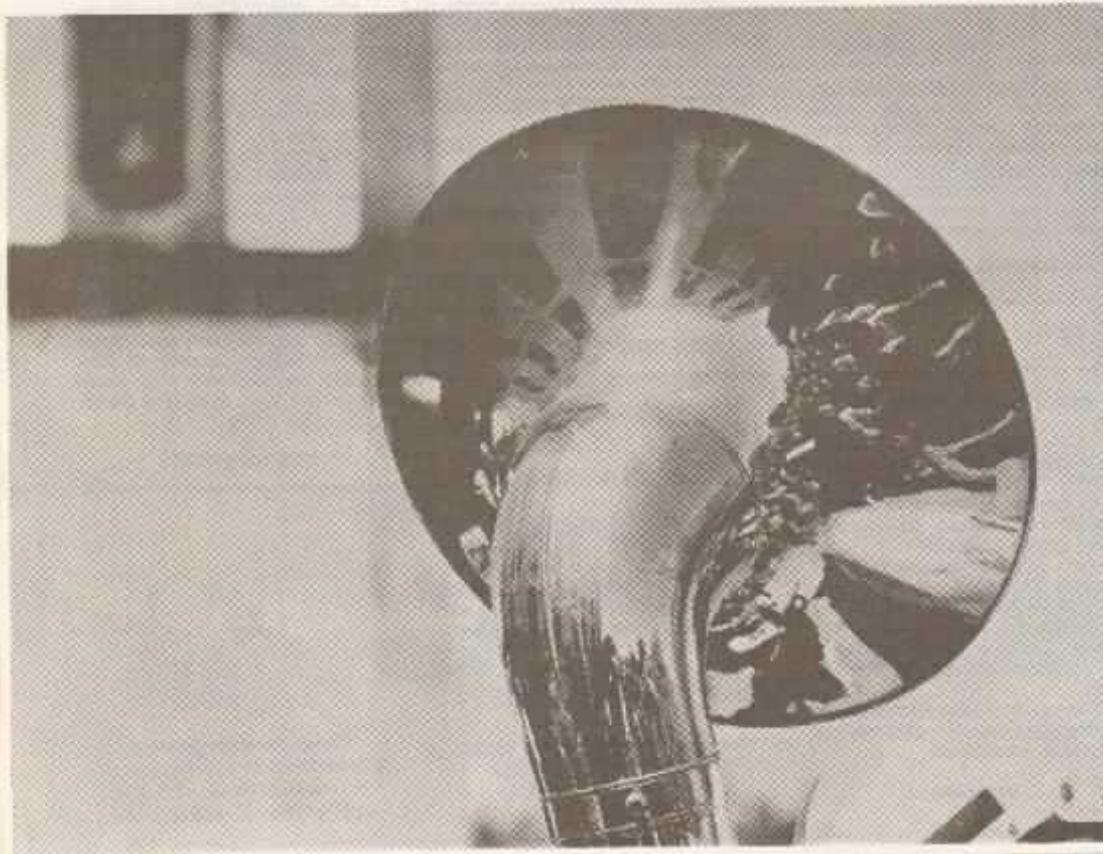
Correspondências para  
a redação da revista *Presença*:  
Av. Miguel Rosa, nº 3.300  
CEP 64.000 — Teresina - PI.

**FOTOGRAFIA**



Fogo, Portas Verdes, Bica...  
O desalinho das ruas batizadas pelo p  
Mudas madrugadas  
Ranços e brasões estocando pólvoras  
**VITÓRIA ???**  
**O EIRAS...**  
Um desbute na memória !

Alcide



MESMO

## DIA DO FOLCLORE

FLORIANO TERÁ CENTRO CULTURAL

Em comemoração ao Dia do Folclore, transcorrido no dia 22 de outubro, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo realizou o concurso de desenho "Figuras do Folclore" e a exposição "Cultura Popular e Motivos Folclóricos".

Os trabalhos dos 18 participantes do concurso de desenho foram avaliados por José da Providência, Fred Ramos, Paulo de Tarso Batista

Libório e Noé Mendes de Oliveira, que escolheram o do estudante Genivaldo de Castro Silva, de 13 anos, como vencedor e, respectivamente, os de Godefredo Couto de Carvalho e Anfrísio José Rocha Lopes como segundo e terceiro colocados.

A exposição "Cultura Popular e Motivos Folclóricos" aconteceu na Galeria de Artes do Theatro 4 de Setembro e apresentou uma boa receptividade por parte dos visitantes.

As diversas expressões da cultura de Floriano constituem uma riqueza que dura muito tempo exigiu um espaço para manifestar. Com a restauração do prédio em angra Usina Fluminense da cidade surge finalmente o Centro Cultural alusivo, local que certamente valorizará as artes, os costumes e as tradições da região. O Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros, anunciou que técnicos da Secretaria fizeram um levantamento da situação do prédio, a fim de que seja determinada a sua recuperação e a instalação do Centro Cultural, inclusive com teatro. "É uma reivindicação que certamente será atendida, pois se enquadra dentro da filosofia do governo", explicou Jesualdo Cavalcanti.



Balé Agitare

### I ENCONTRO NORDESTINO DO ENSINO DA DANÇA

A arte da dança no Piauí recebeu novo impulso com a realização do I Encontro Nordestino do Ensino da Dança, promovido pela Academia Agitare e que teve o apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo. O evento visou "intensificar o intercâmbio cultural entre os Estados nordestinos, despertar a atenção para a profissão de bailarino e professor de dança, pro-

mover mostra de dança em Teresina e enriquecer o patrimônio cultural da dança no Piauí".

O Encontro reuniu grupos de dança do Piauí, bailarinos do Rio de Janeiro e São Paulo e também contou com a participação dos Estados do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, Alagoas e Pernambuco, possibilitando mini-cursos de balé clássico, balé moderno, dança contemporânea, jazz e sapateado,

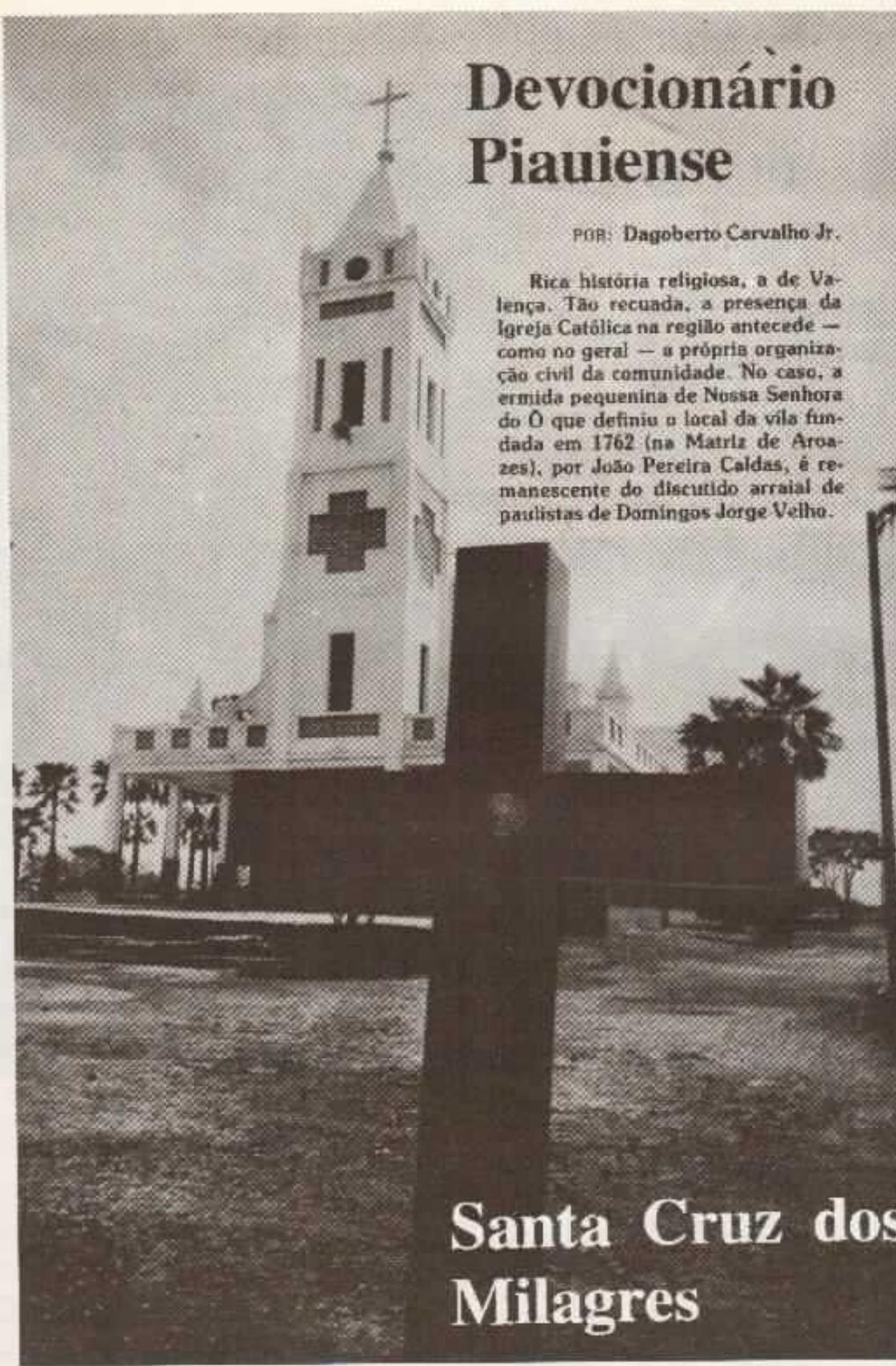
além de debates sobre temas diversos e conferências sobre "Metodologia da Arte e Ensino da Dança" e "Anatomia da Dança".

Os coordenadores do Encontro, Heli Batista e Maria das Mêndez, da Academia Agitare, agradeceram a cooperação das empresas privadas e órgãos públicos que não pouparam esforços para o êxito do evento, plenamente vitorioso.

# Devocionário Piauiense

POR: Dagoberto Carvalho Jr.

Rica história religiosa, a de Valença. Tão recuada, a presença da Igreja Católica na região antecede — como no geral — a própria organização civil da comunidade. No caso, a ermida pequenina de Nossa Senhora do Ó que definiu o local da vila fundada em 1762 (na Matriz de Aroeiras), por João Pereira Caldas, é remanescente do disputado arraial de paulistas de Domingos Jorge Velho.



## Santa Cruz dos Milagres

Para Odilon Nunes, o extermínador da Palmares habitou mesmo o vale do Caetiguinha. E, que outra razão teria tido nosso primeiro governador na escolha do local para a vila? Por que não sediaria em Aracruz mesmo onde já estava (e por muito tempo permaneceria) a matriz? Decerto não seriam desprezíveis as fundações no arraial primitivo, muito menos a capela já arrastada no recenseamento de 1758, do Vigário Manuel Teixeira Nunes.

De 1725 — escreveremos em Notícia Histórica da Freguesia de Nossa Senhora do O e Conceição — é a mais remota notícia da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Aracruz. Menciona-se o "Termo da Junta das Missões em São Luís do Maranhão", transscrito por Serafim Leite em sua História da Companhia de Jesus no Brasil. Naquele ano, os Aracruzes que até então se haviam mantido irredutíveis, "... queriam as pazas com os Brancos e queriam ao dito P. M. Gabriel Malagrida" que foram encontrados como missinário dos Caicazes, por ele aldeados, havia dois anos, no Itapicuru. Foi Malagrida quem construiu a "Aldeya, casas e sua grande Igreja" de que, em 1728, deu notícia escrita João da Mata da Gama, Governador e Capitão General do Maranhão. Essa igreja, tida por Pereira da Costa (1883) como "rufas de um templo gigantesco começado no século passado e não concluído", manteve-se como matriz possivelmente até 1840. Em 1826, apesar de contar "80 fogos", Valença ainda dispunha apenas da ermida de Nossa Senhora do O. Sua matriz — refere documento da época — fica em Aracruz, a 8 léguas e com 8 fogos.

Com a transferência da sede da freguesia, passou a primitiva capela por profundas e significativas reformas que a transformaram na igreja atual. De mais importante, a construção da nave central, abertura do arco cruzeiro e levantamento das sacristias laterais à velha ermida considerada como capela-mor. Concluída a nova matriz, foi a antiga ermida de Nossa Senhora do O, de novo, consagrada a São Benedito.

#### ORIGENS

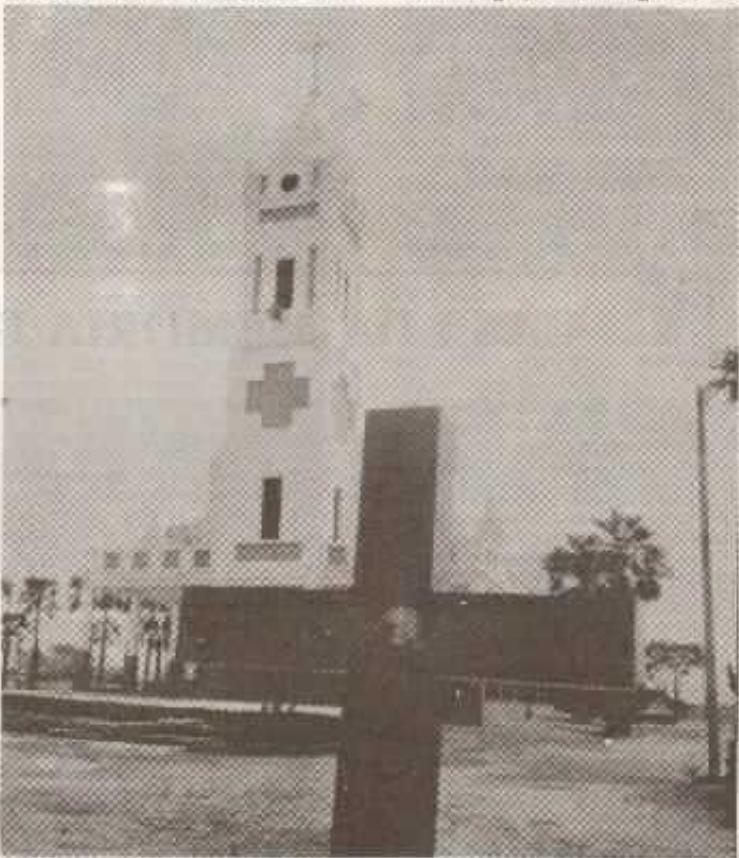
Ao lado e, em parte, como decorrência mesmo dessa presença oficial da Igreja em Valença — precursora e contemporânea da própria colonização — assistiu a região o surgimento "sponte sua" de um devocionário popular sem precedentes na história da religiosidade plauense. Ali por volta de fins do século XVIII ou, como outros querem, nos

primeiros anos do XIX, teve começo em terras da fazenda Jatobá, à margem esquerda do rio São Nicolau, à devocção valenciana de Santa Cruz Santa Cruz dos Milagres. O nome, diz a lenda — e tudo, quase, se perde na lenda — foi dado por um desconhecido que levou o vaqueiro da fazenda a plantar o madeiro que se lhe apresentava no alto de elevação que dominava a paisagem. Tinha sentenciado o homem: "No cimo deste monte as gerações futuras irão observar grandiosos prodígios e este lugar será conhecido por Santa Cruz dos Milagres. A fonte, no São Nicolau, chamar-se-á Olho-d'Água dos Milagres. Também aqui fatos inexplicáveis serão observados" (!). A partir daí, como a comprovar que as crenças místicas prescindem

de arquivos e vozes antigas e familiares, podendo olhar e ver as reminiscências fiéis do povo" (2).

#### A CAPELA

Tem-se como certa a existência, logo nos primeiros anos de uma "casa de palha sobre a Cruz" que já definia também um pequeno cemitério. Nessa "casa" celebrou o Padre José Rufino Soares de Valamira que em 1878 era vigário de Valença. A primeira capela (de taipa), assim chamada, é do início do século atual. Nela celebrou outro conhecido vigário da paróquia, o Cônego Acyano Bapista Portella Ferreira. Somente no Bispo de D. Severino Vieira de Melo (1924-1955) foi construída a igreja. Encarregou-se da



de documentação escrita, a devoção só tem crescido. A propósito, Luis da Câmara Cascudo diz aplicar em suas pesquisas, de cuja validade não se duvida, fórmula do Prof. Bruno Schier: "Precisamos de nos habituar a considerar os fatos trutais de nossa vida popular como fontes históricas, que, em força testemunha, em nada ficam atrás dos velhos documentos e crônicas". E o grande mestre de etnografia brasileira diz recorrer "à História como à literatura oficial ou vulgar dos povos estudados, valendo-se de livros,

obra, por delegação do Bispo, o procurador da Capela, Agostinho Pessoa. A igreja foi ampliada no vicariato do Padre Raimundo Nonato de Oliveira Marques.

#### AS DATAS

A três de maio comemora-se a Invenção da Santa Cruz. A festa remonta ao tempo do Imperador Constantino e de sua mãe, Santa Helena. Assegura Eusébio de Castro referir-se ao dia anterior ao da partida de Constantinopla, que foi marcado pela conversão do grande

conquistador A caminho de Roma que caía em 28 de outubro de 312, Constantino teria sido despertado pela legenda "In hoc signo vinces". Em 325, no Concílio de Nicéia, foi autorizada a restauração dos lugares santos, logo depois visitados por Santa Helena "... quando, de pronto, se descobriram o lugar autêntico da Crucificação, o Santo Sepulcro e a verdadeira Cruz do Senhor" (3). Em 347, segundo São Cirilo, de Jerusalém, as relíquias já se espalhavam por todo o mundo. 14 de setembro, festa da Exaltação da Santa Cruz, comemora a dedicação da Basílica de Jerusalém, ano de 320. Com a tomada da cidade pelos persas em 614, perdeu-se a santa reliquia somente mais tarde devolvida aos cristãos. Depõe o Padre João Leal: "O Imperador (Heráclio II) pessoalmente a levou de Tiberíades a Jerusalém, onde a entregou ao Patriarca Zacarias em 3 de maio de 630" (4). Para os ocidentais, esta, a data da Invenção da Santa Cruz. Não sem propósitos.

#### O DEVOCIONÁRIO

As santas cruzes interioranas asficiam-se quase sempre ao culto

das almas. "Toda religião, mesmo as tradicionalmente históricas, bem organizadas e transcendentes ao lado do seu rigorismo doutrinário, do seu ritualismo rígido, da sua ortodoxia, recebe acréscimos criados pelo povo, que se superpõem, como elementos parahistóricos" (5). Este, também, é o caso da devoção valenciana como, de resto, de outros cultos populares regionais. Não há dúvida quanto à influência do meio social sobre a prática místico-religiosa. O meio "age sobre as pessoas que as executam de modo marcante. De um lado pela tradição, não permite modificações súbitas tanto na forma como no conteúdo e na expressão do ato. De outro, exerce decisiva pressão sobre a população em geral, deve ela escutar com respeito à cerimônia que se realiza. Há mesmo para os fiéis, uma escala de atitudes religiosas que vai desde a simples oração à participação ativa regulada e mantida pela coletividade" (6). Pela promessa — escreve Oswaldo Xidieh — as partes se ajustam num mútuo auxílio: o homem fará um sacrifício que favorecerá as almas e estas pagar-lhe-ão (também a acordo pode ser feito diretamente com a divindade ou algum de seus

santos intercessores) o favor servindo os de diversos modos. Feita a promessa o penitente ou penitentes cumprirão à risca todos os preceitos e rituais comuns ao meio em que vivem e a efetivação do ato interessará sobremodo as datas cultuadas pela religião católica.

Assim tem vivido, também, o devocionário popular plauense de Santa Cruz dos Milagres. \*

**Dagoberto Carvalho Jr.**  
Piauiense médico, pesquisador e historiador, autor do livro "Passeio a Olaria".

#### NOTAS:

- 1 - Marques, R.N.O., Pe., Santa Cruz dos Milagres (página mimeografada)
- 2 - Cascudo, Luís da Câmara; Mousés, Franceses e Judeus; Perspectiva — Debate, 1934, pág. 10
- 3 - Leal, Juan, Pe.: Ano Cristiano, 1946, pág. 429
- 4 - Leal, Juan, Pe.; obra cit., pág. 849
- 5 - Valente, Valdemar; Folclore Brasileiro — Pernambuco, Funer, 1979, pág. 35
- 6 - Xidieh, Oswaldo Elias; Semana Santa Cabocla, IEB USP, 1972, pág. 30

## GERAIS

# CASA DA MEMÓRIA DE TERESINA

O Clube dos Diários foi declarado de utilidade pública, para fins de desapropriação, visando transformá-lo na Casa da Memória de Teresina, iniciativa invulgar do Secretário da Cultura, Desportos e Turismo, deputado Jesualdo Cavalcanti.

A notícia dos jornais de Pernambuco para Brasília, acrescenta que o Governador Hugo Napoleão assinou o decreto autorizando a Procuradoria Geral do Estado a proceder, na forma da legislação vigente, a desapropriação do casarão, já estando em tramitação no Conselho de Cultura uma proposta do Secretário no sentido de tornar o prédio e inscrever-lo no Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, possibilitando, com isso, a alocação de recursos federais para a restauração.

Essa notícia avissareira não podia ficar sem o meu registro, porque ela conforta o espírito e faz palpitar o coração, gera entusiasmo em todos os que amam o patrimônio cultural da sua terra.

As novas gerações talvez não sintam nada com a divulgação do fato, não sabem o verdadeiro significado dessa medida oficial, mas nós que vivemos nesse momento de todos os que viveram as glórias da casa de danças e de outros maiores. Quem pertence a gerações contemporâneas do Clube dos Diários sente o impacto fraco da idéia magistral do Secretário da Cultura e a súbia decisão do Governador Hugo Napoleão. O primeiro Magistrado, meço ainda, deve ter sofrido a forte pressão dos auxiliares da velha geração, saudosistas ineterados, que costumava participar da vida bullocka e contagiantes dos Diários, auto de tomar essa decisão, pois o perigo de demolição suspen-

va constantemente a estrutura que encerra um caldeirão de cultura e de recordações. A cada momento subiuam duas ameaças à vida do prédio para destinação comercial ou bancária, face a privilegiada localização. O belo e tradicional casarão estava ilhado, isolado, gritava por socorro, sofria, em silêncio, a dor da proxima imolação. Felizmente o pensamento cívico do Secretário Jesualdo Cavalcanti e o alto discernimento administrativo do Governador Hugo Napoleão livraram o nosso Clube de catástrofe, esse singular banco de memória de Teresina, "matriz da graça e da beleza", dita o nosso saudoso poeta Martins Napoleão. O Secretário disse hem quando justificou que "o Clube dos Diários foi por quase cinquenta anos o clube por exceléncia da sociedade teresinense, onde se realizavam as suas festas, as suas condecorações cívicas e seus eventos culturais mais significativos, compondo assim, parte de nossa memória histórica", considerando que o "parlamento" em que o Clube se transformou agride a todos quantos, na administração pública ou fora dela, se preocupam com a preservação de nossos bens culturais", razão porque o Secretário, "visando dar ao Clube outro destino mais compatível, propôs o seu tombamento".

Páginas calorosas, repetidos encomios, justas congratulações para o preclaro homem público, que soube traduzir a sensibilidade do povo piauiense. O pensamento cívico do Secretário prevaleceu, salvando o grande patrimônio histórico das ruínas do mercantilismo e do imperialismo.

Todos aqueles que viveram intensamente na intimidade do Clube dos Diários sentem hoje o significado do decreto governamental. Cada um em particular, aquele que frequentou todo o fastigio da casa de muitas danças e seus bailes inovadores, os dias festivos de tantos carnavales, as conmemorações culturais, os encontros intelectuais, todos os que ainda têm a dália da vida,

sentem um frenético de prazer, um arrepio sentimental, porque, quem não dirá uma ruinha, um huiu, um amarinhado, um sacabacanço, até um tango, naquela época de ontem? Naquela época "que os auras não traçam mal", tempo de romantismo e de timidez, tempo da dama do acanhamento, que duvia calafrios de felicidade, com os coelhos e os surtentes ao peito dividido das meninas. Quem não se lembra dos coloquios românticos das terraplenas e dos cantos de pescaria, daquelas promessas de amor que se transformaram em casamentos e hoje são a multiplicação da espécie humana, essas gerações, modernas e rebeldes, que não sentem o Clube dos Diários como nos sentimos cheios de saudades, apenas sabem por ouvir dizer que matrou época na cidade crescida e transformada, mas ouviam com certeza as confidências sentimentais dos pais.

Palmas prolongadas para o Secretário Jesualdo Cavalcanti e para o Governador Hugo Napoleão, pois a antiga getseio sinceramente agradece a grande promoção.

Ah! — quem não se recorda da justa MARCELINO na porta do Clube dos Diários enfrentando os penitentes, tal qual ele sólido disposto a expulsar qualquer afeto? Não necessitou balar de outros personagens, vivos ou mortos, que povoam a nossa imaginação. Basta o MARCELINO pegar despachar outras recordações no fundo de cada memória.

Com a concretização em iniciativa do Secretário Jesualdo Cavalcanti, dois grandes patrimônios culturais do Piauí se conservam no mesmo equilíbrio: o Teatro e de Sete Lagoas e o Clube dos Diários, ambos fontes inegutáveis de memória.

J. Ribamar Oliveira — Escritor, ex-editor da revista Presença.



## Uma Valsa Piauiense

Moura Rêgo

Num dos capítulos de **NOTAS FORA DA PAUTA**, livro que acabo de escrever e em que passo em revista alguns fatos relacionados com a vida artística e cultural de Teresina no meu tempo, escrevi o seguinte ao tratar das serenatas:

Uma das músicas do nosso repertório, sempre ouvida com agrado, era a valsa "Momentos Felizes". Valsa de características tipicamente brasileiras, alegre, apesar de escrita em tom menor (ré), quase toda em cheias que sobem e descem em escadas e arpejos, essa composição vive em minha memória desde 1921, quando a ouvi pela primeira vez, aos dez anos de idade. Foi na fazenda onde nasci, no interior do Maranhão, durante a celebração do casamento de minha prima Inah, que tem por ela, ainda hoje, grande estima. Tocaram-na os irmãos Deusadit (violino), Astrolábio (flauta) e Levi Granja dos Santos (cavaquinho), rapazes piauienses amigos do noivo, com meu pai ao violão. O sucesso e o efeito da execução foram enormes. Daí ficaram inesquecíveis.

Anos mais tarde, já adolescente e estudante de música, ouvi-a novamente, desta vez numa das feiras do Divino Espírito Santo em São José dos Matões, pela pequena orquestra que vinha de Caxias para animar os festegios. A pedido de meu pai, o clarinetista Godofredo Rosa lançou então a sua melodia no álbum de músicas de minha irmã Maria Cleofas, que tocava bandolim. Mas ele não mencionou o nome do autor. Daí em diante passei a tocá-la também, no violino ou na flauta, e que melhor parece adaptar-se, sempre ignorando-lhe a autoria. Em dois arranjos que fiz — para piano-solo e para violino com acompanhamento de piano — escrevi por baixo do título: "Valsa de autor piauiense desconhecido". A versão violino-piano anda hoje em mãos de amigos amadores, em cópias por mim oferecidas, os quais a executam em suas serenatas e reuniões familiares, substitu-

tudo às vezes o piano pelo violão mas sempre com agrado.

Quanto à autoria, continuei ignorando-a até 1978. Já havia solicitado os bons ofícios de Celso Pinheiro Filho, jornalista, advogado e intelectual amigo, no sentido de esclarecer o assunto, inclusive através de pesquisa no arquivo musical da Polícia Militar do Estado, cuja história ele escreveu tão bem. Infelizmente, logo em seguida o Piauí perdia para sempre aquele seu ilustre filho, meu querido confrade da Academia Piauiense de Letras. Falando a respeito com o Dr. Miguel Caddah Filho, arquiteto e pianista, foi este amigo que me forneceu a pista certa para a solução do problema. Com efeito, naquele ano, ao rever Teresina após dezenove anos de ausência, tive a alegria de aí conhecer pessoalmente Manoel Fabiano, piauiense de Batalha, antigo mestre de banda e autor da famosa valsa "Momentos Felizes". Oteve-me então cópia autografada de sua obra-prima, onde se lê a data em que foi composta: 16 de dezembro de 1918, trés anos, portanto, antes daquela em que a ouvi pela primeira vez.

Alto, magro, desempenhado, gestos rápidos, Manoel Fabiano não demonstra a idade que tem — uns 80 anos quando o conheci. É duro, vivo, conversador, de uma simpatia irradiante. A cor escura e a carência de recursos materiais não lhe trazem complexos. Espírito aberto, alma nobre, é bem relacionado e, apesar de velho e pobre, vive feliz. Fizemos logo boa amizade. Contou, para mim e a pianista Maria Yeda Caddah, com quem o visitei em casa do velho companheiro José Lopes de Sousa, como nasceu a conhecida valsinha. Regressava de uma festa, em lombo de burro, entre Batalha e Piracuruca, e depois de longo percurso resolveu parar para descansar e dar pequena trégua ao animal. Sentou-se à sombra de uma árvore, à beira da estrada. Havia chovido. O cheiro da terra molhada e o farfalhar do mato acariciado pelo vento úmido lhe acordaram no peito a saudade de

casa. A solidão tomava conta de tudo. Foi aí que a inspiração o cutucou. Rápido, tirou o papel de música que trazia dobrado no bolso e, de um jato, lançou nela a melodia das duas primeiras partes daquela que viria a ser uma das mais famosas valsas piauienses. A terceira parte, em Fá maior, só veio dias depois, o que não demonstra a sua linha melódica de características exatamente idênticas às anteriores. Quanto ao título, não foi posto por ele. Informou que o deve a uma senhora amiga, bandolinista de Barra, a qual, interpretando a música certamente em estado de graça e pela primeira vez, achou por bem batizá-la como ficou conhecida, o que aceitou.

Em interessante artigo publicado na Revista da Academia Piauiense de Letras, de junho de 1979, no qual relata as peripécias de uma viagem de balsa de Santa Filomena a Teresina, Carlos Eugênio Porto escreve o seguinte: "A bebida correu farta, a orquestra da casa incorporou-se à nossa mesa, todo mundo se esgotando na cantoria de uma valsinha de H. Neto, "Momentos Felizes".

Como se vê, o meu saudoso amigo, amante de música e bom de violão, cometeu equívoco. Equívoco alias fácil de justificar, primeiro porque H. Neto, que deve ser o velho santonário de Campo Maior Honório Bona Neto, é também autor de muitas músicas espalhadas pelo Estado, e segundo porque inúmeras terão sido as cópias manuscritas de "Momentos Felizes" distribuídas não só no Piauí como no Maranhão sem indicação da autoria, como a primeira que me veio às mãos. O fato serve, entretanto, para demonstrar a popularidade da valsinha de Manoel Fabiano, chão adentro e pelas beradas festivas do rio Parnaíba.

Ao despedir-me de Manoel Fabiano, naquela ocasião, solicitei-lhe posar para uma fotografia. Queria guardá-la como recordação do nosso encontro. Ele já se aprumava e ajustava o colarinho da túnica que vestia, para a foto a ser batida em frente à casa de Zé Lopes, quando, pedindo licença, voltou ao interior quase aos pulos, de onde logo regressou com o boné, complemento indispensável de todo mestre de banda que se preza. Conservo assim a lembrança dele, ereto entre mim e Maryeda, como a de um velho amigo de muitos anos e que aguardasse apenas os "momentos felizes" de um encontro para se revelar. Milagre da música.

21 a 23 DE NOV.  
DE 1984



(CONGRESO  
PIAUENSE  
DE IRRIGAÇÃO  
E DRENAGEM)

# CONPID

## O II Congresso Piauiense de Irrigação e Drenagem

— será realizado no período de 21 a 23 de novembro próximo, no Centro de Convenções de Teresina, juntamente com a II Feira Piauiense de Equipamentos e Materiais de Irrigação — FEPEMI.

Estarão presentes centenas de brasileiros que se interessam por irrigação: técnicos do setor agrícola, especialistas, fornecedores, agricultores, políticos e estudantes. Juntos, eles vão apresentar e debater métodos, idéias e processos de irrigação, numa abordagem ampla e significativa.

Participe. Confirme sua presença.

### II CONPID

Promoção: Secretaria de Planejamento  
Secretaria de Agricultura  
Governo Hugo Napoleão



# Vida Literária no Piauí

Como realiza a sua vocação literária um autor piauiense, seja ele jovem iniciante, ou de outra geração? Para ambos, os caminhos são em incenso. As suas dificuldades reproduzem as que se conhecem da Bahia para cima, avultando desde logo os poderosos obstáculos que o presente momento brasileiro impõe ao diálogo escritor-leitor, entre um e outro um sistema editorial que faltou quando se inspirou nos ideais de "livre empresa". E o que transparece das informações oddas a este articolista por Francisco Miguel de Moura, ensaísta, poeta e ficcionista do Piauí, ora residente na Bahia:

Ao avaliar a literatura no Piauí, nos dias de hoje, Francisco Miguel de Moura rende homenagem preliminar a Fontes Ibiapina, nascido em 1921, em Picos, confidenciando em todo o país graças aos seus romances impregnados de verdade humana e afecção à terra, um dos quais, *Filia de Arroz*, a Editora Catedral reeditou no Rio, em 1973. Fontes Ibiapina figura entre os escritores que não emigraram para o Sul. Ficou no interior português de Parnaíba, cultivando as lendas e a linguagem do seu povo atento no sofrimento da gente piauiense, flagelada pelas secas e pelo pobreza. Foi leitor de romances, *Paremiologia Nordestina*, de sua autoria, "acordou o Sol, espreguiou a Lira", segundo Câmara Cascudo, que sobre ele escreveu: "Livro poderoso pela documentação", que "vale uma dúzia de volumes na espécie". Sobre Ibiapina e a sua ficção escreveu Jorge Amado: "Você está retratando a vida do povo do seu Estado com talento e amor".

Mais moço do que Ibiapina, Geraldo Geraldo Rego de Carvalho portou-se do mesmo modo que o seu confrade de Picos. Após uma temporada no Sul, voltou a fixar-se no Piauí, em Teresina. Seu romance *Somos Todos Inocentes* mereceu o Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, em 1972. Sobre ele declara Francisco Miguel de Moura: "A sua obra mais importante é *Rio Subterrâneo*. Obra extraordinária, tanto pelo aspecto da criatividade, como pelo estilístico".

Outros escritores emigraram, tangidos pelas notórias determinantes de melhores condições de vida e de tribuna de maior alcance. Em diferentes países, são hoje

convergidos: Carlos Castelo Branco, Antônio Brasil, Esdras do Nascimento, Francisco Pereira da Silva.

No Piauí, como na Bahia, ou onde quer que se pense, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, fatores diversos fizeram surgir, na década de setenta, a literatura dita "marginal", que se socorre do inédito para dar o seu recado. Marginalidade pelo gosto da marginalidade não tem sido, hoje-hora, sabido. O voto ao velejante editorial de larga audiência, pela implementação apressada de sistemas gráficos custosos, modernização para a drenagem de dólares via multinacionais, esteve — e está — nas raízes dessa poesia do desamparo do recente. No Piauí esta geração pagou a sua quota de sacrifício, mas partiu de outras bases, outros meios, sacados da imaginação e do espírito de grupo, criando a revista *Circundinha*, que em setembro próximo passado publicou o seu décimo número. A revista se consolidou a partir de um movimento de novos intelectuais de Teresina, denominado "Circanda", lançado num ato simbólico no Teatro 4 de Setembro, a tradicional casa de espetáculos da capital piauiense. Acolhe colaborações de todos os recatários do Brasil, mantém-se com a publicidade de livros da terra e através de uma rede de assinantes. Outros autores dessa geração, que Francisco Miguel de Moura menciona: Robertino da Nascimento, Pereira Bezerra, José Pinto.

Do mesmo modo que em outros estados o colapso da "livre empresa", editorial pertencente ao Piauí as "edições do autor" e transferiu para as instituições oficiais o dever de publicar o autor local. A Universidade Federal o faz, através de uma programação própria, inaugurada com um romance de Abdias Neves, autor do inicio do século. O primeiro a escrever ficção, entre os seus contemporâneos, Abdias Neves sofreu a influência do grupo de escritores cearenses do Realismo-Naturalismo. Segundo o exemplo da Universidade, a Academia de Letras, ora prevista por Arimatéia Tito Filho, franqueou-se à literatura, seu prejuízo dos seus compromissos com os tribunais de História e Folclore. Inprime uma revista que sai regularmente duas vezes ao ano. Não segregou, do meio dos seus editados, os

muitos mais jovens. Um bom sistema de distribuição da ajuda a essas iniciativas.

A situação da Fundação Cultural do Piauí e da Secretaria de Cultura do Estado tem sido positiva em relação às letras. Sob os auspícios do último desses órgãos, circula a revista *Presença*, já em seu quarto ano em 1984, e em março passado no décimo número. Ao lado da flocão de notórios contemporâneos, há, nesse número, seções dedicadas ao ensaio, música, fotografia, teatro, história e cultura popular.

Cidade de aproximadamente 400.000 habitantes, Teresina tem quatro livrarias e em sua Universidade Federal está uma das principais bibliotecas do Piauí. Outra, a Desembargador Cromwell de Carvalho, pertence ao governo estadual e conta com seu acervo com uma documentação quase completa de autores piauienses. O Arquivo Público do Estado a esses também dedica espaço, conservando, por outro lado, os jornais ali editados, dos quais pesam importantes coleções. São valiosos os seus arquivos, parcialmente considerável dos documentos da História do vizinho Estado do Maranhão permanece sob a sua guarda. Trata da antiguidade dos territórios.

Francisco Miguel de Moura foi membro do Conselho Estadual de Cultura. A ele creditamos o maior das informes desta artigo, ressalvadas as indagações e interpretações da responsabilidade facilmente identificável. Tem um romance, *Os Estigmas*, a apresentar ainda este ano em São Paulo, com apresentação prevista também em Salvador. Seu ensaio *Línguagem e Comunicação*, análise crítica da obra de Orlando Geraldo Rego de Carvalho, foi editado em 1972, pela Artonova, do Rio. Organizou uma antologia de contistas piauienses, intitulada *Piauí: Terra, História e Literatura*, co-edita em 1978 pela Editora do Escritor, de São Paulo, e pela Editora Cirandinha, de Teresina.

Em que medida — permite a indagação articolista — essas e outras das livrarias piauienses antes mencionadas foram impressas as expectativas editoriais do seu Rio-São Paulo?

Nelson de Araújo

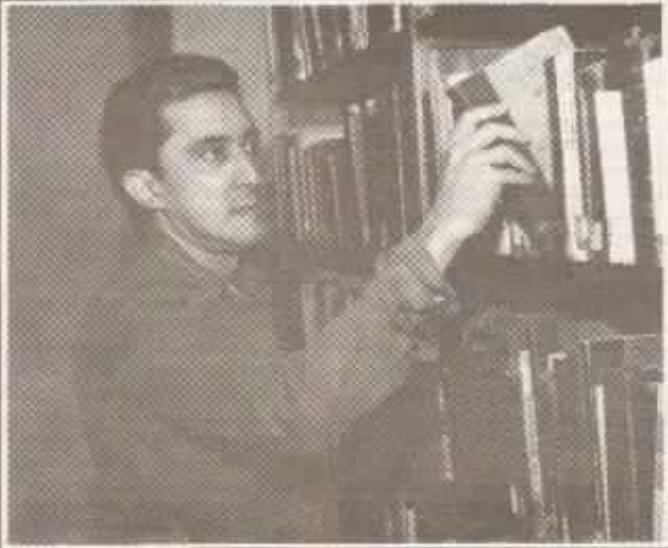


# "A HUMILHAÇÃO CÓSMICA É MAIOR DO QUE A SOCIAL"

Depoimento de Assis Brasil

O escritor piauiense Assis Brasil acaba de reunir, num só volume, mais um Ciclo dos seus romances, publicados anteriormente. Trata-se de o Ciclo do Terror, de que fazem parte: *Os que bebem como os caes*, *O aprendizado da morte*, *Deus o Sol Shakespeare*, *Os crocodilos*. Todos estes romances foram premiados em concursos nacionais. Anteriormente, também num só volume, ele publicara a Tetralogia Piauiense, agrupando os roman-

ces *Beira rio beira vida*, *O salto do cavalo cobridor*, *A filha do meio quilo*, *Pacamão*, com que presta significativa homenagem à sua terra natal. Aqui, neste depoimento, Assis Brasil fala sobre a sua infância, sobre seus livros, sobre a vida literária e cultura em geral. E a visão do homem e do escritor. Podemos dizer, no entanto, que é um depoimento piauiense, pois o seu Estado é o foco e o centro, ainda, de suas preocupações humanas e literárias.





Primeiros anos

Eu era um menino meio solto, meio largado, embora tivesse apanhado várias vezes por causa disso. Queria me sentir livre: tomava banho no rio Parnaíba, sempre escondido e com alguns "moleques", como diziam alguns preconceituosos. A noite a gente pulava o muro das casas que tinham mangueiras carregadas e às vezes saímos enxotados pelos cães. A certa altura eu ganhei uma bicicleta, o que me facilitou andar pelos subúrbios pobres da cidade, tornando os primeiros contatos com a miséria humana.

Quando me entendi, meu pai tinha uma quitanda, onde vendia fumo e cachaça. Depois ele cresceu um pouco e abriu um bar na Praça da Graça. Bar e praça são sempre citados nos meus romances. Mais tarde meu pai abriu uma fábrica de gelo no cais Com caldeira a vapor, tudo montado por ele. Como não tinha para quem vender uma tonelada de gelo, passou a fazer picolé, e acho que foi aí que começou a sua decadência comercial, embora o pioneirismo do empreendimento. Lembro-me de que minha mãe dizia assim para os filhos: "Se perguntarem o que seu pai faz, digam que ele é um industrial. A fábrica, ele tentou reativar em Fortaleza, para onde nos mudamos por volta de 1943. Outro tracasso. A família sofria com isso. Meu pai acabou sem nada em Manaus, onde tentou a exploração de um sítio de juta. Nessa altura, em 1957, quando andei por lá (eu já estava no Rio), ele tinha voltado aquela quitanda pobre que eu conhecia na infância. Neste periplo da família, entre Parnaíba, Fortaleza e Manaus, eu assumi a minha independência no Rio da década de 50, a partir dos meus dezoito anos. Trabalhava no comércio e estudava à noite. Creio que frequentei o primeiro ou o segundo curso de Jornalismo da Universidade Católica.

#### Primeiros Personagens

Voltando ao cais velho de Parnaíba, foi ali que conheci Luiza, a

Dostoievsky dizia que o escritor tinha que sofrer para escrever. Eu acrescento: sofrer ou observar e sentir o sofrimento do seu semelhante

prostituta do romance Beira Rio Beira Vida. Ali também, creio, se formou o sentimento primário que levaria ao escritor. A mulher ia lá em casa, de vez em quando, pedir ajuda à minha mãe. As vezes eu levava, no cais, alguma coisa para ela, que morava num barraco miserável. Dostoievsky dizia que o escritor tinha que sofrer para escrever. Eu acrescento: sofrer ou observar e sentir o sofrimento do seu semelhante. Um dia vi na TV uma escritora grá-fina dizer que isso era bobagem: o curioso é que a sua literatura, feita em viagens de lazer num iate, não é nada, não alcança o humano, o lado profundo e misterioso do ser. Fica só na peripécia, no entrecho, como matéria de jornal. A criação literária é outra coisa. E digo mais: não é só o sofrimento social que conta para o escritor ou artista, mas também o que chamo de humilhação cósmica, a angústia metafísica. O homem se sente humilhado e ofendido por falta de um conhecimento mais profundo das coisas, do Mistério que, para mim, é uma categoria da Realidade que não precisa, necessariamente, ser desvendada. É como querer ver a face oculta de Deus. Aqui é onde entra o escritor com a sua intuição e apreende e sente o Mistério por outras vias que não nos passam de late ou jogando golfe.

Conheci mais três mulheres de vida patética em Parnaíba. Eram parentes de minha mãe: nossas tias velhas e uma prima. Foi na casa delas que recebi a primeira bofetada, sofrí o primeiro trauma em relação à miséria social. A Luiza do cais tinha ficado algo envolta na paisagem do rio e dos navios-gaiolas: ela só iria doer em mim muito mais tarde. As tias velhas, não. Elas eram pobres e solteironas. As suas vidas foram tão violentadas, tão patéticas, que jamais consegui escrever sobre elas, mas, sem dúvida, elas são uma espécie de barro original de onde tenho tirado, com o sopro da criação, outros personagens sofridos. Por que nunca contei a vida delas tal e qual aconteceu? Não sei. Talvez por serem a chave do meu aprendizado de vida e do meu impeto de registrar algo sobre a condição humana.

Uma daquelas mulheres era mãe solteira, o que é outro sortilégio nordestino, além da miséria. A outra, já bem velha, ainda esperava pelo "noivo" que tinha ido para a Amazônia quando moço e nunca mais dera notícias. Tia Cândida, como a chamava, andou lecionando, curso primário, pelo interior do Piauí, até perder as forças. Aposentadoria? Isso não existia. A filha da mãe solteira também ficou solteirona e com a história de um noivado algo escandaloso. No meu romance, A Filha do Meio Quilo, me aproximo um pouco da história delas, mas o livro é muito menos patético do que a realidade.

Bem velhas, as três viviam em função desses dramas pessoais e "escondidos". Fui sabendo de tudo aos poucos, por parte de minha mãe, que as ajudava. A tia Cândida me contava histórias e penteava seus longos cabelos, ainda negros. A tia Izidra era meio sensitiva e gostava de ler a "sorte" das pessoas através de um copo embrulhado numa mesa, que corria, sob a sua mão, para algumas letras em volta, formando palavras. Lembro-me de que ela não olhava para o copo e tremia muito, as palavras sendo formadas com coerência. O que me marcou: as duas velhas esperavam ainda pelos noivos e a filha, já também velha, ainda tinha esperança de conhecer um príncipe encantado. Elas mantinham uma espécie de nostalgia da volta: Em meus romances há muito isso: a espera, a volta. A filha da mãe solteira era quem sustentava a casa, com um emprego nos Correios. Como o país sempre foi o mesmo, o salário dela foi diminuindo em função do custo de vida, como agora. Lembro-me de que minha mãe vivia reclamando das coisas caras, subindo todos os dias. Então aquelas três mulheres patéticas, de repente, já não tinham quase o que comer. Eu ainda não prestava atenção à sua miséria social e humana porque era um menino e vivia o meu mundo de aventura e fantasia. Mas um dia, por acaso, cheguei na casa delas na hora do almoço e fui entrando até a cozinha. Elas ficaram nervosas e esconderam seus pratos, para que eu não visse o que estavam comendo: batata cozida e arroz. Nada mais. De tarde tomavam café preto com pão. Tia Cândida acabou tuberculosa. Fraca, muitas vezes tinha vertigens e se viciou em cheirar éter, que a despertava por momentos. Eu a vi morta. Ela estava na sala, deitada no caixão, o rosto verde descoberto. Quando cheguei, a tia Izidra me pediu dez cruzeiros para comprar um lenço



para cobrir o seu rosto... Passei muitos anos sonhando com esta cena, vendo-a viva, eu querendo que vivesse, que ficasse boa. Tive um sonho, uma vez em que ela me aparecia curada, saudável, alegre.

O fato é que eu tinha descoberto, a partir daquela cena do almoço, o lado sofrido e patético da vida. Sofri algo daquele choque — mal comparando — que Buda sentiu quando saiu do seu palácio de príncipe e descobriu a miséria, a pobreza, o sofrimento.

#### A tetralogia Piauiense

Todos os personagens da Tetralogia Piauiense são reais a partir daquelas vidas, daquele barro original, em que tem esculpido o escritor outras vidas. Sei que muitas pessoas colocaram a carapuça na cabeça em Parnaíba. Alguns num chegaram a ler direito os romances e se sentiram insultados. Isso já aconteceu com outros escritores que escreveram sobre a sua província. Os livros de Joyce foram proibidos na sua terra. Dublin, e o baiano Jorge Medauar ameaçado de morte na sua Águia Preta.

Ninguém escreve objetivamente para acusar este ou aquele ou tornar públicas as mazelas sociais. Mas que o escritor retrata um meio social, é claro que as mazelas humanas vêm à tona. O nome dos personagens são acidentais, coincidentes às vezes. Há um personagem no meu romance *Pacamão*, tido como real — o próprio ser "vivente" se identificou — que tem uma dimensão humana muito melhor do que o personagem dito real. Ele também foi uma espécie de barro original: estudando no Rio, no Colégio Militar, quando chegava em Parnaíba desfilava na Praça da Graça, de farda branca e espadim de lado. O menino o admirava, o escritor colhia o "embrizo" de futuros personagens. Sei que ele ficou chocado quando leu — se é que leu — o romance *Por que?* Talvez porque apareça como um boêmio, que na realidade era. E que ele só olhou para este detalhe e não para a di-

mensão humana que lhe dei, fazendo-o crescer como um ser sensível.

#### A Volta

Muitos perguntam por que nunca voltei a Parnaíba. Primeiro, a minha família saiu toda de lá e perdi a motivação emotiva imediata, de voltar. Segundo, vim muito moço para o Rio, logo que terminei o Científico em Fortaleza. No Rio o começo foi duro, eu sozinho, enfrentando tudo. Eu sofri todas as violências da cidade grande, e o que me salvou, espiritual e financeiramente, foi a literatura. Engraçado, não é? Num país como este onde não se dá valor à arte. Fui uma vez ver minha família em Manaus, quando meu pai estava por lá com uma plantação de juta. E recebi outra bofetada da vida: ele tinha voltado aquela quinta-pobre do começo e minha mãe estava tão envelhecida que não a reconheci. Passei os olhos pelas pessoas que me esperavam no aeroporto. Estava a sua procura. Não a reconheci, após apenas sete anos de ausência. Quando identifiquei minha irmã, reconheci nela os traços de minha mãe e voltei-me para aquela velhinha enrugada que, apressiva e assustada, me olhava com ternura e pesar.

**A área da cultura é muito restrita no Brasil, só um grupinho: que faz curso superior, que compra livro**

Durante a primeira década de vida no Rio, não poderia pensar em voltar para lugar algum. Comecei a trabalhar no comércio — minha mãe me ajudou no começo, com sacrifício. Uma certa época, já no segundo emprego (1957), trabalhando como Correspondente nas Casas Pernambucanas, eu fazia diariamente a seguinte maratona: passava o dia todo trabalhando em S. Cristóvão, saía às seis da tarde correndo pra ir jantar no restaurante dos estudantes, no centro da cidade, e dali pegava um bonde pro Largo do Machado para tomar um lotação que me levava à primeira aula do curso de Jornalismo, que estava fazendo na Universidade Católica. Sempre perdia a primeira aula.

#### Os Prêmios

O Walmap foi o primeiro grande prêmio nacional que conquis-

tei. Foi lançado pelo Banco Nacional. De vez em quando algumas empresas privadas têm essas veleidades de supostamente ajudar a cultura. O mesmo está acontecendo agora com a Nestlé. Eles pensam que vão se promover e se enganam. Prestígio! Não sei se isso interessa às multinacionais. A área da cultura é muito restrita no Brasil, só um grupinho: que faz curso superior, que compra livro. Uma província cultural dentro de um país miserável, que concentra poder político e econômico num pequeno círculo de privilegiados do sistema. Quando as multinacionais descobrem que estão investindo sem retorno, desistem.

Mas o Walmap foi importante para mim, como trabalho, como esperança, oportunidade de conseguir editor. Ganhei dois Walmap, o primeiro (*Beira Rio Beira Vida*) e o último (*Os Que Bebem Como os Cães*). De lá para cá, tive ganho inúmeros outros prêmios literários. Na verdade, quase todos os meus romances foram premiados. No Brasil, isso não significa muito, afinal.

#### Estudo e Influências

Embora de vez em quando machucado, sempre enfrentei o Rio sem medo. Vi inúmeros outros nordestinos desistirem da cidade grande, voltarem, morrerem. Sempre acreditei em mim, com humildade. Para sair de um emprego que me desgostava, botava o bone e ia embora, refugiando-me no estreito maior, a literatura. O que me facilitava — digo sempre isso aos jovens escritores — era que eu tinha adquirido um suporte cultural muito bom, sabia escrever e me valorizava. Ler, estudar, é fundamental. Com crise ou sem crise, com onda de desemprego ou não, quem tem uma cultura se sai melhor, tem melhores oportunidades. Leva vantagem. Estudei muito sozinho no Rio e, ainda hoje, com minhas pesquisas, estudo muito. Isso dá um lastro a você, e você pode até escolher o emprego que quer e se impõe.

Como comecei a ler literatura muito cedo, li a literatura brasileira quase toda, somando a isso a minha atividade de crítico literário de mais de vinte anos. Particularmente gosto de Graciliano Ramos, Machado de Assis e João Guimarães Rosa. Fui o primeiro crítico a escrever sobre o Grande Sertão: Veredas, isso em 1956. De vez em quando aparece um "esquerdinha" desinformado dizendo que Machado de Assis é um alienado. É aquela coisa do "saropê" ideológico que sempre dá na adolescência política. Além de ro-



mancista, Machado de Assis foi um excelente crítico literário e um cronista do seu tempo. Nos romances retratou toda a burguesia brasileira em formação, após aquele pseudo-aristocracismo do tempo dos escravos. Na verdade não sei definir quem me influenciou. O único escritor que tentei imitar foi o José de Alencar, mas eu era um menino. Mais importante do que a influência direta, de um ou dois escritores, é a tradição, o que você encontra já feito, e a literatura brasileira tem uma tradição muito "nova", se podemos dizer assim, muito recente. Balzac tinha atrás dele dois mil anos de cultura.

#### Jornalismo e Literatura

Antes de ser jornalista profissional já era escritor. Comecei cedo. Escrevi um romance aos dezesseis anos e já fazia crônicas para a imprensa de Fortaleza. O curso de jornalismo foi para me dar uma profissão mais estável. O fato curioso: embora eu tenha feito de tudo no jornal, da reportagem de rua ao editorial, sempre trabalhei nas redações, em função da literatura, pois ia sempre publicando meus artigos, contos, críticas, traduções, e ganhando dinheiro com isso. Em ordem cronológica, fui o primeiro crítico literário a se profissionalizar no Brasil, entre 1956/61, no *Jornal do Brasil* (Supl. Dominical), muito antes das revistas *Veja* e *Isto É* pagarem uma ninharia para terem seus críticos exclusivos.

Toda vez que se fala em jornalismo e literatura, a gente pensa logo no escritor norte-americano Ernest Hemingway. Ele disse que aprendeu muito no jornal, mas fazia uma observação: o escritor pode fazer e aprender muita coisa numa redação, e pode fazer uma boa literatura desde que se livre do jornalismo a tempo. Muitos dos nossos escritores não puderam se livrar, quer do jornal ou do emprego público humilhante. Eu me livrei. Posso dizer que sou o único escritor profissional da minha geração. Vivo do livro e em função da literatura há mais de dez anos.

Uma vez me perguntaram se a condição de jornalista me facilitou me tornar um escritor conhecido, se é que sou conhecido neste país dos mobrais. Não facilitou, não. O escritor que consegue fazer carreira paralela com o jornalismo cria até mesmo um certo atrito com os coleguinhas — todos com veleidades literárias — que não publicam livros. Toda vez que eu publicava um livro e o mostrava para os colegas de redação, sentia que surgia um certo ressentimento no ar, um clima de frustração por parte deles. Muitos que me procuraram para me mostrar seus continhos, estão hoje afogados no jornalismo desgastante da televisão, sem poderem escrever literatura.

Então ser jornalista não ajudou a ser escritor em termos de promoção ou coisa parecida. É certo, no entanto, que algum conhecimento na área dos meios de informação ajuda um pouco, mas eu tenho que cavar, ainda hoje, uma promoçãozinha do seu novo livro, pois os editores, todos pequenos, não têm condições de investir em publicidade para o seu produto, o que vive do cigarro, do carro e dos eletro-domésticos.

#### Vocação e Espiritualidade

Eu acho que há um propósito em tudo o que você faz, seja aparente ou concreto ou misterioso. Para o escritor há uma tendência, sem dúvida, uma vocação: se você quiser chamar assim. Esta realidade nossa é superficial e o artista é quem a revolve para tirar significados mais profundos. Há alguns que se cansam ou desistem porque, verdadeiramente, não foram tocados. Veja o caso de Chagall: tem 97 anos e pinta ainda todos os dias. O artista tem uma "visão sacramental da realidade", como disse Huxley quando tomou a mescalina. Ele chegou à conclusão que o trabalho do artista tem o mesmo efeito dos "indutores" químicos, do misticismo, da meditação, para que se alcance a iluminação, a identidade com a Divindade. Há meios místicos e químicos para se chegar a isso, e até os feiticeiros antigos, que mascavam fumo sabiam disso, mas a arte é um meio natural e mais legítimo para a iniciação. João Guimarães Rosa, que não acreditava no Deus cristão, achava que o sentido da sua vida era a sua obra, com a qual se apresentaria no dia do Julgamento Final. Tenho um arraigado sentimento religioso, mas não tenho religião. E que as religiões, como seitas, como entidades ao nível das entidades lei-

gas, de modo geral, no Ocidente, pregam as "maravilhas" da morte, de outro mundo, quando a vida é que é importante e Divina. Há um sentido místico, de mistério, de divindade em cada ser vivo que você observa. Cada vida tem um propósito. "Acerca a vida em sua forma pura e natural e floresça em sua plenitude", disse aquele incrível Indiana Rajneesh.

As religiões declararam guerra contra o sexo, por exemplo, dai advindo a repressão social e familiar, e, pela reação ao contrário, a permissividade e a luxúria. "No momento do coito estamos perto de Deus", disse ainda Rajneesh. Nietzsche, que era cientista e poeta, já tinha dito que a religião tentava matar o sexo por envenenamento. Mas ele não tinha morrido e continuava vivo e cheio de veneno. Duas mentalidades, uma oriental e outra ocidental — um homem religioso e um ateu — dizendo a mesma coisa.

#### Vender livro no Brasil é um milagre renovado a cada instante

#### O Livro e o Escritor

Minhas maiores alegrias foram motivadas pela literatura. Não tenho queixas. Enfim, estamos no Brasil, um subproduto do capitalismo selvagem. No caso do livro, para vendê-lo, você tem que romper todo tipo de barreira: editor, vendedor, livreiro, distribuidor, caloteiros. Pode parecer um paradoxo, sempre digo a maior barreira para a venda do livro é a livraria. No Brasil, é claro. Alguns editores estão saindo para vender diretamente nos colégios, com descontos; etc. Os livreiros não gostam, mas eles são culpados por isso. Eu tenho um livro que vende zero nas livrarias (de modo geral não é encontrado) e nos colégios num semestre. Um dia desses um escritor jovem me perguntou o que teria de fazer para vender o seu primeiro romance. Eu lhe respondi sem pestanejar: você mata a sua própria mãe e se suicida em seguida. Ou pula do Corcovado com o livro na mão, para apanhar a rebarba de uma publicidade macabra. E que vender livro no Brasil é um milagre renovado a cada instante. Ou o livro se vende sozinho ou por algum acidente, ou por algum modismo do momento. Por exemplo: de repente ficou na moda o exilado escrever livro. Como tenho uma vasta experiência nes-



**Então, como atingir o povo com o livro, com a leitura, que é importante? Através das entidades públicas, criação de bibliotecas, infantis, para adultos, campanhas sobre o hábito da leitura**

se setor, acho que o caminho nem é o livro barato nem as grandes tiragens de sentido popular, com papel inferior, etc. Este setor, que alguns editores querem atingir, ou seja, da massa (que não comprar caro nem barato) não existe no paradoxal Brasil. Existe um pequeno grupo de poder aquisitivo que compra o livro, por qualquer preço. E sabem o que compra? Os bestsellers americanos porque são atingidos pela propaganda que já vem de fora. Difícil um escritor brasileiro entrar neste circuito, só por acidente, como disse. Então, acho, o marketing do livro no Brasil teria de ser dirigido exatamente para este grupo, como fazem as multinacionais. Você já viu alguma multinacional querer vender alguma coisa na favela?

Então, como atingir o povo com o livro, com a leitura, que é importante? Através das entidades públicas, criação de bibliotecas, infantis, para adultos, campanhas sobre o hábito de leitura) etc. O Estado tem que ser o mecenas, sem pruridos ideológicos ou comprometimento do escritor, ou não chegaremos a nada.

Terminando este depoimento, gostaria de acentuar: Gosto de ser piauiense. Parnaíba continua viva em mim, pois dentro de si você sempre conserva o menino que foi. Meus romances piauienses ou nordestinos, são a exteriorização desse amor à terra natal. Por outro lado, nos meus livros de história literária sempre destaquei o Piauí. Agora mesmo acabei de fazer um longo verbete sobre o Piauí para um grande Encyclopédia. Sou um escritor brasileiro e

do Piauí. Embora de família modesta, tive uma infância feliz e livre às margens do rio Parnaíba.

#### OBRA DE ASSIS BRASIL

##### Romances:

TETRALOGIA PIAUENSE: *Beira Rio Beira Vida*, 1965; *A Filha do Meu Quilo*, 1966; *O Salto do Cavalo Cobrador*, 1968; *Paca-mão*, 1969; Edição conjunta da Tetrilogia, 1979. CICLO DO TERROR: *Os Que Bebem Como os Cães*, 1975; *O Aprendizado da Morte*, 1976; *Deus o Sol Shakespeare*, 1978; *Os Crocodilos*, 1980. Edição conjunta de Ciclo, 1984. FABULAS BRASILEIRAS: *O Livro de Judas*, 1970; *Ulisses, o Sacrifício dos Mortos*, 1970; *A Rebellião dos Orfãos*, 1975. QUARTETO DE COPACABANA: *O Destino da Carne*, 1982.

##### CONTOS:

*Contos do Cotidiano Triste*, 1955; *A Vida Não é Real*, 1975.

##### Infanto-Juvenis:

*Verdes Mares Bravios*, 1953; *A Volta do Herói*, 1974/83; *Tiúbe, a Mestiça*, 1975/84; *AVENTURAS DE GAVIÃO VAQUEIRO: Um Preço Pela Vida / 1º Episódio*.

1980; *O Primeiro Amor / 2º Episódio*, 1980; *O Velho Feticheiro / 3º Episódio*, 1980; *A Viagem Proibida* (reune o 4º, 5º e 6º Episódios, respectivamente: *O Sequestro*, *A Viagem Proibida*, *A Peña Vermelha do Gavião*), 1982; *Tanico e Carnica*, 1982; *Mensagem às Estrelas*, 1983; *O Mistério de Kanrei*, 1984; *Zé Carrapeta, o Guia de Cego*, 1984; *O Menino Candeeiro*, 1984.

##### Ensaios e Crítica Literária:

Faulkner e a Técnica do Romance, 1964; Cinema e Literatura, 1967; HISTÓRIA CRÍTICA DA LITERATURA BRASILEIRA: Craciliano Ramos, 1969; João Guimarães Rosa, 1969; Clarice Lispector, 1969; Adonias Filho, 1969; Carlos Drummond de Andrade, 1971; A Nova Literatura: O Romance, 1973; A Poesia, 1975; O Conto, 1975; A Crítica, 1975. O Modernismo, 1976; Joyce, o Romance Como Forma, 1971; A Técnica da Ficção Moderna, 1982.

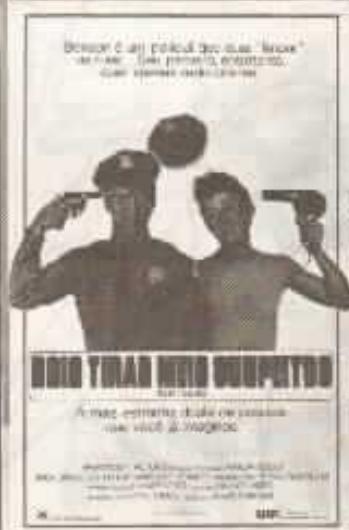
##### Didáticos:

Redação e Criação, 1978; Vocabulário Técnico de Literatura, 1979; Dicionário Prático de Literatura Brasileira, 1979; O Livro de Ouro da Literatura Brasileira, 1980; Estilos e Meios de Comunicação, 1983.

Visite, em Campo Maior-Pi,  
o Museu do Couro e o  
Monumento do Jenipapo



## Programação dos filmes de novembro e dezembro no seu Cinema Centro de Convenções



INSCREVA-

# *Uma cadeia para a sua liberdade*



O Piauí confiante no desenvolvimento do Turismo interno, está implantando uma cadeia de hotéis para você desfrutar em liberdade, roteiros que você mesmo descobrirá.

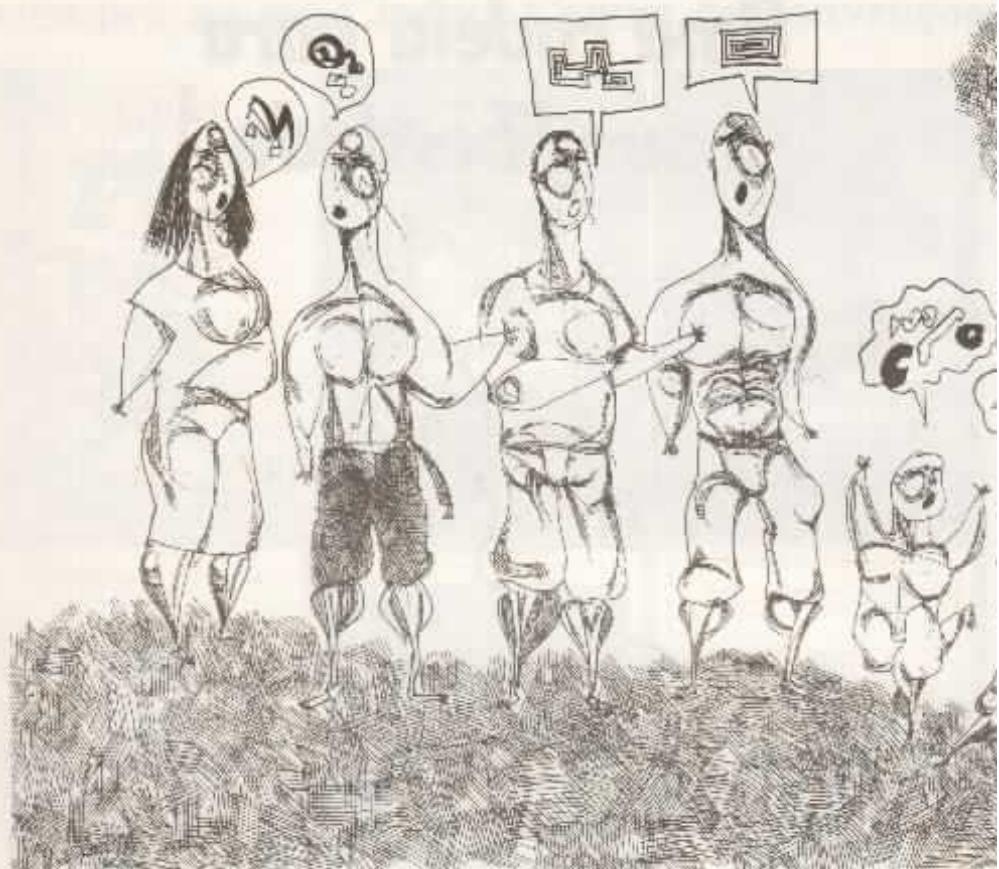
O Hotel Rimo na cidade de Corrente, já está em pleno funcionamento e estão aprovados os projetos para Luiz Correia, Esperantina, Canto do Buriti e S. Raimundo Nonato.



Rede Integrada de Hotéis e Motéis do Piauí S.A. — RIMO  
Fone: 223-3100 — Teresina - Piauí

Vinculada à Secretaria de Cultura,  
Desportos e Turismo.

## PESQUISA



POR: Catarina de Sá S. M. da Costa

**O Povoado Canto está situado na zona rural do Município de São Gonçalo do Piauí e possui aproximadamente 1.000 habitantes (1), distribuídos em oito "famílias" (2).**

Professora de linguística da UFPI

22 RESENHA

**E**sse povoado está inserido em um contexto social e político mais amplo, ao qual denominamos de "área de contato", constituído pelos municípios de Água Branca, Amarante, Regeneração, Angical do Piauí, São Pedro do Piauí, além do próprio município de São Gonçalo.

O grupo humano que habita o Povoado Canto mantém com os habitantes da área de contato, ou seja, os regionais, relações de muita exclusão. Esses regionais consideram os habitantes do Canto "diferentes" deles regionais e apontam como indicador dessa diferença o "jeito de falar" peculiar desses habitantes. Deprende-se, pois, que em vista da diferenciação estabelecida pode tratar-se de dois sistemas culturais em conjunção. Porém, os habitantes do Canto, por sua vez, cientes das diferenças que lhes são atribuídas,



recusam-se a admitir que são diferentes, bem como que falam diferente deles regionais.

O primeiro estudo desenvolvido junto ao grupo do Canto foi realizado no período compreendido entre julho de 1977 e dezembro de 1978. Nessa ocasião realizou-se uma pesquisa de campo cujo objetivo principal consistiu em colher dados linguísticos para análise da variedade de língua falada pelos habitantes desse povoado. Além da coleta desses dados linguísticos foi feito também um levantamento de dados socio-culturais do grupo. Paralelamente à pesquisa de campo, fez-se um estudo da história do Piauí na tentativa de verificar a existência de alguma informação que situasse historicamente o grupo. Tanto a pesquisa de campo quanto a investigação histórica fizeram parte de um projeto que se destinou a subsidiar a elaboração de uma dissertação de

Mestrado em Linguística, apresentada e defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Catarina, em dezembro de 1979. A referida dissertação teve como parte central a análise fonológica da variedade de fala dos habitantes do Canto em confronto com a variedade de fala falada na área de contato. Esta análise se baseou em um corpus (3) de 1.329 itens lexicais colhidos junto a falantes nativos do referido grupo, distribuídos em três faixas etárias (de 15 a 25 anos, de 26 a 45 anos e mais de 45 anos) conforme critérios explicitados pela autora (Costa, 1979), e a falantes nativos da área de contato. Os itens lexicais colhidos na área de contato correspondiam à mesma área de significados dos itens colhidos no grupo do Canto. Os aspectos fonológicos analisados foram aqueles aspectos mais frequentes no falar do Canto, obtidos a partir do corpus, notadamente o sistema "pitch" (4) e a redução parcial ou total da sílaba tônica no final da palavra.

A análise fonológica mencionada acima consistiu na aplicação de um modelo teórico baseado em pressupostos da Fonologia Natural (5) (Stampf, 1972) e da Fonologia Natural Pura (6) (Angenot, 1977). O resultado dessa análise mostrou que o sistema "pitch" da fala do Canto se difere significativamente do sistema "pitch" da área de contato. Enquanto o sistema "pitch" da fala do Canto

"... se manifesta em várias configurações às quais refletem claramente um sistema tonal com três tons puntuais (baixo, médio e alto), dois tons modulados (ascendente e descendente) e um contraste bem definido entre sílaba mais longa e breve".

"... o sistema "pitch" da fala da área de contato manifesta-se claramente do tipo acentual com um contraste entre-sílabas tónicas e atônicas, sendo as sílabas tónicas as mais longas, e as sílabas atônicas sempre as mais breves" (Costa, 1979).

Quanto à redução parcial ou total da sílaba tônica no final de palavras, só ocorre na variedade de fala do Canto.

O modelo teórico de análise apresentado, aplicados aos dados fonológicos das duas variedades, tanto do Canto quanto da área de contato, e considerando os dois aspectos fonológicos já aludidos, permitiu avaliar os graus de conservação e perda da variedade linguística do Canto em relação a um possível substrato linguístico (7) desse falar, como também o grau

de assimilação da variedade do Canto em relação à variedade de fala da área de contato (8). Concretamente essa avaliação demonstrou que falantes do Canto que pertencem à faixa etária mais velha não são mais fiéis ao suposto substrato linguístico do que falantes da faixa etária mais jovem. Em contrapartida, falantes desta faixa etária apresentam um grau de assimilação da variedade de fala da área de contato maior do que os falantes da faixa etária mais velha. Quer dizer, quanto mais jovem é o falante, menor é a presença de traços fonológicos do suposto substrato linguístico, e maior a presença de traços fonológicos da área de contato.

Os dados socio-culturais colecionados junto aos habitantes do Canto demonstram diferenças bastante acentuadas em relação à área de contato. Como exemplo mais significativo podemos citar, antes de tudo, a posse coletiva do território do povoado, o casamento preferencial dentro do próprio grupo, além de inúmeras outras práticas, religiosas, de saúde, de lazer, etc., muitas das quais são próprias do Canto, enquanto outras são práticas da área de contato que neste não se usam mais.

Com relação à pesquisa histórica não foi possível tirar conclusões definitivas acerca da origem do grupo, posto que nada foi encontrado na história do Piauí que relate diretamente com o Povoado Canto e seus habitantes.

Independentemente da definição de uma origem do grupo contemporâneo, o certo é que, no momento, o grupo apresenta, de fato, muitos aspectos linguísticos e socio-culturais de um modo socio-cultural, de um modo geral, os quais não são encontrados na área de contato. Por outro lado, a própria organização social do grupo é um tipo diferente daquele encontrado na região de contato. Como ilustração disso podemos citar a organização do grupo em "famílias": cada uma ocupando uma determinada área física que não se confunde com a área de qualquer outra "família". Cada "família" é composta por indivíduos ligados por laços de parentesco consanguíneo, que possuem um ancestral comum, uma área do território exclusiva para suas residências e de seus descendentes, um nome (de "família") e um "jeito de falar" próprio.

Segundo os próprios habitantes do povoado o "jeito de falar" de cada habitante é indicador explícito de pertinência de cada um à sua "família" (Costa, 1983).

A situação linguística do Canto é peculiar e de importância socio-lingüística porque os diversos falares falados no Canto são todos

## PESQUISA

inteligíveis para a totalidade dos habitantes do povoado, embora cada um só fale seu próprio falar, isto é, o que é próprio de sua "família". Para eles, "jeito de falar" é uma maneira de falar indefinível que cada família apresenta, mas que é perceptível ao nível concreto da fala. Eles conseguem descrever apenas alguns poucos traços linguísticos, de forma vaga e imprecisa. Mesmo assim, sem diferenciação muito marcante, constituem marcas de identificação e diferenciação social implicadas nas relações sociais entre grupos e pessoas.

Tem-se notícias fornecidas por pessoas tanto da área de contato quanto do Canto segundo as quais os antigos habitantes do Canto falavam mesmo uma língua diferente. O "jeito de falar" diferente atribuído pelos regionais aos habitantes desse grupo remete ao inicio das relações entre os dois grupos, as quais se davam, talvez, em outras bases. Mas ainda hoje, a população do Canto é discriminada pelos regionais, e o "jeito de falar" genérico do Canto como um todo, é recriminado.

### NOTAS

- 1) Calcula-se que 100% no levantamento anual de domicílios realizado pela SLCAM, em 1976.
- 2) O termo "família" como está sendo usado neste artigo, é o do mesmo modo que no Canto, e refere-se a um grupo de indivíduos unido por laços de parentesco consanguíneos, que têm: um co-nônia, um ancestral, um avô (de "família"), um "jeito de falar", entre outras características. O termo não se confunde com: nem com as noções de família nuclear, nem de família extensa.
- 3) Corpus é um conjunto de enunciados (ou variedades) possíveis emitidos por falantes de uma dada língua, numa determinada época e lugar.
- 4) Fonologia Natural, segundo Stamps é uma teoria linguística que explica a substituição de sons ocorrida na fala das pessoas como sendo um processo fonológico natural. Um processo fonológico natural é "uma operação mental aplicada na fala para substituir uma classe de sons, que apresenta uma dificuldade específica e comum à capacidade de linguística de indivíduo, por uma classe alternativa idêntica em todos os outros aspectos mas sem a propriedade difícil". Apesar das pessoas terem uma capacidade natural para falar, essa



Povoado Canto-PI

capacidade revela limitações na história e não nos torna os falantes de qualquer "barreira" genética" (Herré 1983). Em todas as línguas, substituições de sons são feitas por crianças durante aprendizado da língua materna; substituições também são frequentes na aprendizagem de uma segunda língua. Essas substituições que ocorrem na fala de uma pessoa ou de um grupo social são regulares e quase sem exceções.

- 5) Fonologia Natural Pura é uma teoria que adota as premissões básicas da Fonologia Natural, conforme Stamp, mas acrescenta algumas considerações novas de importância decisiva, como critério analítico: "A originalidade principal do modelo da fonologia natural pura consiste em afirmar que todas as regras fonológicas da competência em falante estão sujeitas a um condicionamento de natureza exclusivamente intrínseca".
- 6) Substrato linguístico é um sistema linguístico em língua provavelmente falada pelos antigos habitantes do Canto e que está desaparecendo em favor da aprendizagem da variedade de português regional.
- 7) A variedade de fala dos regionais, como se refere no artigo, é uma variedade de português. O sistema fonológico dessa

variedade apresenta como característica básica um contraste entre sílaba tónica e sílaba atônica, talvez conhecido e difundido mesmo entre alguns falantes comuns da língua portuguesa.

### BIBLIOGRAFIA

- 1) ANGENOT, J-P. *Studies in Pure Natural Phonology* (1981).
- 2) COSTA, Catarina de Sena S. M. da. *Uso de Português tonal no Brasil*. Dissertação de Mestrado. UFSC, Florianópolis, 1979.
- 3) —. *Caracterização Fonética da Fala de Canto e da Fala de Angical*. Trabalho apresentado para integralizar ao Curso de Documentação Linguística, UNICAMP, Campinas, SP, 1981.
- 4) —. *O "jeito de falar" dos Habitantes do Canto: uma estratégia de identificação social*. Comunicação apresentada no VII Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro, setembro de 1983.
- 5) DE FRE, Gisele L. *Fonologia Transformacional e Natural (uma introdução crítica)*. Núcleo de Estudos Linguísticos, Fluminense, 1989.
- 6) SAMPTER, David. *On the Natural History of Diphthong*. Papers of the Chicago Linguistic Society, Chicago, 1972.

## COLABORAÇÃO PARA A "PRESENÇA"

As colaborações literárias destinadas a publicação na REVISTA PRESENÇA deverão chegar a sua redação (Av. Miguel Rosa, 3300-S — 64.000 — Teresina — PI — Brasil), até o dia 30 de novembro.

Temos o maior interesse em contar com as mais diversas colaborações culturais.

O EDITOR



## A MOEDA DE OURO

POR: João Emílio Falcão

**O** menino tinha a mania de roubar. Não que previsse, por natureza: A mãe rezava, o pai praguejava, ambos choravam. Os dias não vividos prenunciavam-se negros.

O sol que iluminou sua humilhação derradeira estava posto no início da vingança, futura glória. Em busca do desaparecido, mais uma vez, como sempre, os lampões, velas e lâmparinas acenderam à noite. As canoas percorriam as águas do Parnaíba porque, sendo a vida da minha terra, era, também, o grande assassino com que nos ameaçavam desde os primeiros passos. Na seca, como estávamos, mal o desafiavamos, deixando sempre dois ou três mortos que iam fazer companhia ao cabeça-de-cuiá, povoar suas águas e encher de temores nossas noites. Busca inútil porque estava distante, no campo, dependurado de um cajueiro por embra trançada em três pernas: como amava-se.

O vento nos acompanhou suave na noite de procura, mas pela alvorada, quando alguns o encontraram, estava forte, as saias grudando na bunda das mulheres, distraindo nossos pensamentos. Rêus, quase todos de um crime público, não esqueciamos as risadas com que na véspera acompanharamos sua desgraça durante a manhã que, depois, passou a ser lembrado como a da vergonha.

Dez, quinze minutos, não importa o tempo. Sessentos, oitocentos metros, tolta questão. A morte ao seu lado na caminhada em que se despediu da cidadezinha animada pelo incidente. Rimos, era de se rir, o coronel a atravessar a praça e os três quartéis entre sua casa e o grupo, puxando-o pela orelha.

Lentos. Olhos no espaço, os outros não existiam. Olhos no chão, mas vendo que todos o viam. Olhos de um no outro, verde-canavial, ainda iguais naquele passeio, mas, depois, diferentes

para sempre. Vazio uns, mortos nos 23 anos e 212 dias em que o vilão amargurou seu destino. Os outros, verdes como as folhas nasceridas após a primeira chuva. Eternos que a morte não os cerrou, a viverem na recordação de quantos os viram mortos. Como que se foi a nos olhar a nós os seus assassinos, um pouco cada.

Lembrava-me sempre como era seu pai antes de tudo ao vê-lo durante esses anos, bengala a perscrutar os caminhos que, senhor da terra, percorria alto, chapéu de palhinha com fita preta, botas de couro, coronel do meu sertão. Nós últimos anos, triste coronel, respeitado não pelo poder, que por ele não se interessou mais, e sim pela decadência que o elevou aos nossos olhos. Foi, de inicio, odiado pela vergonha que tínhamos de nosso comportamento e pelo qual o responsabilizávamos, porém com o tempo lhe transferimos nossos pecados e verdadeiramente passamos a amá-lo.

Seu enterro, ontem, recordou-me nossa honra e nossa tragédia e reuniu quase todos da vila, mesmo os que vieram depois e não tinham, como eu, uma dívida com o passado. De burrel e pés no chão, os companheiros de irmandade carregaram nos ombros a rede, os braços pendidos, que ele, desde quando negaram a seu filho o campo santo, pedira que o enterrassem como aos pobres.

Solitário coronel que conquistou nosso amor quando procurou a humilhação e pudemos vê-lo, todas as manhãs, a varrer a Igreja de São Benedito, a dos pretos. As tardes passeava lentamente com D. Inácia, no entanto, sofreu mãos porque, fora da existência, continuou vendo-o, falando-lhe, como se ainda vivesse. Deu-lhe uma vida própria, ora queixando-se de suas travessuras de criança, ora referindo-se ao seu filho médico que, minuto depois, estava chorando no berço ou passeando na fazenda. Os homens descobriram-se e as mulheres rezavam baixinho ao vê-los porque o filho dera-lhes outra alma. Fizeram-nos nosso.

Na alvorada o descobrimos: os grandes olhos abertos, o cabelo caído na testa. O coronel chegou no Negrinho, suado de correr a noite toda na procura desordenada. O coxinilho branco quase arrastando nas caçambas. Os vazios riscados de sangue pelas esporas de prata. Ninguém os viu chorar. Segureu as pernas do filho, que cataram à altura da cintura, puxou o corpo para si e ficou longo tempo assim. Em torno, as pessoas aglomeravam-se como se muitos subbessem, desde o inicio, que ali estava e apenas houvessem esperado a alvorada para descobri-lo.

## CONTOS

Começaram a cantar "no céu, no céu, com minha mãe estarei..." e foram, depois, acompanhando-os até a casa onde D. Inácia, terço na mão, Padre Affonso ao lado, os aguardava. Os olhos à espera do que a cantoria lhe informara. Foi na lua da selva como desde que nasceram percorria, com o pai, as léguas e léguas de domínio dos Valadares, que um dia seriam seus se não tivesse a mania de roubar.

O menino tinha a mania de roubar. Pequenas moedas desapareciam sempre em casa. Tirava-se do troco do mercado, da bolsa da mãe, do cofre do irmão. Castava tudo em bala, na quitanda da praça. O pai brigava, a mãe o defendia; todos se torturavam. Fizeram tudo, o que pensavam ser tudo, bateram-lhe, contaram estórias, deram-lhe dinheiro, fizeram promessas a Deus e ao menino, castigaram-no. Nada. Continuou a tirar dinheiro de todos, até das empregadas. A mãe cobriu os furtos, o coronel sofria.

"Triste fim! Rezo por ele todos os dias. Quando o ouvia em confissão jamais pensei que fosse condenar-se ao inferno. Quem se mata não pode ver Deus, nem ser enterrado direito. Logo o melhor aluno de catecismo... Parecia um dos preferidos do Senhor. Não era. Se fosse, não se matava. Esteve em minha casa naquele dia. Dormiu a sesta, que neste calorão a gente não pode fazer nada depois do almoço. A Benedita me avisou. Pedi que viesse mais tarde. Não voltou".

"Eu o amava, amor de menina é certo. Sempre nos olhamos. Ficava de longe, vigiando. Costava-dele, porém, naquele dia acho que o magoou um pouco. No inicio da tarde estávamos juntas, na porta do grupo, quando passou, cabeça baixa. Uma colega nossa, do admission, gritou: "Ai minha orelha!" Rimos todas. Virou-se, encarou-me com o olhar que a morte lhe deu horas mais tarde. Eu o amava, estou certa".

O coronel tinha o maior orgulho de seus 46 patações de ouro, herança de família. Mostrava-os raramente, só depois de muita insistência. Ao tira-los da caixa, com algodão para evitar que se chocasse, estregava-os um a um com flanela e, antes de guardá-los, voltava a limpá-los. Ficava muito satisfeito quando o chamavam de "o coronel dos patações de ouro", um reconhecimento de sua origem que o distinguia dos outros que, tendo gado, terras e votos de cabresto, eram também coroneis.

Naquele dia Padre Affonso levou dois amigos para verem o orgulho do coronel, que se fez de rogado, mas resolveu mostrá-los. Como sempre estendeu a manta de veludo e foi colocando-os com o maior cuidado. Um dos amigos de Padre Affonso observou:

— Coronel, o senhor disse que são 46, mas tem apenas 45.

— São 46, então não sei...

— Eu só contei 45.

Contaram-nos juntos. Eram 45. O coronel esgarçou da caixa. Nada. Ficou parado lívido. De re-

pente saiu apressado, esquise os patações em cima do azul.

"Engraçado a vida. Comilhice a gente vê que não há. Os erros permanecem. Outocomemoraram meus 25 anos de magistério, elogiaram minha gema, exemplo moral, mas no tempo recordando como entrou no grupo. Arrancou da cadeira, vou-o pela orelha. Fingi que va ocupado no quadro: não brigar com o irmão do Pr. Antes de sair vagueou a viagem com mim e companheiros, que me lembro, não da coque a vergonha me deu. Um vadia não se paga, não se cê."

A praça é dois quartéis de distância da casa, o coronel bate-lhe de cinto ainda nudesvairado. Os primeiros, atraindo as pessoas às portas, rindo as que passavam. Deveu correndo, abraçou-o, e o protegendo. A toa, o cão empurrou-a na frente de Ela caiu nos primeiros degraus da escada, ele se voltou para a mãe, o cinto em suas costas.

Na sepultura, aos pés de eiro em que morreu, já que já não o enterrou, o povo de terra se acostumou a jogar das em pagamento das graças. Hoje, entre elas, bolas de 46 patações de ouro perdido, a dos pretos, o que achou a seus pés a que faltava sua coleção. E que seu filho de morto, encontrou pela qual se suicidara e a deu ao pai.

João Batista Faísca  
Paulistano, advogado, jornalista e comitista.

diretor de publicações do Comitê de Defesa do Congresso Nacional

SANTA PEDRA!  
AQUELE DEUS  
DEVE TÁ COM RAIVA.





PADRE  
CICERO

## O PONTO DE CONTRADIÇÃO

Esta afirmação explicita a postura da grande população nordestina de Juazeiro do Norte, ou de lá embrionada, para espalhar-se em todo o país. A luz desta mesma afirmação, aparentemente rebelde, outras afirmações vêm traçando o perfil de Padre Cicero, sua santidade e sua memória na alma do povo em diversas classes sociais dos brasileiros. É deste bojo bem popular que podemos arrancar a figura ciceriana sem estereótipos ou manobras intelectuais justificadoras de determinadas posturas ideológicas (cf. Matusalém in Rev. Presença, Ano V, nº 11, abril/junho, 1984, pp. 40-41). A ideologização de realidade do povo é que constitui o maior perigo ao estudar-se um homem do povo. Perigo de desligá-lo de sua gente. Tudo isto equivale dizer que "é difícil compreender um santo prescindindo da consciência coletiva de seus devotos".

O perigo de ideologização do fenômeno "Padre Cicero do Juazeiro" constitui-se no próprio grito do povo. Este grito de pavor é a expressão popular dosromeiros e a manifestação angustiosa do povo simples e devoto a respeito do serido de Doc Comparato, televisado há pouco tempo. A reação do povo não significa, em nenhum momento, a rejeição dos meios modernos de comunicação, nem da propagação de que lhe é caro, mas recusa dumra ideologia intelectual ou política que se atrela ao patrimônio cultural popular. Esta consciência é clara nos versos do poeta-cantador-de-violão — Pedro Bandeira — no folheto "O Filme do Padre Cicero" levado à tela nos anos 70. Neste folheto, o poeta conquizado pelo sentimento e alma do povo cearense, comenta a produção cinematográfica de Helder Martins com muita fidelidade e sua gente:

"No Ceará que Iracema deixou seu nome plantado, o Padre Cicero também por Helder Martins, filmado prova que o intelectual faz se viver no presente, o que se viu no passado.

Padre Cicero é imitado neste filme brasileiro por nosso Jofre Soares, grande artista e bomromeiro, que para aumentar a fama mostra o feliz panorama da história do Juazeiro."

No comentário de Pedro Bandeira, aparece — em todo o folheto — a preocupação de que não deve ser adulterada a índole nordestina e religiosa de Padre Cicero como o missionário do serido, pressionado de um lado pela estruturada teologia do Seminário e, por outro lado, pelo quadro vivo de miséria onde passou

POD: Pr. MATUSALÉM

## CULTURA POPULAR

a viver. Quadro de pobreza e de fome; de nudez e de analfabetismo constante. Deste modo, a contagem do tempo para a decisão fundamental do missionário agir com o povo, é imensurável como as belas que saiam dos granadeiros dos cangaceiros — seguranças do sertão — e fazer brotar um tipo de vida conciliado entre a realidade vivida e a perspectiva aberta pela história de salvação a ser proclamada e assimilada na vida sertaneja (vide Rev. Presença Ano IV, n° 10 janeiro/março 1984 pp. 27-31) de tal modo a proporcionar ao poeta popular as condições de traçar o perfil do patriarca:

'Padre Cícero é camponês porque nasceu no sertão,  
viveu e fez o bem  
de rezar e de oração,  
é para ser respeitado  
e não é para ser zombado  
por outros da profissão.'

'Padre Cícero é o velhinho  
que já está perpetuado:  
como vigário, é um santo;  
como amigo é dedicado;  
como católico rezou;  
como político chegou  
ser governo de Estado'

'Padre Cícero é o passarinho  
que voa sem ter problema;  
passou pros livros e contos;  
folhetos, música e poema,  
rádio, jornal e programa  
e, para completar a fama,  
ainda está no cinema'  
(Pedro Pandeira, O Filme do Padre Cícero)

— Crucificam o Santo do Povo! — Tal expressão é que amplia a consciência doromeiro diante a problemática intelectual sobre a figura controversa de Cícero Romão Batista, cuja significação só é fundamentalmente experimentada pelo povo como diz o próprio Pedro Bandeira na sua "Carta Aberta ao Papa" (05/03/1980):

"A cidade progrediu  
com trabalho e oração,  
criada como refúgio  
para peregrinação  
quem vinha ouvir conselho  
do Padre Cícero Romão".

Em base a este e outros depoimentos cordelinos, carece penetrar na memória popular e traçar o perfil de Padre Cícero a partir da base. E, um dos elementos de comunicação desta base (povo) é Literatura de Cordel.

"Falei em nome do povo  
do nosso Brasil querido.  
se eu for contar mais coisa  
o cordel fica comprido;

agora chegou a hora  
de lhe fazer meu pedido"  
(Pedro Bandeira — "Carta Aberta ao Papa.)

### 2. O PADRE CÍCERO DO POVO

A imagem popular de Padre Cícero tem o cheiro da vida nômade do valente sertanejo. Sertanejo de vida bem apertada na simples expressão do velho Capistrano de Abreu — o sétio dos caminhos coloniais. A paisagem do centro primitivo colonial ou remanescente dele assim é pintada. "de couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde, como para as mulheres parirem; de duro couro todas as cordas, a borrhacha para cercar água, o mocó ou o alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar o cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de face, as brucas e surrões, a roupa de entrar no mato, os hangués para curtume ou para apurar o sal; para os açudes, o material do esterco era levado em courcos puxados por juntas de bois que calcavam a terra com o seu peso, em couro pisava-se tabaco para a nariz.

As primeiras freguesias (paróquias de hoje) variavam de oitenta a cem léguas. Diz Capistrano de Abreu: "que muito tempo viveu esta gente nordestina entregue a si mesma, sem figura de ordem nem organização". Como esta gente era católica e a Igreja obrigava-a à frequência dos sacramentos, naturalmente qualquer vigário ou alguém mais animoso, mais zeloso ou mais cípido saía de tempos em tempos a desobrigar as ovelhas temotas (MACEDO, Neri, "O Padre e a Beata" Cruzeiro Rio 1961, 35).

Assim era, pois, o tempo com seus costumes: os vaqueiros pastoreavam o gado, os fazendeiros pastoreavam o povo e os padres as almas. Daí porque o povo, especialmente do vale do Cariri, sempre teve as suas rezas e as suas orações. Dentre muitas a Oração das Treze Palavras Retornadas:

"Anjo Custódio, amigo meo, das treze palavras ditas, e retornadas, quero que me digas uma. Uma he meo Senhor Jesus Cristo, que vive, e reina, para sempre, sem fim. Amém. Anjo Custódio, amigo meo, das treze palavras ditas, e retornadas, quero que me digas duas. As duas são as duas taboas de Moises, a onde Deus Nosso Senhor, pôs os seus sagrados pés, uma é meo Senhor Jesus Christo, que vive e reina, e reina vivo para sempre, sem fim. Amém. Anjo Custódio, amigo meo, das treze palavras ditas e retornadas, quero que

me digas três. As três são Patriarcas, Abraão, Isaa cob, as duas taboas de onde Deus Nosso Senhor seus sagrados pés, e he nho Jesus Christo, que reina para sempre sen Amém..." Iorá Joaquim José Marrocos ensinado no povo)

Como estas muitas e outras do povo não foram ensinadas Padre Cícero, mas apenas, esionário quis se misturar com gente porque assim estaria perto de Deus. Dentro destes, confessa Amélia Xavier ter aprendido de Padre Cícero a seguinte oração:

"Mãe de Deus  
Mãe Soberana  
Mãe das Dores;  
De hoje para sempre eu  
trago  
a vós como vosso filho e  
consegui ao vosso serviço  
nh' alma.  
o meu corpo e tudo o  
pertence;  
Abençoai a minha fama  
meus trabalhos,  
os meus heróis; sede  
protetora na vida e conc  
ao céu para viver feliz p  
eternidade. Amém" (C  
RA, Amélia Xavier de "O  
Cícero que eu Conheci" Ca  
rio, 1969, 43).

Os primeiros povoadores zeiro foram o Brigadeiro I Bezerra Manteiro e seus descendentes. Os ancestrais do Brigadeiro em linha direta tamaru com Paraguaçu, e mesmo da décima descendente Brigadeiro Leandro era donc genho "Moquem", herança do Capitão Antônio Perez que o recebera, como dote, da filha do casamento com sua filha Ana Bezerra de Meneses. A gleba correspondia ao espaço Rio Batatela até a Serra do (hoje Horto), mais especificamente a fazenda "Taboleiro de", que pertencia ao município de Crato e espalhava-se em direção a São Pedro.

O ponto mais pitoresco da era a ligeira elevação do próximo ao rio Selgadinho, o viam três grandes juazeiros formando triângulo e sobre entre os demais, pelo tamanho suas copas e pela beleza de suas folhas. Sob esta florlheda, procuravam abrigo jantantes feiristas que de Bela Missão Véia e outros lugares dirigiam ao Crato para vender produtos e comprar mantimentos para a semana.

## CULTURA POPULAR

— Foram estas árvores que deram nome ao Juazeiro!

Ali se encontravam os vendedores ambulantes. Ali combinavam: "vamos descansar lá nos Juazeiros". Neste local do terreno, bem perto dos juazeiros, o Brigadeiro Leandro construiu sua casa da fazenda. Em torno espalharam-se os morambus dos escravos, esparsos entre as terras, onde na época do inverno, faziam-se os roçados de milho, arroz, feijão e mandioca (MACEÇO, N. op. cit. 33-56; OLIVEIRA, A. Xavier de, op. cit. 23-29). A igreja dedicada à Mãe de Deus e dosromeiros viria depois...

Tudo isto aconteceu antes de 1827 quando fora celebrada a primeira missa no Juazeiro. Esta data fora cantada e decantada na Literatura de Cordel, confessa Dr. Irineu Pinheiro, que registrara o evento no livro *Ephemérides do Ceará*:

'Quem ler "O Sul do Ceará" hebdomadário cratense, de 16 de abril de 1905, lerá um artigo assinado por José Joaquim de Mário Lobo, ter sido sentada a Pedra Fundamental da Capela da Nossa Senhora das Dores de Juazeiro do Norte, em 15 de setembro de 1827, havendo Missa cantada na casa de Oração pelo padre Pedro Ribeiro Monteiro (o mesmo que assina Carvalho), assistido pelo Padre Joaquim Lima Verde (concelebração só vai aparecer com o Concílio Vaticano II), que cantou a Epístola, acolhido pelos seminaristas Antônio Pereira Oliveira e José Alexandre Correia Araúd, mais tarde aquele vigário de Lavras Manjabeira e este de Cabrobó, assistindo o ato o avô do celebrante — o Brigadeiro Bezerra Monteiro e seus filhos, Coronel Gonçalo Luis Teles de Menezes, Capitão-Mor Joaquim Antônio de Menezes, Capitão José Geraldo Bezerra, Capitão Manuel Leandro Bezerra de Menezes inclusivo, o menor Pedro Lobo de Menezes, também sobrinho do Brigadeiro, conhecido não só pela patente de Capitão, como por ter dado de uma só vez dez contos de réis no Revmo. Ibiapina, para a construção da Casa de Caridade de Barbalha, afora numeroso concurso de cavalheiros e senhoras.'

A capela, portanto, fora consagrada à Nossa Senhora das Dores, cuja imagem fora trazida de Portugal. Esta referida imagem é, hoje, conservada no salão da sacristia da atual Matriz, porque fora substituída por uma outra, vindas da França, a pedido de Padre Cicero e entronizada no dia 18 de setembro de 1887 e não dia 15, o dia de Nossa Senhora

das Dores. O motivo é desconhecido. Esta imagem francesa, medindo 1,65 m. de tamanho, substituiu, definitivamente, a outra de 0,75 centímetros, portuguesa em estilo bizantino, colocada por Padre Pedro Ferreira de Melo, o último capelão de Juazeiro antes de Padre Cícero Romão Batista.

Pe. Cícero celebra sua primeira missa na vila de Juazeiro dia 24/12/1871. Esta celebração segundo Amália Xavier, representou "o primeiro ato aos pés de Nossa Senhora das Dores" — "mãe de Deus e mãe nossa a quem nos ensinou a amar e venerar" —, confessa e escritora (OLIVEIRA, A. Xavier de — "op. cit." 37). Esta missa foi o atendimento do pedido feito pelo professor régio Senhor Simeão e dos fazendeiros Passa, portanto, Padre Cicero a celebrar dominicalmente em Juazeiro até que no dia 11 de abril de 1872, juntamente com a família, passa a residir definitivamente na cidade eterna, como a chamam osromeiros. Ai morou até o dia em que faleceu às 6h30min da manhã de 20 de julho de 1934 depois de receber os sacramentos.

A família de Padre Cicero comprendia sua mãe — Joaquina Vicência Romanó, conhecida pelos intímios como Dona Quinou; duas irmãs solteiras — Angelica e Marquinhas, uma escrava — Tereza, conhecida por Tereza do Padre ou Teresinha como chamavam-as os intímios da casa. Assim, o jovem sacerdote iniciou suas atividades de apóstolo celebrando, rezando, com todos, o Rosário da Mãe de Deus como ele mesmo dizia:

Sobre esta prática-diaria de reza do terço, há uma curiosa constatação na vida do apóstolo do Juazeiro: "quando se iniciou, no Brasil, a campanha da reza do terço diariamente para atender ao apelo de Nossa Senhora em suas aparições em La Salette, Lourdes e, sobretudo em Fátima; em Juazeiro a mais desconhecida, humilde e pobre das aldeias, encravada num lugar longe da civilização, já se rezava, todos os dias não o terço apenas, mas o Rosário Marial. Os rezadores, todos eles, guiados pelo Padre Cicero, que além de pregar a necessidade de rezar, dava o exemplo rezando, ele mesmo, com os seus governados e orientados. E mais, fez com que usassem, ao pescoço, o Rosário, costume que ainda hoje é conservado (OLIVEIRA, A. X op. cit. 39-40)". O uso sistemático do Rosário ao pescoço é, ironicamente criticado como sendo "a carteira de identidade do juazeirense" que identifica os que vivem ou pisam o solo do Ceará.

Todo este testemunho dado por Amália, seguido por Rachel de Queiroz e demais romêros, está ex-

plicitamente arraigado na alma do povo sertanejo, como retrata o jornalismo paralelo, a Literatura de Cordel nos seguintes textos e respectivos poetas

"Nesse tempo o Juazeiro era um a povoação, tinha uma capelinha que o Padre Cícero Romão com muito gosto assumiu toda a sua direção."

Quem edificou a foi padre Pedro Ribeiro e defronte a ela tinha um frondoso Juazeiro, daí surgiu da cidade o seu nome verdadeiro

Padre Cícero confiando em Jesus Rei dos Judeus ordenou várias famílias fechar cedo os lares seus para rezarem o rosário da sagrada Mãe de Deus (Severino B. da Silva — O Juazeiro e o Pe. Cicero).

"Juazeiro era um deserto poucas casas encontrou da Capela Igreja Matriz a Mãe de Deus entregou, vivendo a caridade com todo amabilidade ali tudo melhorou"

Começou a chegar gente para fazer romaria de cem e duzentas léguas se formava a comunhão, todos a pé viajando uns cantando, outros rezando o rosário de Maria.

Uns ficavam em Juazeiro e faziam moradia, viviam ali sem sobressalto pois nadie lhe ofendia, tendo Igreja em seu amplo e devoção do rosário da Sempre Virgem Maria" (Manuel R. Tenório — Morte de Meu Padrinho Cicero).

Apesar deste testemunho popular, a polêmica toma vulto no meio dos intelectuais e especialistas em Padre Cicero, haja vista as antagônicas posições de Azarias Sobreira e Edmar Morel quando tratam da pobreza vivida ou renunciada pelo missionário do Ceará.

Antes de traçar o perfil popular do patriarca de Juazeiro, carece apresentar o nível forte desta polêmica. Diz padre Azarias que "Padre Cicero tinha o amor apaixonado da pobreza que foi por dilatados anos a dama eleita de seu coração". Evidencia-se os simbós de sua postura eclesiástica declinando suas vestes cotidianas "uma grosseira batina de merino ou de brim, sapatos de lona, leito pobrissimo e, na mesa,

## CULTURA POPULAR

uma frugalidade bem digna de imitação como prova, jamais preservada de humildade evangélica" (cf. SOBREIRA, Pe. Azarias, "O Patriarca do Juazeiro", 1969, pp. 35-209).

Outra diferente posição é a de Edmar Morel: "Está para surgir no Norte do Brasil um eclesiástico mais simples no modo de trajar do que o Padre Cícero. Sua batina surrada e o chapéu sebento lhe dão maior simplicidade e isto mesmo o torna mais perto do coração do povo, composto do que há de mais heterogêneo. Talvez tudo isto premeditado, por simples esperteza... Uma estranha ganância marca vida deste padre rico" (MOREL, Edmar, "Pe. Cícero e Santo do Juazeiro", Rio, 1966, pp. 137-138).

Sobre esta questão, bastante forte, nada conclui o Padre Antônio Feitosa, senão com outra questão: "não pergunto o que teria sido mais verdadeiro. Pergunto antes: quem foi mais coerente? quem teve melhor visto da humildade? o Padre ou o Repórter (Morel)? Não se trata do comportamento do Padre Cícero, mas das conclusões a que chegaram os dois autores. Humildade diz o Pe. Azarias, Ganância e esperteza, diz o repórter Morel" (FEITOSA, Pe. Antônio, "Fazia um Defensor para o Padre Cícero", Loyola, São Paulo, 1983, 31).

Nertam Macêdo apresenta o capelão do Juazeiro como paranoíaco e não como pobre de fato (MACEDO, Nertam, op. cit. 68).

Todas estas posições contrariam ao conteúdo do livro da tombo, escrito e assinado por D. Joaquim, segundo bispo do Ceará, no benzer a Igreja de Nossa Senhora das Dores:

"A capela de Juazeiro começada em 1875 pelo Pe. Cícero Romão Batista, sacerdote inteligente, modesto e virtuoso, é um monumento que atesta eloquente mente, o poder da fé e da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, pois é admisível que um sacerdote pobre (grifo nosso) possa construir um templo vasto e arquitetônico em tempos anormais, quais aqueles que atravessaram esta diocese assolada pela seca, fome e peste" (Livro de Tombo Fortaleza-Ce, 23/08/1884).

Este paradoxo constatado vem confirmar a afirmação de Groenen sobre o catolicismo popular. Para ele, catolicismo popular "constitui uma interpretação religiosa do mundo, a qual tem sua própria lógica e coerência e exerce funções bastante vitais para o povo na luta diária, pela sobrevivência, na sociedade de classes em que vivemos. Para as pessoas que possuem outra interpretação — da Igreja oficial — é di-

fícil compreender o mundo religioso do povo. Este se apresenta como um mundo estranho e misterioso, pouco sistematizado e explicitado e, as mais das vezes, fechado para o entendimento dos de fora".

A religião do povo é um mundo de saber, de práticas e de reações, vivido no interior das classes populares. No caso da devoção ao Padre Cícero, deve-se dizer que nesta devoção inúmeros nordestinos expressam a sua interpretação da realidade: é o mundo deles. A disparidade de dois mundos dificulta toda uma compreensão porque "a grande maioria dos agentes da pastoral" e dos intérpretes dos anseios do povo "são ou não são mais católicos populares, migraram daquele mundo vivencial religioso e habitam o mundo organizado e racionalizado do catolicismo oficial ou eclesiástico (GROENEN, Pe. Henrique Estevedo, "Catolicismo Popular: Os Romeiros do Padre Cícero e sua Devocão", in REB, vol. 44 Vozes, Petrópolis, 1984, pp. 323-324).

Na tentativa de conhecer o mundo religioso em que vive e pensa a pessoa que cultiva a devoção ao Padre Cícero, será importante e necessário que não se desprezem os devotos e penetre-se no arquivo memorial, para colher o material importante e indispensável, que não está no catolicismo oficial, mas para além do mundo eclesiástico oficial. Lá por baixo do rosário bento, no peito do nordestino, na sua experiência e manifestação, na sua cultura e a peculiar modalidade de articulação de saber e de vida.

Na busca do que pensa e vive oromeiro do Juazeiro, fará aparecer, com muita fidelidade à gente nordestina, a imagem do Padre Cícero. JÁ se pode observar que dois caminhos conduzirão à imagem que os romeros têm do patriarca: ouvir diretamente os devotos las suas histórias, fatos históricos passados de boca em boca e que se repetem na atualidade noutras versões; e o que se pode ler quando o povo escreve de Padre Cícero na Literatura de Cordel. Andar nestes caminhos constitui objetivo deste artigo.

### 2.1. Padre Cícero na Boca do Povo

O quadro da tradição oral dá conta de dois tipos de estórias sobre Padre Cícero do Juazeiro. O primeiro tipo trata das palavras e atos do Padre do Juazeiro (Padre Cícero histórico) — são as histórias que se originaram em fatos históricos que também na atualidade se repetem em várias versões. Nesta primeira fonte popular, destaca-se a bondade, magnanimidade, hospitalidade e onisciência do Padre Cícero. Fertamente aparece louvar do seu interesse pelos pobres; a sua capaci-

dade de aconselhar e de prestar auxílios (materiais e espirituais) nas horas mais difíceis. O povo gosta de comentar tudo isto e, especialmente, passar à frente o caráter de imponibilidade e de influência de personalidade do vigário do sertão alencarino.

Dentre as estórias, a mais difundida é a do sonho que teve Padre Cícero quando assumiu a capelinha de Juazeiro: Sonhou que estava sentado à cabeceira da grande mesa da Escola (onde dormia) quando viu entrar, na sala, os doze apóstolos tendo à frente o Coração de Jesus. Os apóstolos colocaram-se em pé nos lados da mesa enquanto o Coração de Jesus colocou-se atrás da cadeira onde ele, Padre Cícero, estava sentado. Ouviu perfeitamente a voz do Coração de Jesus, dizendo cor voz forte e temível as seguintes palavras: "Eu estou muito magoado com as ofensas que os homens têm feito e me fazem todos os dias. Vou fazer um esforço pela salvação de todos, mas, se não quiserem e corrigir, acabarei o mundo. E quanto a ti (disse dirigindo-se ao padre) toma conta deles". E no mesmo tempo disse ao padre: "Vai que começaram a entrar, na sala, diversos indivíduos particularmente setanejos, mal vestidos e quase todos descalços". Acordou sob esta impressão viva que lhe pareceu muito real (OLIVEIRA, A. X. op. cit. 38).

Não demorou muito entrar o Juazeiro setanejos dos lugares próximos, afastados e mais distantes para escutar os conselhos do padre e para serem ouvidos em confissão. Tudo isto deu a Cícero a convicção de ter sido escolhido, por Deus, para tomar conta de todo o povo do vale do Cariri.

Este sonho, também relatado na literatura de Cordel, lhe valeu com programa de vida e para a vida o povo da região cearense, que a poucos dias envolvendo grande parte de brasileiros. Não foi apenas Patriarca de Juazeiro a sonhar significativamente sobre a sua missão eclesiástica, há os santos como João Bosco, Santa Teresinha de Jesus, Santo Cura d'Arns que tiveram avistos similares.

Os provérbios, no falar do povo categorizam a forte personalidade de Padre Cícero. Conta-se que "é com uma mão d'água que recebem com a outra"; "ele nunca desprotegeu um pobre"; "Padre Cícero nunca mandou alguém de mãos vazias para casa e nunca ninguém o procurou para não ser ouvido por ele". Ainda o caráter co-redentor aparece na fala do povo: "Mesmo o mais cínico podia chegar ao Juazeiro, ao voltar para casa, volta com o coração purificado"; "o padim Cícero sabia de tudo: ele podia predizer acontecimentos futuros, revelar

## CULTURA POPULAR

equilo que as pessoas tenham feito ou poderiam fazer". Esta é a figura do conselheiro, figura tradicional e muito importante no Nordeste (consultar romanceiro nordestino de Literatura de Cordel desde o século XVIII).

Dentro desta primeira categoria de fala do povo, Padre Cicero é visto expressivamente como sacerdote e sacerdote diferente dos demais pelo testemunho que foi capaz de viver no meio de sua gente: "ele não pediu dinheiro e por isso todo mundo lhe dava com alegria". Conta-se também que quando ele estava pronto para celebrar missa e fazer batizados o comentário era o seguinte: "ninguém duvida que a condenação de Padim Cíco pela Igreja — eles falam de perseguição — seja um caso de um mal-entendido ou mesmo de má vontade ou inveja, porque ele é diferente, não quis saber de dinheiro, estava ao dispor dos pequenos e não olhava se a pessoa estava bem vestida ou se frequentava a igreja" (cf. GROENEN, H. E. op. cit. 340-342).

Nestas colocações do povo, os romeiros, na experiência quotidiana, refutam, fortemente a Morel, Nerião Macêdo e a outros sem seguir muito a Padre Azarias. O povo acrescenta ainda que teve significação para a vida de todas as pessoas. Contudo, milagre no sentido estrito da palavra, não aparece na conversa do povo. Confirma Groenens, por exemplo: "conta-se que Padre Cicero curava um doente, acontece isto de forma estereotipada, nunca na sua presença ou no Juazeiro, mas somente quando o doente, seguindo as orientações de seu padrinho, já estava de volta em casa; lá no seu canto o devoto descobria que já estava libertado da causa do seu sofrimento". Como esta, as histórias se multiplicam como o encontrar coisas perdidas ou roubadas, encontrar empregos; melhoramento de condições econômicas, chuvas, etc.

O milagre no falar do povo, no seu entender, não é a quebra de ordem natural das coisas. Os feitos milagrosos do Padre Cicero se caracterizam mais como retomada dessa ordem que, talvez, por algum tempo fora quebrada. É notável, na consciência coletiva, o invocar o patriarca como recurso de argumento para proibir os filhos de ingressarem na vida moderna. Por outro lado, o povo afirma que "a fome que assola a humanidade, sobretudo os pobres, a carestia, a seca e outras mazelas da vida, não têm causas divinas. Mas, a causa fora a desobediência, o não escutar as palavras ditas por padre Cicero". Por isto mesmo ele previu tudo.

— A segunda categoria de estórias ouvidas e contadas pelo povo tratam dos acontecimentos que a

própria pessoa informante, ou conhecidos dela, viveram. Tais estórias, bastante numerosas, são ontes testemunhos da fé. Seguem mais ou menos este estilo: "...E quando meu filho estava para morrer, e quando os médicos já me tinham desenganado, fiz uma promessa ao Padre Cicero. Prometi que, se a criança se salvasse, eu ia à Igreja do Juazeiro, em frente do altar tiraria uma fotografia. Ai o menino ficou bom. Levei ele para lá e mandei bater a fotografia com ele vestido de batina, com bastão e com o chapéu. Essa foto guardei e nestes dias, quando ele se casou do para ele, assim ele nunca vai se esquecer do Padre Cicero" — e nem do milagre! O que observamos aí, é a chamada memória popular que muitas vezes a nossa pastoral não permite ser criada. Nem a história do Brasil tem memória! — Não só isto, mas neste segundo seguimento de milagres estão incluídos sucessos comerciais, policiais; escapando de situações difíceis; reconciliações entre inimigos e resolução de velhos desentendimentos, etc.

As duas categorias portam estórias e mais estórias ou ainda histórias, esta é a consciência do povo simples, que possui um valor extraordinário de propaganda do Santo do Juazeiro. Têm função de testemunhos de conversão: uma situação anterior de pecado; uma situação de transição, de iluminação e conversão e de uma atual situação de salvação e felicidade. O complexo de estórias tocam o povo, atraindo-o para a exortação: "os crentes que rendo se exortar mutuamente a permanecer firmes no estado atual da graça, através dos efeitos emocionais nos ouvintes pretendendo reforçar a fé comum".

O interessante e que merece atenção, é que a resistência, da Igreja oficial, a este dado do catolicismo popular sob o pretexto de eficientes métodos pastorais, não consegue destruir a fé do povo. O povo pode ser até acomodado aos novos moldes: cursinhos de cristandade, treinamento de liderança cristã, encontro de casais com Cristo, etc. Contudo, nada o impede de ir anualmente ao Juazeiro.

### 2.2. Padre Cicero na Poesia Popular

É na leitura cuidadosa de muitos folhetos de cordel que percebe-se o reforço da figura de Padre Cicero moldada pela oralidade da fala da gente nordestina. Os textos condensam uma fixação em alguns pontos peculiares: Padre Cicero que profila o bem e a desgraça para quem não o escuta atentamente; aparece a defesa da bondade e integridade do pastor, é forte a condenação dos adversários do Padim Cíco com forte protesto.

Os poetas se experimentam portadores do patrimônio cultural religioso deixado pelo patriarca do Juazeiro e responsáveis guardiões da figura ciceriana.

"Eu desci lá das alturas  
Para o último aviso dar:  
Você foi o escolhido,  
E preciso me escutar  
Porque este mundo velho  
Está para se acabar"  
(Toni de Lima — "O Último  
Aviso de Pe. Cicero")

A estrofe acima caracteriza os poetas populares. Esta autoridade é comum à literatura de cordel. O poeta evoca-a não só ao Padre Cicero, mas sempre a Deus, Jesus Cristo, Salomão ou aos sábios de Israel, com referência à sabedoria do judaísmo bíblico (cf. SOUSA, M. Matusalém — "Cordel, Fé e Vida" Petrópolis, Vozes 1963, pp. 15-23).

Uma das tópicas fundamentais da literatura de cordel é a fidelidade à realidade, o que não deve ser confundido com o aspecto lírico ou apocalíptico de uma expressão de uma cultura dominada. Neste sentido, é indevido a acusação que accusa os poetas populares de mocinhas piedosas, visionárias e sonhadoras encarregadas de escrever uma prática comprida de moralização em forma rimada (cf. GROENEN, H. E. op. cit. 345-346).

Groenens demonstra-se leitor de uma meio dúzia de folhetos sobre Padre Cicero. Igualmente, confessa-se pessoa que ignora o potencial publicado desde o século XVIII em literatura de cordel. O Nordeste brasileiro, em todos os níveis de experiência, está muito bem retratado nos folhetos de feira. Ao escritor, recomenda-se a leitura de Laandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Francisco das Chagas Batista e os mais contemporâneos como José Costa Leite, Crispiniano Neto, Sebastião Nunes Batista, Rodolfo Cavalcante ou ainda os irmãos Bandeira. Dos referidos poetas os três primeiros apresentam 8.000 títulos diferentes, que preencherão bem o tempo que lhe é devido viver, pela contingência da vida humana e a idade que possui, para classificá-los. E, caso haja tempo suficiente, deverá partir para o conhecimento profundo da literatura de cordel, patrimônio genuinamente nordestino. Nunca uma bibliografia secundária possibilita o conhecimento da obra ou da vida de um pensador, nem tampouco de um produtor de cultura popular.

O melhor conhecimento da índole da literatura popular jamais será atingido pela pura contemplação. Somente quando os intelectuais renunciarem o gabinete e o preconcelho da cultura dominante — dona da verdade e dos conceitos —, a cul-

## CULTURA POPULAR

ra do povo passará do real para a veracidade.

— A literatura de cordel apresenta Padre Cícero tomando-o do quadro real de sua história que é narrada com o cheiro e o lirismo do sertão das vaquejadas e do baile: ambiente popular de uma religião paralela — não oficial — que se sujeita à pregação da religião eclesiástica, que na época ciceriana, em Juazeiro, era um catolicismo cuja mensagem se fazia predominar pela escatologia moralizante. Contudo, o saldo é positivo:

a — Padre Cícero Pastor e Conselheiro

"Foi assim que Padre Cícero  
Entre sábios e matutos  
Semeou a fé de Cristo  
Naqueles corações brutos  
Semente que, bem regada  
Ainda hoje dá frutos

Com poucas casas de barro  
Um local quase deserto  
Para esperá de boiadas  
Ali era o ponto certo  
Como também os tropeiros  
Arranchavam-se por perto

Este povoado foi  
Transformado em Juazeiro  
E Cícero transformou-se  
Em amigo e conselheiro,  
De todos os sofredores  
Era um pastor verdadeiro.

Assim pouco a pouco foi  
Dominando aquela gente (1)  
Transformando o mau em bom  
Fazendo do ateu crente,  
Consolando a alma aflita,  
Curando o corpo doente".  
(Manuel d'Almeida Filho —  
Padre Cícero o Santo de Juazeiro — 1979)

"Logo que tu resolvistes  
Humildemente viver  
Volta aqui no Juazeiro.  
Que posso te defender;  
Abandona este cangaço  
Que eu te garanto é falso  
O governo te proteger".  
(Francisco das C. Batista —  
Conselhos de Pe. Cícero e Lampião).

"Padre Cícero é o regente  
do divino Juazeiro  
convertendo à humildade  
na lei do seu padroeiro;  
pregando as santas palavras  
nossa pastor conselheiro.

Guiajor do povo crente  
qual Moisés do povo hebreu,  
pregador firme potente,  
bradando sou todo teu  
do altruísmo combatente  
pregando o verbo seu.

O Padre Cícero é falado  
pelo centro em Juazeiro.  
é um padre venerado,  
um pastor mui verdadeiro  
tem seu nome decantado  
pelo vasto mundo inteiro".  
(J.B. da Silva — Manifestação  
do Pe. Cícero R. Batista pelo  
povo de Juazeiro — 1965).

"O pastor é bom e justo  
Mas o que havia de fazer?  
Esgotou todos os meios  
Mais nada pôde obter,  
Quem por causa de uma ovelha  
Deixa um rebanho perder?

Depois que o Padre Cícero  
Falou à população  
Disse: meus irmãos queridos  
Perdoa aos teus inimigos  
A grande perseguição".  
(Leandro G. de Barros — Festas  
do Juazeiro no Vencimento da  
Guerra — 1914).

b — Padre Cícero: Missionário  
e Amigo do Povo

"Padre Cícero dispunha  
de importante missão:  
assistente psiquiátrico, (2)  
a única consolação  
dos pobres e desvalidos  
desse imenso sertão".  
(Abraão Batista — "O Nascimento  
do Padre Cícero")

"Por isso o padre pediu  
Que o povo o ajudasse  
Porque o Estado em peso  
Pedia que o libertasse  
E elle acudia o povo  
Embora que se arriscasse.

Ali inúmeros estampidos  
Enchiam serra por serra.  
O povo gritava viva!  
O libertador da terra,  
Viva! viva o Padre Cícero!  
Que terminou todo guerra

Chegava um dia mesmo  
Ou de outro Estado vizinho,  
Se aproximava do Padre  
O rico e o pobrezinho  
Dizendo muito contente:  
Meus parabéns meu Padrinho".  
(Leandro G. de Barros — "Festas  
do Juazeiro no Vencimento da  
Guerra" — 1914).

A leitura destes textos faz perceber a simbologia mais profunda da espiritualidade popular: uma procura de Deus e da esperança; o povo recorrendo mais à sua simbologia religioso-cultural (devações) do que aos caminhos eclesiásticos oficiais. Daí porque a simbologia popular, por sua vez, exprime a experiência religiosa do povo, que é difícil de veicular em formulações racionais. A cultura popular ao exprimir o seu ethos

espiritual, é basicamente simbólica (SEGUNDO GALILEIA — "Religião Popular e Pastoral" — Panam. S. Paulo, 1978, 78-87). Contudo, é improcedente negá-la ou completamente condená-la porque o objeto, profundo, é Deus, o único berçador no qual se pode confiar assim uma espiritualidade de liturgia, em processo, é a religiosidade popular mantendo uma espécie peculiar — O Juazeiro é, aliás, a expressão simbólica de esperança (cf. GUIMARÃES STELLA, "O Padre Cícero por Ele Mesmo. Vozes. Petrópolis, 1981, pp. 48-55).

### 3. SIGNIFICADO SIMBÓLICO E SIMBOLÓGICO DO JUAZEIRO

Quando levantava-se a questão sobre a validade e simbologia Juazeiro, a resposta é esférica mas, capaz de concentrar uma experiência: "Juazeiro é a cidade do Padre Cícero, um lugar em que o céu está mais perto e é aberto do que os outros lugares" por isto mesmo que o Juazeiro torna-se o maior centro de rotas do Nordeste (cf. SOUSA, "Escultura Popular" in Rev. Ivensa. Ano IV, N° 9, outubro/dezembro. Teresina, 1983, pp. 35-37).

A romaria alcança para os meios pleno êxito e realização: oromeiro, para casa, sobre caminhão vivendo um ar festa. Em casa, o romeiro, se transforma num discípulo propagando, entusiasticamente, a devoção ao patriarca e a viagem ao Juazeiro.

A mensagem a ser transmitida em linhas gerais, se explicita dois movimentos: gratidão e pedido de ajuda (cf. FACÓ, Ruy, "Caceiros e Fanáticos Civilizadores Brasileiros. Rio, 1978, 136-137). romeiro vem antes de mais na expressão, no lugar sagrado, na praça pelo Padim Cló, a gratidão em festa. Assim a romaria é festa e, como se sabe, festa é sempre situação fortemente emotiva: o romeiro vai à cidade sente-se que ao se arrumar para a viagem Juazeiro, está se preparando para um lugar onde é acolto.

A imagem mais fiel à realidade do Juazeiro, é detectada das revações profundas do romeiro. Trás das motivações está a imagem religiosa da *cidade santa do Ceará*, imagem familiar à experiência religiosa. Assim, o Juazeiro é o lar privilegiado, onde o céu está mais perto (céu = estado de espírito como diz o romeiro; estado é de experiência comunitária), o a comunhão com o santo é mais forte e onde aquilo que apenas para o é possível, se torna real.

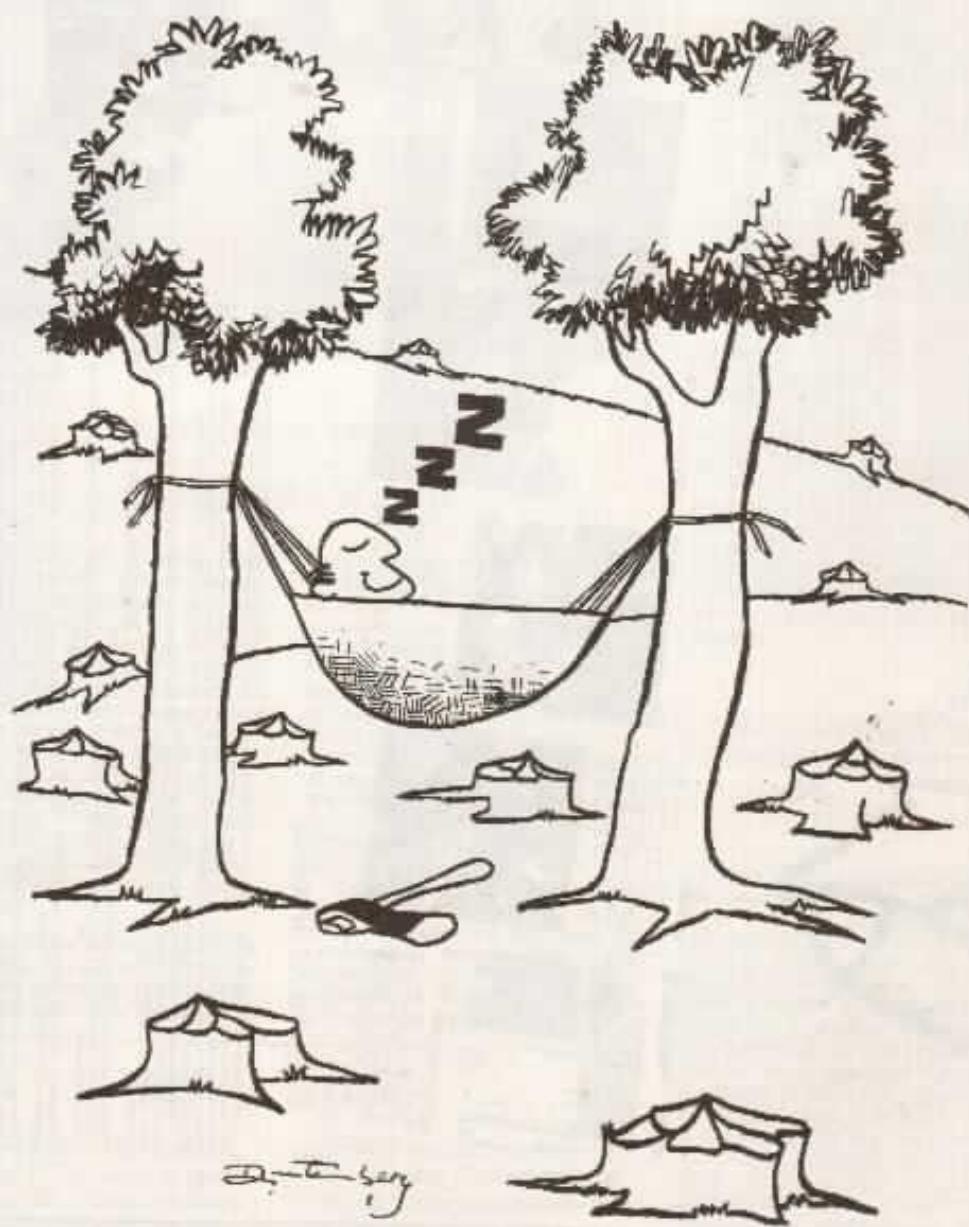
## CULTURA POPULAR

Reunidos na romaria, fervorosos, esperançosos e criativos, tudo o que osromeiros no fundo querem, é durante esse tempo, escapar da ar-madura de ser e viver o *comum pôtre do dia-a-dia*. Numa palavra, peregrinar, para o povo é sempre um ato de explorar e conhecer o espaço em que se pode viver e se pode procurar um centro donde a pessoa pode localizar a sua moradia e a dos outros (cf. HORNAERT, Eduardo. "A Verdadeira e Falsa Religião no Nordeste". Beneditina. Salvador, 1973. 42-45).

O significado simbólico e simbólico de Juazeiro só é detectado no perceber que a *romaria* é o modo como o povo procura unificar a região e a religião em termos próprios, e, próprios do povo. É inegável a experiência nova que é criada aí, sobretudo se se estabelece a relação entre a romaria e a vida na comunidade paroquial. Nesta última "quem não se encontra valorizado e engajado na paróquia", lá onde ele pode se expressar, sente-se livre, podendo andar para o lugar onde a religião se articula do jeito que ele acha certo.

Isto o faz muito bem. Tudo isto explicita porque o Juazeiro acontece e acontece como festa coletiva do mundo que envolve a todos sob o mesmo apelativo e indiscriminadamente — *romeiros de Juazeiro*.

Pe. Matusalem Sousa — professor da UFPI, poeta cordelista e pesquisador da literatura popular.



PRESCHOOL



ENRON AGENDA

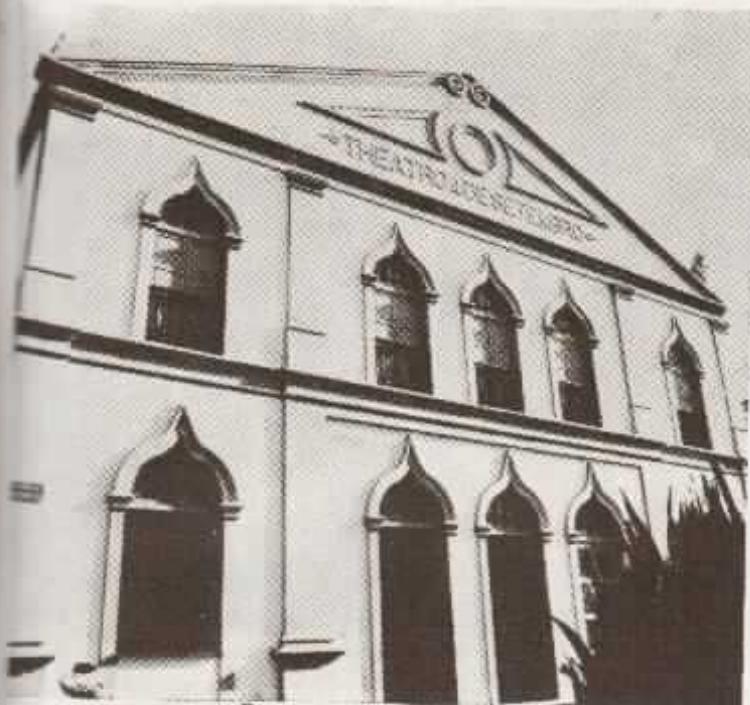
- A continuação, são Exposições, que é a secção que mais se divide entre os concorrentes. No momento da Exposição, os concorrentes devem estar na sua habitação ou no local que a mesma designou para o seu projeto. No dia da Exposição, os concorrentes devem estar presentes. O resultado final é a classificação dos concorrentes, que é feita com base no critério de avaliação das suas propostas. Os critérios de avaliação são: originalidade, criatividade, realização e apresentação.

As exposições são divididas em duas categorias: a exposição individual e a exposição coletiva. A exposição individual é destinada a concorrentes que apresentam suas propostas de forma individual. A exposição coletiva é destinada a concorrentes que apresentam suas propostas de forma coletiva.

O resultado final é a classificação dos concorrentes, que é feita com base no critério de avaliação das suas propostas. Os critérios de avaliação são: originalidade, criatividade, realização e apresentação.

As exposições são divididas em duas categorias: a exposição individual e a exposição coletiva. A exposição individual é destinada a concorrentes que apresentam suas propostas de forma individual. A exposição coletiva é destinada a concorrentes que apresentam suas propostas de forma coletiva.

O resultado final é a classificação dos concorrentes, que é feita com base no critério de avaliação das suas propostas. Os critérios de avaliação são: originalidade, criatividade, realização e apresentação.



Theatro 4 de Setembro

Foto: Alcide Filho

## THEATRO 4 DE SETEMBRO

### COMEMORA 95 ANOS

Os 95 anos do Theatro 4 de Setembro foram comemorados com uma programação que envolveu apresentações de artistas piauienses e que também marcou o nascimento da Escola de Dança de Teresina. As comemorações iniciaram com a assinatura de um convênio entre a Secretaria de Educação e a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo para o funcionamento da Escola de Dança e prosseguiram com espetáculos musicais, teatrais e de ballet, além de uma exposição retrospectiva sobre o teatro piauiense.

O Theatro 4 de Setembro foi inaugurado a 21 de abril de 1889, após cerca de quatro anos em construção. No entanto,

teatro nasceu mesmo a 4 de setembro de 1884, quando um grupo de senhoras da sociedade piauiense pediu ao então presidente da Província do Piauí, Teófilo Fernandes dos Santos, que parte da verba "Socorros Públicos", do orçamento provincial, fosse destinada a dotar Teresina de uma casa de espetáculos digna do seu nome, já que as anteriores, como o Teatro Santa Teresa ou o Teatro Concordia, não ofereciam nenhum conforto ou possibilidade técnica.

Coincidemente, ao comemorar 95 anos o Theatro 4 de Setembro recebeu as senhoras da sociedade teresinense que aplaudiram entusiasticamente o trabalho de Eleonora Mourão, com o grupo Avoante.

### EXPOSIÇÃO CERAMISTA

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através do Museu do Piauí, realizou entre os dias 18 e 29 de julho uma exposição ceramista com

trabalhos de alunos do curso "Pinturas em Cerâmica", ministrado pela professora Nildes Pimentel Santana.

### CENTENÁRIO DE BAURÉLIO MANGABEIRA É LEMBRADO

O centenário do escritor Baurélio Mangabeira (Benedito Aurélio de Freitas) foi lembrado através de um ofício dirigido ao presidente da Academia Piauiense de Letras, Arimatéa Tito Filho, pelo Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros.

Nascido em "Pau d'Arco", Piripiri (PI), a 18 de julho de 1884, filho de Aureliano de Freitas e Silva e Isabel Rosa e Silva, Baurélio Mangabeira faleceu a 16 de abril de 1937, deixando evidenciado seu esforço em engrandecer a literatura piauiense, seja pelo fato de ter sido um dos dez fundadores da Academia Piauiense de Letras ou pelo valor inquestionável que sua obra representa.

O pseudônimo "Baurélio Mangabeira" é assim explicado, nas palavras do próprio poeta: "de Benedito, o B, por estar nos registros sagrados; Aurélio, homenagem ao pai; Mangabeira, árvore dadivosa das matas piauienses, cujo látex vale ouro e o fruto é como a vida: ora tem amargores de fel, ora dulçezes de mel" — talvez numa previsão com referência ao amargo interrompimento de sua arte literária em contraposição à doce herança legada.

### CULTURA PROMOVERÁ SEMINÁRIO ESPORTIVO

Sob a responsabilidade da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, o I SEMINÁRIO DE INFORMAÇÃO, DINAMIZAÇÃO E AMPLIAÇÃO DE TÉCNICAS APlicáveis AO ESPORTE PARA TODOS será realizado no Auditório Herbert Parentes Fortes de 08 a 12 de outubro e terá acompanhamento, avaliação e administração a cargo da equipe técnica que compõe a Coordenação de Esportes. O Seminário constará de informações, observações, debates e questionários que poderão proporcionar a abertura de novas perspectivas políticas e sociais ligadas ao setor.



1º lugar cartoon



1º lugar charge



Prêmio Especial charge

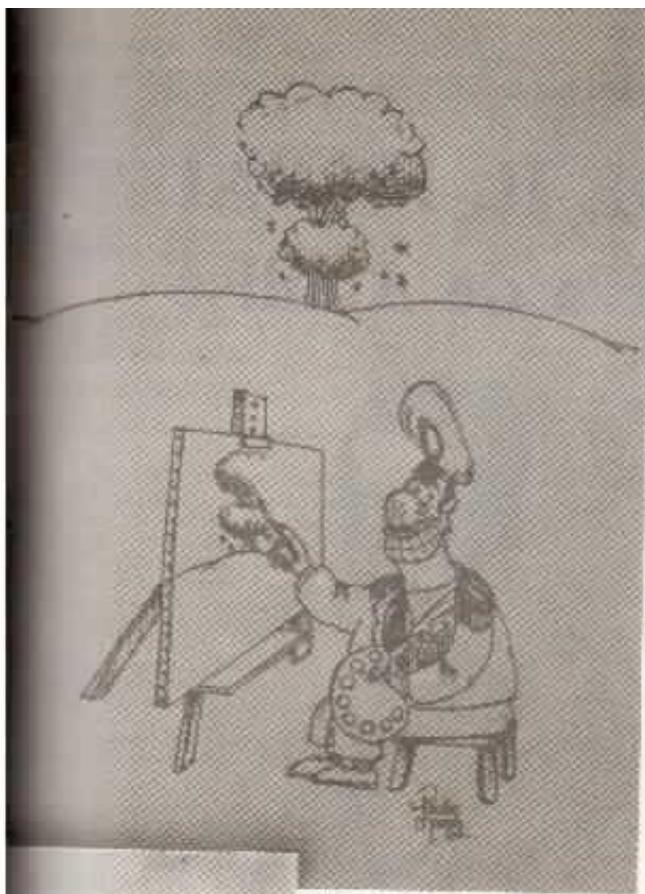
Menção Honrosa —

### III SALÃO DE HUMOR DO PIAUÍ

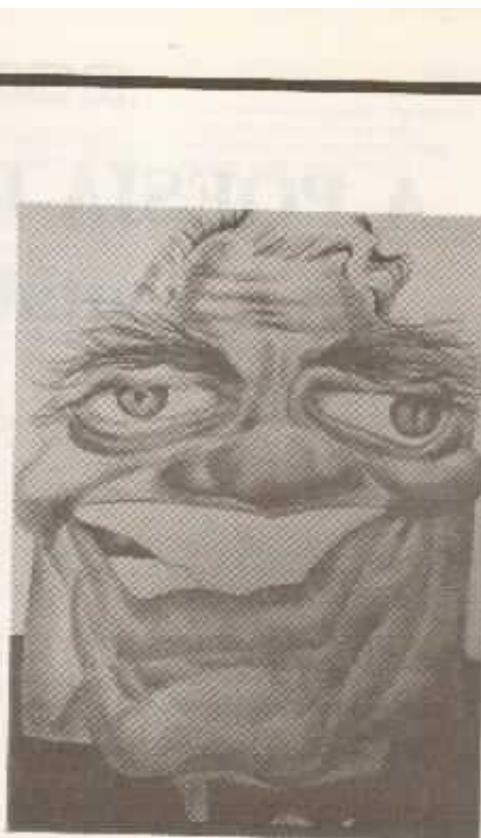
Confirmado a tese de que a criatividade dos humoristas é diretamente proporcional aos momentos de crise, o III Salão de Humor do Piauí obteve um sucesso maior do que o anterior e promete ser superado somente pelo próximo, em 1985. Contando com temas predominantemente políticos, o salão retratou a realidade de nossos tempos com os olhos de

nossos tempos e utilizou traços, curvas e riscos para traçar os limites dessa visão.

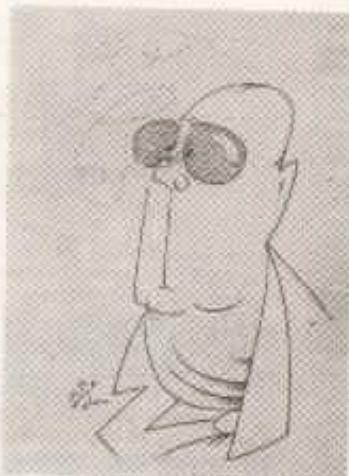
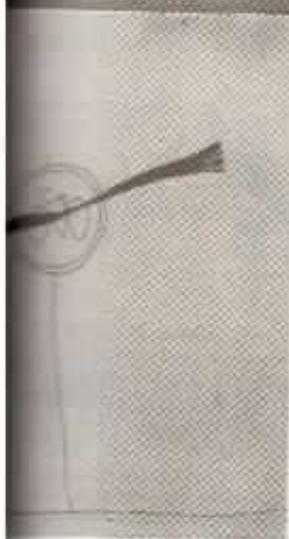
O jornalista Paulo José C. o publicitário Marco Antônio e o humorista e artista Albert Piauí formaram a comissão organizadora e premiadora entre os 80 participantes do concurso, que indicou como vencedores



Voto Popular Cartum



Menção Honrosa — caricatura



Menção Honrosa — Charge

moristas Ubiratan Nazareno, paranaense, em charge; Gerson Nóbrega Franco, paulista, em cartum; Newton Poet, paulista, em caricatura; Jaf, paulista, menção honrosa; Luiz Loredon, paulista, menção honrosa em cartum; Paulo Henrique Cavalcanti, carioca, menção honrosa em caricatura; Dodo Macedo, piauiense, prêmio especial em charge. O piaui-

ense Paulo Moura teve seu cartum premiado pelo voto popular.

A cada ano o evento apresenta aprimoramentos que buscam melhorar sua importância no cenário humorístico; o salão atual também constou de uma retrospectiva do humor piauiense realizado nos jornais e, conforme destacou o Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti, o pró-

ximo já trará várias modificações e outras atividades paralelas, como exposições de livros e revistas, projeções de filmes, apresentação de peças teatrais, debates e palestras relacionadas com o humorismo. Para a organização do Salão de Humor 85, foi nomeada uma comissão composta por Albert Piáui, Kenard Kruehl e Elias de Arêa Leão, que já estão fazendo contatos na área.

# A POESIA DE H. DOBAL

## Uma Tentativa de Análise

(2ª Parte)  
O Tempo Consequente

POR: M° G. Figueiredo

O poeta encerra esta primeira parte d'*O Campo de Cinza*, no seu *Tempo Consequente*, com o poema *LEONARDO*, no qual narra, de Leonardo de Carvalho Castelo Branco, ou Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, as lutas pela Independência do Brasil; as prisões sofridas (Maranhão, Piauí, Portugal); os estudos pretendidos de inventor; as experiências no campo da mecânica (o sonho do moto contínuo); a morte na terra natal, sem a alegria de ver todos os seus sonhos realizados.

Como já disse Odýlio Costa Filho, o poema é uma narrativa épica em que o autor d'*O Tempo Consequente* introduz uma técnica moderna: o emprego do ponto e do contraponto, marcados pelo "jogo simultâneo do texto histórico e do texto poético" (1).

*LEONARDO* foge à técnica da epopeia tradicional, guardando do gênero épico o fato de narrar os feitos de um herói, o herói piauiense Leonardo, na luta pela independência nacional. No estilo de Dobal, a simplicidade despreocupada da rima camuniânia. Os recursos próprios do poeta, características do seu lítrismo, se repetem aqui: na variedade das estrofes (uma única volta, originalmente em versos de nove sílabas); na frequência do uso da quadra, esta quase sempre em redondilha menor, trazendo consigo a marca do Al medieval que identifi-



ca a forma do lamentar poético de Dobal, seus queixumes sobre as coisas que são nossas, na riqueza do estilo, trabalhado particularmente com o jogo de palavras, a repetição, a harmonia, assunção, aliteração, eco, onomatopéia, recriação de palavras. O poeta consegue efeitos sonoros especiais que dão aos seus versos o ritmo melódico, a harmonia rítmica pretendidos, sem, contudo, fugir à simplicidade, à naturalidade e espontaneidade exigidas pelo sentido poético dos versos. Com o jogo do metro e da rima completa Dobal a sua Arte Poética, pelo uso do verso branco ao lado do verso de rima, ora encadeada, ora alterante, alternada, oposta ou paralela.

### AS FORMAS INCOMPLETAS

Para o poeta, são formas incompletas: *Os Amantes*; *Adolescentes* e *O Amante Maduro*; *A Morte*, sur-

gindo "sem fazer ruído"; *Os Motos*; a *Infância*, feita "de sol e vento"; *O Resto*; *A Ininga*, a cida grande, inimiga, incompleta, os seus eternos e insolucionáveis problemas, problemas que vão surgindo como num caleidoscópio: "Rio se rio turvo onde vagamos", o trânsito, a morte no asfalto, suas veias, contraste das "paisagens poéticas": *Copacabana*, *Ipanema*, *Leblon*.

"... e lá bas  
as lindas ilhas elefantes passando no mar"

É preciso parar um instante para poder sentir a força imagística de Dobal. Seu domínio perfeito da transposição da imagem para o papel, para o leitor. Esta chega a ouvir a batucada dos tambores das escolas sambas nos morros cariocas: "eu que vou morrer não sei o dia". Até a intertextualidade, já utilizada anteriormente na narrativa épica ati-





...as cabras as formigas.  
as rugidos o horário sóbrio  
e os seus dias de mal viver"  
(Fausto Est)

Aquele que fez os rios e, entre todos, "Os Rios" do Piauí, alegria maior para o pequenino mundo de um grande poeta.

"Ai rios do Piauí, água rica de peixes  
de cuiro e de escama.

Campo de areia, água viva nos pes  
água pesada na memória."  
"dias rios reduzidos a um nome  
**PARNABA**  
sobre os rios plenos  
os dias consumidos"  
(Il De Dias)

Ele se vê pequeno, descobre que está só e sente o vazio da solidão. Ele estará sempre só, com suas dívidas, suas dívidas, perdido, sozinho no meio da multidão de homens solitários, ontem, agora, amanhã e sempre.

O menino minguante

Sem socorro  
de remedio,  
seu prazer de fome  
de rio de serra  
ao rio dos mortos."  
(Humanitas Vitae)

Criança sozinha  
no reino de maus-olhos"  
(Salmo do Homem Sozinho)

No domingo de praça o velho se conforma  
à solidão...  
(O Velho na Praça)

Ele estará sozinho, aqui na sua Pátria, na sua Província; ele estará sozinho lá, do outro lado do mundo, no domingo estrangeiro.

...o palpitar  
das praias bravas, as vitrinas mortas"  
(O Sismo)

Loucura. A Natureza perfeita, deformou-se ante a visão doente do homem limitado. Para ele nada haverá senão: tristeza, desolação, dor, angústia, desespero só:

...No campo clara, as ovelhas nem lhe vão devorando o sol na seiva seca,  
e pacientes fiam no vermelho  
pô da passagem uma renda de raios"  
(Elogio de Vento)

"Um pescador santo  
sem desapontos.  
Na jarda sem fim  
canta à passagem de primavera"  
(Camochid)

### EL MATADOR

Outra vez empregando, paralelamente aos versos, fragmentos do texto histórico, o poeta narra a epopeia de um anti-herói, narra as lutas do "Matador de Índios". A fama de seu nome/ a fúria de seu nome./ Sua memória em sangue/ se repete". Na guerra contra os Pimentelras, os Guaquezes, os Tapuias e Acarazés, em busca do El-dourado, nada detém o aventureiro na sua "sede de ouro".

"A sangue e fogo  
a ferro e fogo  
um homem líquido  
seus semelhantes"

Na luta desigual, ele vai destruindo os índios indefesos, extinguindo uma raça desfazendo a história de muitas vidas e escrevendo, a sangue e fogo, a fama inglória do seu nome — Matador de Índios.

O poema conta um episódio da História do Piauí, a guerra contra os índios Pimentelras, chefiada pelo tenente-coronel João do Rego Castelo Branco (1776-1780), o que foi cognominado EL MATADOR.

### OS CORTADORES DE GRAMA "AMERICAN SCENES"

Um passeio pelas cidades estrangeiras e a fixação de fragmentos de fatos que marcam o cotidiano de vida de cada uma dessas cidades.

constituem as cenas americanas, descoberta de ser estrangeiro, niquelas terras distantes, de ser ignorado e estranho àquela gente, trazendo a consciência de encontrar-se só e perdido no meio dos seus meliantes:

"Tais dias / de noites na selva das hufas e um pensamento solitário  
se perde curvo os passos nos tapetes de sonhos"

Perdido na cidade estrangeira  
onde os batins se fazem em corredores  
(Sin Transil)

E por toda parte: nenhuma natureza, nenhuma alegria, nenhuma palavra amiga, um sortido sequencial

Nem a alegria  
de andar desumectando  
entre os anilados Coca-Cola"  
(Baltimore, Md)

Na cidade-capital, o cotidiano  
Para cada ato, um autor seguindo  
"rotina tranquila". Na cidade  
automóveis, o poder da máquina  
mechanizando o homem:

Já o dorso da carro  
se mecento, seu afeto  
é um solo humanizado  
(A Feira dos Automóveis)

Para os da cidade estrangeira  
não admira a mecanização do homem. A vida é uma máquina de fazer tudo, os seres são máquinas, tudo é máquina, número, círculo, computador, engrenagem

"A máquina  
sabe o seu trabalho.  
Os computadores  
de terceiro geração  
rápidos retornam  
os dados processados.  
A mensagem das fitas  
decifra a mensagem"

## ENSAYO

“...um homem e seus hábitos  
...um homem e suas devoções  
seus segredos microfilmados  
seus segredos desvassados  
...um homem um nome  
...um número.”  
(Covington, KY)

Domingo, dia de esquecer as máquinas, fugir dos números e computadores, dia de re-humanização do homem-máquina. Ele procura, então, reencontrar-se, reconhecer ao seu redor os seus semelhanças, sentir que há uma outra vida fora das máquinas.

“Domingo sem nada a fazer  
No jardim das máquinas  
A massa vai aos piqueniques”  
(Damon, Mich.)

Mas, ainda quando param as máquinas, a tranquilidade dos domingos é apenas aparente. Paire no ar um medo mal disfarçado que está em toda parte e em parte nenhuma. Uma presença latente, a guerra de nervos, a guerra de rachas, a guerra da cor:

“Mais alguém ouviu o perigo se faz  
A massa escuta prepara a guerrilha urbana  
Toda por armas e reino do ghetto,  
sobre um fogo dormido  
morde o coração da América negra.”

No domingo, no parque, a trégua suposta, então, na calma aparente, “A massa vai aos piqueniques”.

“Os convidados de sanduíche  
aprendem no parque  
a dominar o domingo  
Aprendem a clara  
de se repetida  
F. de semana e semana  
vão ganhando e perdendo  
e viverem e os satisfeitos.”  
(Cincinnati, Ohio)

É somente nos campos, nos pobres e quase extintos campos, que o ar se modifica, se descontraí aos olhos do homem e, embora hoje, apresentam sempre aquele mesmo, bucolismo cantado nas antigas éclipses dos cancioneiros medievais:

“Um pônei parou compõe a paisagem  
e come o seu milho num campo de Ohio  
... No campo feliz  
o ar desfruta paisagem sem chaminé,  
que os automóveis vencem num momento.”

O bucolismo do domingo campestre se completa com a presença simplória d’Os Cortadores de Gramma:

“No domingo os cortadores de grama  
podem na selva es cairem máquinas.”

Nada. Ninguém. Nem a brisa  
do lago de água dura pode perturbar los.”

Neste rápido estudo de O DIA SEM PRESSAGIOS, apenas mais uma referência ao estilo de Dobal que se afirma, definido através das linhas projetadas desde logo, na arte poética do autor de O Tempo Consequente. Ele consegue, como ninguém, os mais sugestivos e agradáveis efeitos rítmicos, sonoros e melódicos, trabalhando com aquela simplicidade que lhe é peculiar as figuras de harmonia e o jogo de palavras. O uso da Paronomasia, pelo poeta paulistano, é uma constante sempre renovada, mercê do seu domínio absoluto do uso da palavra. O recurso poético não cansa pela repetição, ao contrário, se enriquece, graças ao valor significativo e sonoro dos vocabulários tão cuidadosamente empregados. O uso do verso branco e da rima solta dão às formas mais tradicionais da épica ou do soneto um sabor de coisa nova, tão atual quanto um dia sem presságios.

Professorade literatura brasileira  
da UFPI e membro do Conselho  
Petrônio Portella.



## JÚLIO VERNE, O INCRÍVEL HOMEM DO FUTURO

Louro, de altura mediana, melecas  
emendadas na barba bem cuidada, Jules Verne,  
com seus olhos azuis penetrantes, nasceu  
em Nantes a 8 de fevereiro de 1828.  
Tendo vivido na Terra 77 anos, ainda hoje, ao  
meu ver, não encontrou similar, a não ser Mr.  
Arthur Conan Doyle, criador do insigne  
Sherlock Holmes.

## TAMBÉM NO BRASIL

Humberto Guimarães — médico,  
escritor e pesquisador.

POR: Humberto Guimarães

Estudou Direito em Paris, mas não quis nada com as lides forenses. Seu potencial criativo voava muito mais alto, e dirigiu-se para o romance de aventuras, orientado e inspirado em Alexandre Dumas, pai, a quem conheceria pessoalmente; e exemplo de Charles Dickens, não levava muito a sério seus personagens, tratando-os com muito humor e metendo-os nas mais insólitas situações; entretanto, ao falar de casos de amor, empolgava-se como o espanhol Perez Galdós. Das suas palestras com o cientista viajante Jacques Arago, nasceu o interesse de criar enredos futuristas montados na antecipação técnica, tornando-se, assim, o pai da ficção científica.

O gênio para criar precisa de silêncio. Por isto Verne abandonou a capital francesa e foi viver na província, instalando-se em Amiens, onde veio a morrer em 24 de março de 1905. Portanto faz hoje, cento e cinquenta e seis anos de nascido, tendo morrido há setenta e nove anos. Em Amiens, encerrando no mundo da sua biblioteca, percorreu o mundo inteiro, sem nunca fazer uma viagem de verdade, descobrindo a geografia e explorando a Física, a Química, a Astronomia e os demais ramos do conhecimento humano, como poucos ou como ninguém o havia feito até então.

Seus romances, originais, sempre foram lidos com muita satisfação, fazendo o leitor participar das mais estranhas aventuras, absorvendo o interesse da juventude sedenta de curiosidades e fantasias com sabor de verdade. Antes de 1900 fora levado muito a sério, mas a evolução tecnológica começou a superá-lo a partir dessa época, de modo que os adultos voltaram-se para a realidade que surgia e não estimularam os seus filhos para o gênio ficcionista.

É verdade que suas obras possuem escasso valor literário; é verdade que os enredos, hoje, são tidos como triviais; é verdade que o estilo é mediocre; é verdade que não há profundezas psicológicas, mas nada disto vem a empanar a habilidade do narrador, que teve por mérito sobretudo a divulgação graciosa dos conhecimentos científicos do seu tempo. Na opinião dos críticos seus engenhos (submarinos, foguetes, balões, veículos aéreos...) não demonstram semelhanças físicas com as invenções posteriores; contudo, lendo-se com atenção os princípios físicos que regiam tais engenhos, o seu

desempenho, a maneira mais conveniente de construí-los, o estilo de navegação — naval ou aérea —, percebe-se, que de lá para cá houve apenas aperfeiçoamentos, como foram aperfeiçoados inventos de Da Vinci, como foi aperfeiçoado o 14-Bis de Santos Dumont. Lembramos o submarino do Capitão Nemo, o Nauutilus, engolido pelo maelstrom ou umbridge do oceano, para ressurgir espantosamente sob a Ilha Misteriosa; lembramos o foguete Columbária disperado de um canhão subterrâneo assentado numa planície da Flórida (que coincidência! Vamos ver a margem de erro para a base da NASA). A Colina das Pedras de Júlio Verne tem situação de 27 graus de latitude norte e cinco graus e sete minutos de longitude oeste; Cabo Canaveral ou Kennedy: 45 graus e quatorze minutos de latitude norte e oitenta e um graus e dezoito minutos de longitude oeste).

A espaçonave Albatroz cruzava os céus dando espetáculos de luz e música, provocando polêmicas variadas entre os cidadãos de todos os países. Era um OVNI do começo do século, um antecessor dos nossos, a um tempo misteriosos e familiares discos voadores. O estranho ve-

## GERAIS

cão do Senhor do Mundo, saído do Grande Ninho, nos Estados Unidos, voava como águia, corria com a velocidade incrível de mais de duzentos quilômetros horários, e deslizava na água como uma lancha, provocando estupefação nas populações dos lugares por onde passava.

Mas Jules Verne, esse mago das máquinas astróbólicas, era também o grande poeta da ecologia, de sorte que grande parte dos seus livros é dedicada a aventuras nas grandes florestas do planeta, que são descritas com a soberba de quem idolatra a natureza selvagem; e suas histórias sempre trazem o desfecho de uma mensagem de confiança no progresso, da vitória pelo amor, chamando a atenção para perigo dos engenhos em mãos malevolas, e difundindo, repito, os conhecimentos da ciência e da geografia, de maneira aprazível e pitoresca.

Como desmerecer os seus veículos extraordinários por não terem sido tão... aerodinâmicos como os atuais? Funcionavam dentro dos princípios científicos corretos, e foram imaginados sem nenhuma percepção anterior para analogia; analogia existe sim, entre eles e os que vieram depois... por certo neles inspirados.

### A VEZ DO BRASIL

Ouviramos dizer que os franceses têm por tradição o não preocupar-se em estudar a história de outros povos, nem geografia de regiões que não a do seu país, posto que, do contrário, estariam ocupando a mente com dados ociosos em detrimento da coisas mais importantes na vida prática. Desculpem os franceses se isto não é verdade: fico no anedotário. Não há dúvida contudo, que Júlio Verne, afora o ler e o escrever, era um sedentário e, certamente por isto, dispunha de tanto tempo para aseberar-se de cultura e aplicá-la nos manejos da fantasia encantadora, pois que o pensamento inquieto desse escrito de aventuras mirabolantes explorava palmo a palmo a geografia do planeta à procura de cenários para suas histórias empolgantes, elegendo para tanto, preferencialmente as Ilhas dos mares do sul (por que Héminay também se encantara), as soberbas florestas tropicais e até mesmo as geleiras dos confins da terra, quando não o espaço sideral — a tudo explorando com minudência, no perfeccionismo de quem, por si, conhecia a grande todos esses recontos.

Naquela época em que eram escassas as informações científicas (tendo-se a ciência como só conhecimentos relativos de momentos que se sucedem), em particular das peculiaridades naturais desses países sul-americanos, esse desbravador do exótico vem buscar, através dos parcos informes livrescos e sobretudo de palestras entretidas com navegadores que por cá vieram, nas entradas da Amazônia, o panorama ideal para desenvolver o enredo de seu livro "A JANGADA", assentando a sua pena no rigor dum conhecedor profundo da região abrangida pelo grande rio.

Começa a sua história com um personagem brasileiro perambulando pela floresta que margeia o rio em regiões peruanas, na aldeia de Iquitos, a margem esquerda da parte do Amazonas que é denominada Maranhão, nas fronteiras com o Equador, "à distância de cinqüenta e cinco léguas para oeste da fronteira brasileira".

Esse personagem é um ex-captão-do-mato chamado Torres, que ronda a fazenda da conceituada família Garra, cujo cabeça, João, é um português que viveu no Brasil em trabalho de minas e que, tendo sido injustamente acusado do chamado "crime do Tijuco", fora obrigado a desterrarse, tendo conseguido emprego na fazenda do senhor Magalhães, em Iquitos, e ali, angariando muita confiança, termina por casar-se com a filha única do proprietário, senhorita Iquita, herdando a fazenda.

Torres conhecera o verdadeiro criminoso que, ao morrer, confiou-lhe um documento criptografado, ensinando-lhe a chave da leitura, no qual inocenta João da Costa — nome verdadeiro de Garra. Porem Torres, vendo a saber que o acusado estava rico, desejou tirar partido da situação, de algum modo. Toman- do chegada velo a saber que João da Costa ou Garra tinha uma linda filha chamada Minha, e firmou idéia de desposá-la em troca de revelação:

Embrenhado pelos matos nas cercanias da fazenda, estava a dormir ao pé dum árvore, a lata que continha o papel deixada de lado, quando vem um macaco guariba (barbado ou capetão) e, curioso, pega o objeto e foge il-geiro. Torres, sem arma de fogo, despertando, persegue o mono em vão. Quando, já desesperan- do, lança impropérios ao bicho que, do alto dum árvore lhe faz caretas, ouve um tiro próximo que vem a abater o animal.

É assim que Torres toma conhecimento com dois caçadores de coroa: Bento, filho de Garra, e Manoel, um seu amigo, médi- co do exército brasileiro, que ali está de férias. Esses moços estu- daram juntos na escola de Belém do Pará, mas Bento não se formara em nada, tendo, no antan- to, obtido vasta cultura. Por eles Torres vem a saber que João Garra está aprontando uma grande jangada (a nossa balsa) para descer o rio com toda famí- lia, até Belém, onde Manoel de- verá casar-se com Minha.

Pois bem, o drama desenrola-se desde essa fazenda até o porto de Belém, tendo Torres, à custa de artimanhas, obtido pas- sagem até Manaus, embarcando na aldeia de Tabatinga, onde a jangada de dois pavimentos demorara um dia. Durante a viagem João Garra passa os dias encerrado no seu compartimento a escrever algo, enquanto a em- barcação avança lentamente sobre as oitocentas léguas de cur- so, na estimativa de concluir a viagem ao longo de quatro me- ses. Quanto aos demais viajan- tes, começam a desconfiar de Torres — do seu silêncio, do seu jeito esquisito de olhar João Garra, dos seus galanteios para com Minha.

O documento que o chefe es- crevera fora entregue a um índio que navegava mais depressa na sua piroga, com destino a Ma- naus. Era uma longa exposição para um certo juiz Albeiro, de Manaus, amigo de Garra, com quem este entretinha correspon- dência desde longa data, e que estava disposto a absolvê-lo. Torres, presenciando esse lance, sem saber do que se tratava, chamou Garra a um particular e fez a chantagem que tinha em mente; não obtendo o resultado que esperava, viu-se obrigado a sair da jangada, deixando todos cientes de que João Garra era realmente João da Costa, antigo condenado por latrocínio. Mas a família, os empregados e o vigário acreditaram nas explicações dadas pelo chefe e estavam ago- ra dispostos a provarem sua in- cência, arrebatando de qualquer sorte o documento de Torres.

A partir desse momento os fatos se sucedem com rapidez, posto que até aqui a história vi- nha sendo entremeada de longos diálogos sobre as ilhas, os aflu- entes e os peixes do rio, bem co-

mo sobre a fauna e a flora da re- gião do "mar doce", e ainda seus habitantes nativos já em processo de civilização branca.

## GERAIS

Chegando a Manaus antes da jangada, Torres denuncia João da Costa, tendo o juiz Ribeiro, dias antes, morrido de apoplexia — acidente vascular cerebral ou o popular derrame cerebral; poderia ser também infarto do miocárdio —, estando a substituí-lo um doutor Jarriquez, que sabia do caso do Tijucu e acreditava na culpabilidade de João da Costa. Acontece que esse juiz gostava muito de jogar xadrez, esclarecer charadas e ler cartas enigmáticas...

João da Costa é preso; o juiz pede instrução à corte quanto a execução da pena; Bento mata Torres num duelo, depois de persegui-lo pelas barrancas do Rio Negro, já numa encosta do Amazonas, atirando o corpo no rio; depois é preciso pescar o corpo do fundo do leito para retirar a lata com o documento, que fora no bolso do casaco. Que diabo, o documento era enigmático!

Criptólogo amador, Jarriquez asquece praticamente sua magistratura, para, agora, dedi-

car-se de corpo e alma, dia e noite, a estudar aquela série de letras aparentemente sem sentido. A esse tempo, um inquieto passageiro da jangada, endarilho e barbeiro, saíra de Manaus para um agrupamento de capitâes-domato que sabia existir próximo, para investigar sobre Torres e o outro capitão que morrera (o verdadeiro criminoso), vindo a saber apenas que esse outro chamava-se Ortega.

Foi o suficiente. Tão logo o barbeiro Fragoso chegara com o nome, o juiz descobriu as combinações das letras e decifrou o documento, horas antes da execução de João Costa.

Dai por diante, a viagem continua num mar de rosas, para terminar em Belém com muita pompa e alegria.

\*\*\*

Vale a pena ler esse livro, não pelo drama em si, mas pelo que nele contém de ilustrativo sobre o Amazonas e a Amazônia

— a terra, a flora, a fauna, o mem, seus usos, seus costumes, suas lendas, sua vida... e, ainda mais, pelo atrativo telúrico porque coisa nossa.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 — Mirador Internacional Encyclopédia — Vol. 20
- 2 — Verne, Júlio — Vinte Léguas Submarinas Obras Completas — Livraria Jâcome
- 3 — Verne, Júlio — A Ilha Misteriosa — Idem — Ibidem
- 4 — Verne, Júlio — Viagem Redor da Lua — Idem Ibidem
- 5 — Verne, Júlio — O Senhor Mundo — Idem — Ibidem
- 6 — Verne, Júlio — O Farol Fim do Mundo — Idem Ibidem
- 7 — Verne, Júlio — Robur Conquistador — Idem Ibidem
- 8 — Verne, Júlio — Jangada — Idem — Ibidem

Nerina Castelo Branco  
Da Academia Piauiense de Letras

## LEMBRANDO GARCIA LORCA

Como um efusante relâmpago, algo muito parecido a um lampejo luminoso, de qual ainda temos nos olhos o resplendor insustituto, via como o dramaturgo Rafael Alberti de finiu o poeta Federico García Lorca.

Poeta subtraído do nosso convívio — através, porém, da uma sentida e bem colhida série de observações de lúcida interpretação, o vase espanhol ainda é chorado pela espiritualidade dos tempos, numa comovida homenagem à sua genialidade.

Foi o poeta para a lírica espanhola, algo de esplendor, no cantar das múltiplas facetas da vida, do sofrimento e da tormenta de uma alma sensível às dores do seu povo, de sua gente.

Nasceu em Fuente Vaqueros, povoação perto de Granada e "terrás do século", como costumava dizer. Em princípio, tinha peridores musicais, que, mais tarde, colocaria em seus poemas, como ritmos melódicos e dramáticos. Mas, foi na língua Madrid, que a juventude do poeta encontrou paisagem e eco, pelos idos de 1919. Descrevem no seus biógrafos: "Lorca era um eterno escorador em férias, bem humorado e feliz, até regressar à sua Granada ou para a casa campestre de Fuente Vaqueros". E foi desta gente de sua terra, de sua paisagem alegre e trabalhadora, que o poeta evocou sua Musa. Neste período, Lorca trazia sempre uma novidade criativa no plano teatral ou um viçoso ramo de

poemas, perfumados com aquela maravilhosa Andaluzia oriental, onde se coubera ver a luz.

Em Madrid começou a ler "Poema del Cante jondo", "Canciones", "Filmes de Cachiporra", "Mariana Pineda", para depois surgir "Romancero Gitano" (1928) que o revela uma das vozes mais insignes de toda uma nova geração de poetas espanhóis que contaria com nomes tão altos como os de Pedro Salinas, Jorge Guillén, Vicente Aleixandre, Gerardo Diego, Luis Cernuda.

Em "Romancero Gitano", vamos encontrar as raízes populares de sua poesia, a fonte profunda, úmida e surreal de onde procede todo o restante de seu manancial poético.

Na poesia de Lorca, fazendo de passagem um leve estudo, sentimos aquela negra angústia, a atmosfera de catástrofe, de ferida ampla e profunda, fluindo pena e ódio, em um palpitar de mistérios, uma oculta nebula de drama, dos quais parece que vai desprendendo-se um acontecimento inédito, entrecortado, difuso, perdido, sem final. Neste sentido, o "Romancero Sonâmbulo" e "Romance de la pena negra", são excelentes exemplos.

Segundo Alberti, "o poeta de Granada colocou sobre as pedras do antigo romancero espanhol, com Juan Ramón e Machado, uma outra maior e mais forte ao tempo em que deu sustentáculo e coroamento à velha tradição castelhana". Nos

E.U.U. García Lorca publica "Poeta em Nueva York", onde penetra em cheio no teatro. Deixam dali, outras obras imortais vante — "Mariana Pineda", "A pateira prodigiosa", onde a grande juventude anuncia um grande poeta cênico, o qual haveria de ser um novo estremecimento no teatro espanhol.

Eis em rápidas pinceladas, a evocação ao grande intelectual, nossos tempos, que desde os primeiros de sua iniciação poética, até seu trágico sacrifício, n'obscuro amanhecer de agosto de 1936, deve ser seguida não através do anedótico exterior, mas através do prudioso acervo de ardente poesia.

Ora grácil, ora leve, conforme ordem da aragem; ora triste e profundamente amarga, ainda como ventos sopravam — é ali, onde deve ver sua imagem viva e aumentada para conhecer a grandeza de seu genio inflamado, comparável somente aos daqueles poetas que seguravam as estrelas de "inextinguível no céu infinito séculos de ouro da Espanha".

Eis García Lorca — o homem forte, o poder de conquistar o mundo pela palavra que se alicerça na oculta magia da obra de arte, apesar do mundo pluralista em que vivemos nós, mitificado por a menorização por outros, mas astinal, segue seu caminho.

## Os Estigmas

**Os Estigmas**, de Francisco Miguel de Moura, Editora do Escritor, São Paulo, 1984, capa de Luz e Sílvio, 96 páginas. Trata-se de um romance introspectivo, mas à que não faltam fábulas ou a estória, que aqui é arrumada em quadros, alguns deles completos, de maneira a constituir um bom conto. Eu diria que o livro de Miguel de Moura seria um quadro com tijolos de várias cores, mas que formam um desenho bonito, vistoso. É um livro, melhor dizendo, um romance pungente de vida e de sofrimentos, de dores d'alma, muito mais que físicas, tendo o autor se servido do ambiente de sua narrativa mais para melhor situá-la, ou atrair o leitor, que o ambiente aqui não é verdadeiramente fundamental. Não. Aqui vale mais a alma, o homem intrincado consigo mesmo, com seus fantasmas, suas dores e esperanças, sentimentos de gente que sonha em melhorar, criaturas de carne e osso como nós, pessoas que jamais esqueceremos ou olvidaremos, como Ciro, seu Dodô, Dona Biela, Gracinha, o Joca... *Os Estigmas* é um mundo de mundos, recrado com muita força, com muito cuidado, com muita inteligência, com uma linguagem viva e sacudida, reinventada, e com grande poder de sugerir, muito mais que dizendo, ou seja: com grande capacidade de conotação, o que o torna um livro de difícil leitura, porque precisa da maior atenção. Já se vê por aí que não é um modelo simples. Os diálogos são bem amarrados, espontâneos, naturais. Sebe o autor manologar sem perder o fio de pensamento de seus personagens, o que constitui um trunfo muito bom no romance, dando autenticidade à vida dos tipos arrolados pelo romancista. Nesta parte, o romance do Sr Francisco Miguel de Moura marca um fento. Seus personagens têm vida própria, individualidade, filosofia.

Magalhães da Costa

fia. Enfim, têm comportamento de pessoas vivas mesmo. São reais por força da invenção, o que quer dizer que temos, logo na estréia do gênero, um bom romancista para formar fila com os poucos que contam na terra, ou para se juntar, ombro a ombro, com os melhores nossos. Uma estréia valiosa, que deixa sinais, marcas, o cheiro de inovação. Ficará

## O Salto Sem Trapézio

**O Salto sem Trapézio**, de Paulo José Cunha. Poemas, vol. 5 da Coleção Lima Barreto, Centro Gráfico do Senado, 1984, capa e ilustrações de Albert Piauí. Sem dúvida um dos melhores livros de poesia aparecido aqui, revelando, logo na estréia, um poeta maduro, dominando bem, e muito bem, essa forma de expressar sentimentos, que é a poesia; de exprimir os sentimentos e as visões mais puras, valorizar as coisas mais simples; de fazer do nada um quadro vivo e real, ou de transformar o verdadeiro num lindo sonho. Paulo José conhece o verso. Bola e rebola com ele, faz o que quer. Sim senhor: Pinta o sete! Borda os canecos! Para

paulo José cunha



## *o salto sem trapézio*

Poemas

De Quer



ele, o poema é coisa de manejo fácil, instrumento para o salto, mesmo sem trapézio, no equilíbrio de sua mensagem ou visão, das coisas que o poeta vai encontrando pela vida, o medo atravessado no tempo, em meio às palavras e aos versos na testa dos poemas, nas costas das coisas apinhadas aqui e aí, nas asas de ricas inspirações ou de um simples recado. Cada poema tem uma forma, cada verso, um sentido, cada palavra um universo. Não gasta letras nem forma vocabulário inútil. Quando salta, salta em cima, grita com o verbo bem conjugado, com o tempo certo, e, se atravessa o corpo, é no espaço, para o salto do outro lado. Rítmo e musicalidade fazem de seus poemas peças de arte bem trabalhadas, mas que não mostram experimento e, sim, coisa acabada, definitiva, eterna. Arte pura. Arte pura também a do ilustrador — Albert Piauí, que enriqueceu, de muito, a obra, formando um livro de poemas visuais à parte, fazendo do livro do Sr. Paulo José Cunha um exemplar belíssimo, do melhor acaibramento. Um livro rico, este. Poesia que fica, vão ver isso. A obra é pre-faciada por gente que sabe o que é poesia — o poeta maior H. Dohal, — que ressalta a designuidade do livro, mas não lhe tira a unidade, que aqui reconhecemos como um todo — a obra de arte em si, este salto dentro da vida.

## PROJETO

## PETRÔNIO PORTELLA

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através do Conselho Editorial do Projeto Petrônio Portella, constituído pelos professores e escritores — Clímenor de Freitas Santos, Juizé Camilo da Silveira Filho, Carlos Evandro Eulálio, M. G. Figueiredo dos Reis e Benjamim do Rego Monteiro aprovaram os livros — Um Manicáca — Abíadas Neves, Ciclo do Vaqueiro — Moisés Castelo Branco, Curral de Assombrado — Fontes Ibiapina, Poemágico — coleção de autores parnaibanos — município do Piauí — José Patrício Franco que serão editados por essa secretaria.

## PROJETO PIRAJÁ

Com a presença de representantes da Secretaria de Educação, da Universidade Federal do Piauí e do Ministério de Educação e Cultura, realizou-se no dia 25 de setembro uma reunião com o objetivo de discutir os três anos do Projeto Pirajá e sua ampliação nas cidades de Corrente e Amarante. Reunião sob o comando do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros.

RESULTADO  
DO CONCURSO DE CONTOS  
"JOÃO PINHEIRO"

Os classificados no IV Concurso de Contos "João Pinheiro" promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através da Fundação Cultural do Piauí foram os seguintes: 1º lugar — Ailton Sampaio (Pacto com a Lua), 2º lugar — José Pereira Bezerra (O Linho na Trilha Traçada da Madrugada), 3º lugar — Francisco Miguel de Moura (Não Existe Volta). A comissão julgadora indicou para a publicação, os contos: A Revolução das Almas, de Antônio de Pádua Ribeiro dos Santos; Corte de Palha, de Magalhães da Costa; Aves de Arribação, de Valdecro Teles Veras; Heróis Anônimos, de Antônio Vasconcelos Pacheco; O Metrô, de José de Ribamar de Sousa; O Insone de Elias Paz e Silva. Os trabalhos serão reunidos em livro, a exemplo do que ocorreu com o anterior.

Como membros do júri do Concurso de Contos "João Pinheiro" tivemos a Profa. Ana Maria do Rego Monteiro, Prof. Fabiano de Cristo e o escritor Pedro Celestino.

## VENCEDORES DO CONCURSO JÓNATAS BATISTA

Saíram vencedores no I Concurso de Teatro "Jônatas Batista" promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, os teatrólogos Aci Campelo com o texto O Auto do Corisco (1º lugar) e Wellington da Silva Sampaio com o texto Magismo Transcendental (2º lugar). Segundo o Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros, os dois classificados receberão da Secretaria de Cultura, Desportos e

Turismo, 1 milhão de cruzeiros, como ajuda de custo para a montagem e encenação. A primeira parcela, de 70%, será liberada na ocasião da assinatura do compromisso de montagem e encenação, e a segunda, de 30%, após a primeira apresentação. A comissão julgadora foi formada pelos teatrólogos José Afonso de Araújo Lima, Tarciso Prado e José Gomes Campos.



Trecho da antiga rua Rui Barbosa sul

## EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Foi realizado no período de 14 a 31 de agosto p.p., na galeria do Museu do Piauí, a exposição de pintura que teve como tema — Teresina Ainda Menina como parte das comemorações do 132º aniversário de Teresina. A mostra, segundo o artista plástico piauiense Emílio Setúbal, restitui uma parte de nossa história passada que o progresso aos poucos corrói, descharacterizando, desrespeitando a harmonia das construções antigas em detrimento dos prédios mais

modernos. Entre as telas se destacaram: — a antiga rua Álvaro Mendes, a antiga rua Simplicio Mendes, a antiga rua Teodoro Paixão, a antiga Praça da Bandeira que tem o marco de fundação de Teresina, fundada pelo conselheiro Saraiva, em 1852, a enchenha de 1926, o antigo largo da Igreja de São Benedito. O evento recebeu o apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Museu do Piauí, Casa Continental, Sicomol, e Brahma.

## 2ª Reunião da Comissão do Centenário Da Costa e Silva

No dia 28 de agosto de 1984, no Gabinete do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, esteve reunida pela segunda vez, a COMISSÃO ENCARREGADA DE PROMOVER AS COMEMORAÇÕES ALUSIVAS AO CENTENÁRIO DO NOSSO POETA MAIOR. Estiveram presentes: Deputado Jesualdo Cavalcanti Barros (Secretário de Cultura); Letta Monteiro (Subsecretaria de Cultural); Atila de Freitas Lira (Secretário de Educação); Prof. Manoel Paulo Nunes (Crítico e ensaista); Prof. Ariuaná Tito Filho (Presidente da Academia Piauiense de Letras); Pompílio Santos (escritor); Prof. Lina Celso da Universidade Federal do Piauí; Ricardo Costa Pinto (Representante do MEC); Francisco Câmara (Prefeito de Amarante), entre outros.

Na oportunidade foram debatidas várias particularidades da vida do grande poeta piauiense. Mesmo não comparecendo, o Embaixador e poeta Alberto Da Costa e Silva se fez representar através de suas pesquisas realizadas em Revistas e Jornais do Rio de Janeiro, onde o poeta Da Costa e Silva (para surpresa de todos) escreveu artigos sobre pintores modernos como Di Cavalcanti e sobre a Economia Nacional (abordando a nossa dívida externa).

No seu pronunciamento, o Secretário de Cultura, falou sobre a Medalha do Mérito Cultural, que será cunhada em forma de disco de 30 mm de diâmetro e contará no verso a efígie do Antônio Francisco Da Costa e Silva.

No Reunião foram tomadas as seguintes deliberações:

- Lançamento de um disco do centenário com as poesias de Da Costa e Silva musicadas;
- Lançamento de um Livro de Cordel sobre o Poeta;
- O Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí, na Disciplina Português Mono-

gráfico, no primeiro semestre de 85, será focalizado o poeta Da Costa e Silva. Convém salientar que é o primeiro poeta piauiense a ser estudado na referida disciplina.

- O Departamento de Artes da Universidade Federal do Piauí promoverá concursos de caricaturas de Da Costa e Silva e Retrato Livre sobre o Poeta;
- Os piauienses, Senador Helvécio Nunes e Deputado Flávio Marcílio, se prontificaram a fa-

cer pronunciamentos sobre o CENTENÁRIO e a importância poética de Da Costa e Silva;

- Na oportunidade foi acertado o lançamento da Revista Presença Edição Especial, exclusivamente sobre "Da Costa e Silva", que sairá provavelmente no próximo mês de dezembro;
- Novamente foi discutido o lançamento de um livro didático com as principais poesias do grande amarantino. Este livro será entregue no início do ano letivo de 1985.



Hotel Rimo de Corrente — Governador Hugo Napoleão e Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros em ato de inauguração

## INAUGURADO HOTEL RIMO DE CORRENTE

O Setor de Serviços Hoteleiro do Piauí ganhou o Hotel Rimo de Corrente, construído com recursos que totalizam Cr\$ 75 milhões provenientes do Governo do Estado e da Embratur. Com 18 apartamentos e uma piscina, o hotel é parte de um plano que pretende suprir as regiões carentes daquele setor e que apresenta os municípios de

Pedro II, Canto do Buriti, Oeiras, Esperantina e São Raimundo Nonato como prosseguimento de um cronograma de ação que teve ini-

ício com a reforma total do Hotel Atalaia de Luiz Correia.

A inauguração, ocorrida durante a instalação do Governo do Estado naquela cidade, contou com a presença de todo o escalão do Governo, demais autoridades convidadas e a presença maciça da comunidade de Corrente.

Ao Secretário Jesualdo Cavalcanti, que teve a iniciativa, pelo fato da Rede RIMO ser vinculada à Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, coube aplausos pela obra.

## HOTEL ATALAIA CRIA O "PACOTE TURÍSTICO"

A distância que une as belas praias e formações naturais do litoral piauiense aos seus turistas agora pode ser diminuída através da utilização do "pacote turístico", iniciativa do Hotel Pousada Atalaia que se propõe a hospedar visitantes com direito a transporte, café da manhã, almoço, jantar e passeios atraentes por Parnaíba e Luiz Correia. Além de usufruir dessas vantagens, o hóspede tem seu fim de semana aprazivelmente dilatado entre sexta-feira e domingo pagando apenas Cr\$ 60 mil, em

duas parcelas: a metade no momento da reserva e a outra dentro de trinta dias.

O Hotel Pousada Atalaia da cidade de Luiz Correia, pertence à Rede Integrada de Hotéis e Motéis do Piauí S.A.

— RIMO, vinculada à Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e vem pondo em prática uma política de valorização e difusão do turismo piauiense com empreendimentos que fariam bem mais acessível o intercâmbio cultural e de divisas.

# NOVO PERFIL DO TEATRO PIAUENSE

(III)

POR: Aci Campelo

A troca de nome Festival para Mostra fez-se de uma maneira quase imperceptível, sem uma discussão mais ampla. É tanto que os grupos que participaram do II Festival não perceberam essa mudança, pois mesmo o II Festival já vinha com o rótulo de II Mostra de Teatro Amador do Piauí. As pessoas continuavam com aquele espírito competitivo, peculiar aos festivais, ainda que, fora o auxílio montagem, não houvesse premiação. Acreditamos que a troca de nomes quebrou um pouco aquele eufúria anterior. Mas essa, talvez, fosse a intenção. Quebrar o espírito competitivo. O evento seria apenas uma amostragem dos espetáculos produzidos pelos grupos amadores, com análise e debates acerca de fazer teatral do grupo. Nós o consideramos realmente como mostra somente a partir da

realização da III Mostra de Teatro Amador do Piauí, acontecida em Monsenhor Gil.

## AS MOSTRAS TEATRAIS

Com o embalo das produções teatrais, o teatro piauiense estava em pleno vapor, em 1979. Eram espetáculos frágeis, é verdade. Pois existia a vontade de fazer, de mostrar. E isto é essencial para que se possa atingir um amadurecimento maior, ainda mais em se tratando de um processo artístico dinâmico como o teatro, que não sobrevive de teorias, mas do produto, ou seja, a peça mostrada e vivida no palco, por atores, de onde se possa analisar a sua validade como elemento plástico e transformador. E a partir de 1979, também, que começaram a

surgir uma gama de peçinhas infantis invadindo o teatro 4 de Setembro. São espetáculos, se se pod chamar assim, produzidos por pessoas ditas independentes, principalmente de educandários pré-escolares, peças que nada dizem, criança, muito pelo contrário, e têm sua capacidade e sua criatividade. Aliás, a Federação do Teatro Amador, na época, alertou os pais em carta aberta, sobre o efeito desse tipo de peças na formação do gosto da criança. Peças que não passavam de distribuição de bombons, brindes para as crianças, em detrimento de boas peças apresentadas no Teatro, pois deformavam o gosto da criança, que já ia ao teatro e busca de brindes. Coisa seríssima! Afinal, trata-se de formação de plenos, um dos trabalhos mais urgentes que tem que ser feito em Teres



46 RESENHA

## TEATRO

ta, porque, infelizmente, as crianças piauienses, culturalmente, estão relegadas.

Quando sai o regulamento da III Mostra, surge o que forá motivo de longos debates do movimento amador, a proposta de levar o evento para o interior do Estado. A cidade escolhida foi Monsenhor Gil, devido a vários fatores, entre os quais o apoio incondicional de pessoas influentes da cidade. Na realidade, não obstante as críticas, a proposta da Federação era por demais interessante, pois os dois últimos eventos realizados em Teresina não tinham atingido o efeito desejado, nem em relação a público, nem à participação efetiva do próprio artista, preocupado em afaixas particulares. Sendo a Mostra no interior, os artistas teriam uma participação mais ativa, pois conviveriam diariamente, seja através dos debates dos seminários ou das palestras constantes da programação da Mostra. Com esta perspectiva, realizou-se, de 1 a 4 de novembro de 1979, na cidade de Monsenhor Gil, Piauí, a III Mostra do Teatro Amador. Fazendo-se uma retrospectiva, esta foi, sem dúvida alguma, a melhor experiência realizada até hoje, em termos de mostra teatral. Além de espetáculos, debates e palestras, houve a interação comunitária entre artistas amadores, culminando com um jogo de futebol do time da cidade contra os amadores. Participaram da III Mostra: Grupo Raízes, com "Arribação", de Aci Campelo; Grupo Pesquisa, com a "Guerra dos Capins", de Afonso Lima; Grupo Balzes, com "Chiquimba", de Aci Campelo e Williams Martins; Fredeco Ozanam, com "Onctida e Zé Busca Pé", de João Jorge Amador; Grupo Naci Castro, com "A Lenda do Cavalo Piancó", de Virgílio Madeira; Grupo Nazaré, com "Coeleiro de Páscoa", de Wilson Gomes; Grupo Beleza, com "O Natal das Crianças Orfãos", de Wellington Tempiao; e Grumochos, com "Dramas Populares".

De retorno a Teresina, o Grupo Raízes e o Grutepe viaja para Feira de Santana, Bahia, para o III Festival de Teatro Universitário de Feira de Santana. Em fevereiro de 1980, realiza-se o II Seminário de Teatro Amador do Piauí. Este seminário é uma retomada do primeiro, agora com uma preocupação dos amadores em discutir o espaço ocupado em Teresina, a falta de público para os espetáculos da terra, a questão de uma sede própria, assim como a infra-estrutura dos grupos. Precisa-se procurar alternativas fora dos órgãos públicos oficiais, trabalhar com os recursos de que se dispõe, tanto no campo econômico como humano. E é a partir do conhecimento dessa realidade mostrada pelo Seminário que nasce um grande projeto, a melhor proposta de se

buscar uma alternativa capaz de mudar o panorama do teatro local. Tratava projeto Encontros: Séries Leituras Dramáticas.

As Séries foram propostas pelo Grupo Raízes e Grutepe, com o apoio da Federação e numa concepção de José da Providência. E as "Séries Encontros: Leituras Dramáticas" começaram em março. Era um programa quinzenal e constava de um tema específico escolhido a partir da necessidade do meio e de uma leitura dramática, seguida de debate da peça, dando-se prioridade ao autor local. A coordenação era composta por Afonso Miguel, Aci Campelo, José da Providência, Fábio Costa, tendo como diretor de leitura Williams Martins. Foram realizados 4 encontros: O primeiro, com o tema "Federação do Teatro Amador", e o texto "Armados na Boche", de Augusto Neto; No segundo, deu-se continuidade ao tema. A leitura dramática foi "O circo desmontado", de Raimundo Dias; no terceiro, discutiu-se "Estrutura e Liderança do Grupo", e o texto foi "Pau a Pau", de Aci Campelo; No último, deu-se continuidade ao tema e a leitura dramática foi do texto "Saci Pererê Contra os Índios Fum Fura", de Venâncio do Parque, realizado no Parque Piauí. Os encontros não prosseguiram, por falta de interesse dos grupos envolvidos, assim como do próprio meio amador. Mas foi a partir daí que se ficou conhecendo realmente a origem do movimento federativo e a fragilidade em que ele se encontrava, coisa que interessou a pouca gente. Foi quando começou-se a debater, também, o Teatro 4 de Setembro e o seu papel no desenvolvimento do teatro amador, já que os grupos pareciam visar unicamente apresentar-se ali. Para nós é um erro primário, claro, que os grupos devam pensar em se apresentar no Teatro, no entanto, eles fazem espetáculo dirigidos a certas plateias que não frequentam o Teatro 4 de Setembro. Assim, ficam sem público. O que deveria haver era um questionamento maior do grupo, uma auto-crítica, sem censura, mas analisando suas reais condições tanto artísticas, como econômicas, porque, sem dúvida alguma, o Teatro 4 de Setembro requer produções melhores, de melhor acabamento. E quem está disposto a produzir teatro no Piauí?

Em julho, a Federação participa da 1ª Feira do Povo de Amarante, coordenada por Virgílio Madeira. Vão à Amarante todos os conselheiros de Grupos filiados à FETAPI e, numa Assembleia, acertam a realização da IV Mostra para o interior do Estado, a cidade ainda a escolher. Firmam um documento e encaminham ao Secretário de Cultura, Wilson Brandão, e à Diretora de Assuntos Culturais, Lúcia Vitória Tafra. O documento criticava a dire-

ção do Teatro 4 de Setembro e fornecava uma reunião com o secretário de Cultura e a classe amadora. Desse reunião resulta, praticamente, a saída do tenente Braulino da direção do Teatro. Em agosto, o Grutepe participa, em Salvador, juntamente com várias pessoas do meio amador, do I Fórum Nacional de Teatro.acontecimento grandioso, com a presença de Augusto Boal e de Peter Brook, um dos maiores diretores de teatro do mundo. Do Piauí, foi como conferencista o professor Paulo de Tarso Libório, que falou sobre o tema "Técnica Teatral na atividade Escolar". Nesse período, deu-se um esvaziamento no movimento teatral local. E só melhorou quando retornou, depois de muito silêncio, o Grupo Teste de Espetáculos, com a peça "O Príncipe do Piauí", de Benjamim Santos, sob a direção de Tarciso Prado.

O Grupo Teste trouxe uma produção arrojada, bem dirigida e que lotaria o Teatro 4 de Setembro no dia de estréia, não se sabe se pela presença da global Regina Duarte ou de outros fatores. A verdade é que Tarciso fez um espetáculo bonito, alegre e bem acabado. O importante, também, é que o Grupo, renovado de muitos elementos, vinha com grande vontade de participar do movimento amador. Começava nova fase de euforia. E como a FETAPI parecia esvaziada e precisava se agilizar a IV Mostra, que seria realizada em Parnaíba, o conselheiro diretor se reuniu e pediu a demissão do presidente Assai Campelo e de outros membros da Diretoria. O resultado da reunião do Conselho deu-se em Assembleia Geral da classe, a 5 de dezembro de 1980. Eram afastados, além do presidente, o tesoureiro Raimundo Dias e o 2º Secretário Fábio Costa. Com eleição de novos membros, a diretoria ficou composta por: Afonso Lima, presidente; José da Providência, vice; Aci Campelo, secretário (mantido no cargo); Lari Sales, 2º Secretário; Afonso Miguel, Tesoureiro; Williams Martins, 2º Vice. Com isto, a IV Mostra marcada para o inicio de dezembro é adiada para o final do mês.

A IV Mostra de Teatro Amador abriu-se com uma grande passeata pelas ruas de Parnaíba. As duras penas, a Federação conseguiu chegar lá. Foram muitas viagens de contatos com órgãos culturais, prefeitura municipal e, até mesmo, um pedido de ajuda ao governo do Estado, para viabilizar o evento. O resultado foi mostrado em espetáculos, debates, oficinas e seminário. Um dos fatores mais importantes era a participação de Tarciso Prado e Santana e Silva que, assim, juntavam-se aos novos que estavam começando a fazer teatro. As apresentações aconteceram nos auditórios do SESI e do São Luiz Gonzaga. Par-

## TEATRO

Ticiparam os seguintes Grupos: Santana e Silva ("Eu chovo, Tu Choves, Ele Chove", de Silvia Ottoli); Teste ("O Príncipe do Piauí", de Benjamin Santos); Nazaré ("O Chicó e a Seca", de Wilson Gomes); Beleza ("A Vida do Serrano", de Wellington Sampaio); Teatro Amador Parnaibano ("Ao Fim da Tempestade", de Paulo de Tarso); E Grumachá com ("Os Salvados", de Aci Campelo).

Numa análise mais apurada, realizada pela diretoria da Federação, já em Teresina, onde pouca notícia tinha chegado da Mostra, chegou-se à conclusão do elevado custo de se fazer Mostra no interior do Estado. Além disso, não havia infraestrutura nas cidades, portanto, tratava-se de uma aventura. A única garantia da Federação era a verba do S.N.T. hoje Instituto Nacional de Artes Cênicas. E o que mais dificulta é o fato de em poucas cidades do Piauí existir movimento teatral e, quando existe, é primitivo e totalmente desarticulado, como é o caso de Parnaíba.

A Federação passa a debater a parte do II Congresso de Teatro Amador Brasileiro, a realizar-se em São Paulo, de 28 de Januário a 1º de fevereiro de 1981. Os delegados do Piauí, vindos em Assembléia Geral, são: Afonso Miguel, Aci Campelo, Afonso Lima, José da Providência e Williams Martins. Para o Congresso, levamos uma proposta da regionalização da entidade nacional, a fim de descentralizá-la do eixo Rio São Paulo. As regionais seriam, não por divisões geográficas, mas por afinidades culturais, proposta esta que não foi bem defendida, ficando para ser analisada em outros encontros. Hoje, graças ao Piauí, a Confederação é regionalizada. Na mesma época do Congresso, iria acontecer o I Encontro de Arte Independente, também, em São Paulo. Logo se fizeram os contatos e as inscrições para a participação do Piauí. O Grupo Teste com o "Príncipe do Piauí" e o Grutepe com "A Guerra dos Cupins". Viajaram para São Paulo 23 pessoas numa aventura tipicamente mambembe, uma maravilha de experiência sob todos os aspectos. De São Paulo, trazemos Afonso Lima como suplente à Diretoria da Confederação Nacional de Teatro Amador e que logo depois passaria para vice-presidente, com a morte do presidente da entidade, José Carlos Bezerra, num desastre aéreo e, também, a certeza que o teatro feito no Piauí era um dos melhores do Brasil. O I Encontro Brasileiro de Arte Independente teve lances ilogicos de notas e outros do mais alto repúdio.

Todos de volta à Teresina, o teatro amador tinha muito o que fazer. A Federação convoca todos os grupos para uma comemoração ao dia internacional do teatro, (27 de mar-



Manifesto Pau Baço

ço de 1981). Sai um espetáculo coletivo "Ser ou Não Ser: Eis a Dramática", uma coisa descontraída e de grande energia, uma experiência que levantou o astral de todo mundo. Também, numa promoção da Federação, veio a Teresina o Grupo Ponto de Partida, da Universidade Federal do Espírito Santo, com a peça "No Reino do Rei Rainante".

A Confederação Nacional de Teatro招ava os artistas para a luta em prol da criação da Fundação Nacional de Arte Cênica, uma luta encampada por todos os artistas do Brasil, desde a realização do I Seminário Nacional de Artes Cênicas, acontecido na Aldeia de Arcózelo, Rio de Janeiro, de 19 a 22 de janeiro de 1979. Dessa luta, resultou a transformação do antigo Serviço Nacional de Teatro em Instituto Nacional de Artes Cênicas, englobando teatro, dança, circo e áreas afins. O Grupo Raizes vatría em julho a peça "Mata-Me Com Teus Beijos", de Rubens Lima. O Teatro Parnaibano de Comédia se apresenta em Teresina com "Cantão de Fogo", dirigida por José Guido. É um período de euforia. Nessa época acontece o "Manifesto Pau Baço ou Heliotropo Positivo", do pessoal de máscara, em que se envolveram pessoas de teatro. Aqui abre espaço para uma pequena explicação, já que o autor, Viriato Campelo, um dos manifestantes, me acusou de ficar contra o manifesto. Acontece que o manifesto não era de classe artística, como se disse, e sim de uma minoria descontente, principalmente, com a desclassificação do músico e cantor Geraldo Brito do primeiro projeto Torquato Neto, coisa que nós também éramos, pois Geraldi-

nho não mereceu ser desclassificado. Segundo, o teatro amador estava abrindo espaços junto nos órgãos oficiais de cultura, visando a renovação da V Mostra. E como o manifesto vinha sem o apoio total dos músicos, inclusive, recebendo muitas críticas dos próprios músicos envolvidos no projeto Torquato Neto, também, um tanto desestruturado, pois não houve reunião conjunta, nem explicação de objetivos resolvemos não participar. Lembrarei que a decisão partiu depois uma reunião da Federação, de diretor executiva, onde a maioria votou não integrar o Manifesto. Isto pouco antes do evento ocorrer. Mas também não se impôs ninguém de participar, ficava livre para quem quisesse. E lá estavam Afonso Miguel, Williams Martínez, diretoria executiva, Tercy Prado e muitos outros de teatários. O Manifesto só aconteceu causa dos artistas amadores. E vivemos uma grande decepção quando assistimos ao espetáculo Manifesto. Isto porque estavam junto ao secretário de cultura Víson Brondão e, terminada a apresentação, ele se levantou, bateu os dedos, disse muito bem e sentou novamente. Houve um zumbido danado. Eu, José da Providência, Santana e Silva não fizemos mal palestra sobre o aniversário do Teatro, e ficou por isso mesmo. Lembro que um editor de um jornal queria dar uma página para que escrevéssemos o que nos manifestávamos. Depois houve alguma repressão e ninguém fez o assunto.

Nesse clima todo, estava se preparada a realização da V Mostra de Teatro Amador do Piauí.

# CEPISA

20 anos trabalhando com  
energia



## ATENDIMENTO AOS CONSUMIDORES PELO TELEFONE 222-1616

Dinamização do atendimento através de  
terminais de vídeo ligados aos computador.  
Pioneirismo da CEPISA, como Empresa do Governo  
do Estado em modernizar o atendimento ao público.



## Bugyja Britto

### Vida e Obra



52 INÉS NO

— Não me é fácil a mim dizer algo sobre a minha vida.

— Um medo de cair em exageros ao depor e ainda a pobreza de realces de que possa revestir-se a minha existência levam-me a rabiscar, agora, as linhas que se seguem para figurar nesta enquete da Revista Presença, que busca, numa difusão de biografias, apurar a formação social e cultural de piauienses vitoriosos nos campos das letras e da função pública.

— Inicialmente tenho a dizer que nasci em Oeiras a 21 de maio de 1907, e da ex-metrópole piauiense guardo inesquecíveis recordações.

A minha primeira meninice decorreu na cidade natal.

Oeirense foi a maior parte dos meus antepassados.

Os Britto têm 200 anos da região, sendo que o meu primeiro ascendente foi João Borges Marinho de Britto, tenente-coronel de cavalaria sediada na cidade de Chaves (norte de Portugal) e donde ele era natural.

O Coronel Marinho — como era assim conhecido — elemento ligado à Coroa lusitana por serviços prestados à sua Pátria recebera, possivelmente, como recompensa, terras para fixar-se, então, na recém-criada Capitania de São José do Piauí.

Era da política sadia e acertada do Governo Português, no tempo da atuação do Conde de Oeiras (depois Marquês de Pombal), Sebastião José de Carvalho e Melo, a preocupação de povoamento da antiga Colônia, razão por que, de uma arrancada ou diferença de pouco tempo, vieram, por exemplo, 4.000 emigrantes para o Brasil, 2.000 para o Pará e 2.000 para o Rio Grande do Sul.

Assim, o antigo Pragohy puderá receber, também, emigrantes para o povoamento, eis que a respeito da região havia uma tradição, quanto ao criatório, deixada pelo bandeirante Domingos Afonso Mafrense, que, em fim do século XVII, foi possuidor de um imenso rebanho, propagado em virtude da excelência das pastagens.

A tradição provinha igualmente de informações dos jesuítas que tinham feito aprazíveis referências, como é o exemplo dado pelo Padre José Morais, autor da História da Companhia de Jesus, que em 1758, pouco antes da criação da Capitania de São José do Piauí escrevia, referindo-se a Oeiras: "A vila está fundada no meio dos sertões cingida de vastíssimo e abundantes campinas de gad

## DEPOIMENTO

vacum e cavalos, de que se prové uma grande parte as Capitanias do Brasil, podendo abranger muito mais a sua fecundidade, se, como são fáceis no produzir, o possuem as suas conduções<sup>1</sup>. (refer-se a transportes, compreendendo, como é óbvio, a estradas e gente).

— Um neto do Coronel Marinho foi Raymundo de Souza Britto, que faleceu em 1842 e que foi um dos meus bisavós.

Raymundo, como é da tradição piauiense, foi senhor de uma grande fortuna, compreendendo umas 15 mil cabeças de gado vacum, muitos escravos e terras que compunham Datas e Sesmarias, tais como Sussuapara, Riachão, Arrodeadeira, Bocaina, etc.

Das terras se destacou a Bocaina, que atualmente é município autônomo, e onde se fizeram várias benfeitorias, desde a construção dum capela e de um cemitério até soltas ou cercados de pedras.

— Aus Britto se miscigenaram outras famílias, tais como os Pereira da Silva e Vieira da Sá.

A formação da família Vieira da Sá é originada por uma India jació e por Domingos Vieira da Sá, capitão de cavalaria do exército português, pertencente às tropas de Fidé, as quais se tinham aquartelado em Oeiras no mês de agosto do ano de 1822.

— No meu sangue corre também o sangue de elementos cearenses.

Minha mãe era cearense, nascida que foi no Icó a 24 de novembro de 1886 e falecida em Teresina a 16 de janeiro de 1963, com quase 97 anos de idade.

Professora de música, pianista e compositora e ainda senhora de prendas domésticas, teve ascendentes nestas famílias do Ceará: Monteiro, Bugyja, Cavalcanti e Oliveira Bastos.

Ela veio para Geiras em 1902 com o seu pai João Hermes Monteiro Bugyja, casara-se em julho de 1906 com o meu pai que se chamou Raymundo de Souza Britto (não confundir os dois Raymundos aqui citados: um é bisavô e o outro é pai).

— O meu avô paterno era, Benedito de Souza Britto e a avô Umbelina Pereira da Silva Britto.

O primeiro nasceu a 7 de março de 1835, em Oeiras, e faleceu a 29 de agosto de 1913, também em Oeiras, e a segunda, nascida em Oeiras a 21 de agosto de 1852 e falecida a 20 de março de 1923, em Teresina.

Convivi com ambos recebendo belos exemplos morais e doces aconchegos domésticos.

Com o avô Benedito a convivência foi até quando eu tinha 6

anos e 3 meses de idade; ele gostava, desde que eu completara 5 anos e meio, dar-me explicação de latim; embora eu não entendesse de um modo geral a explicação, nunca saíram de mim, até hoje, sons que dão a pronúncia de várias palavras.

Britto era professor, latinista, advogado e helenista (vejam-se sobre ele as opiniões de Higino Cunha e Abdias Neves, constantes do meu livro *Narrativas Autobiográficas*, de 1977, e ainda de Abílmael Clementino, expressa no livro *O Admirável Pedro Britto*, de 1982 — trabalho organizado pela Academia Piauiense de Letras e por membros da família Britto).

— Mas Raymundo de Souza Britto e Benedito de Souza Britto, um meu bisavô e o outro meu avô pelo lado paterno, são duas figuras de devotados piauienses; o primeiro, sertanejo rico e patriota extremado é um dos coadjuvantes das lutas emancipacionistas de 1822/23 do Piauí, porquanto forneceu ao seu amigo e compadre, Brigadeiro Manoel de Souza Martins, o Chefe, altos recursos materiais, expressos em animais dos seus rebanhos, mantimentos da sua lavoura e gente do seu próprio sangue, eis que, cinco dos seus filhos mais velhos, rebentos do seu primeiro matrimônio (ele fora casado 3 vezes), serviram como soldados na campanha da Independência; o segundo, homem de letras e político, tenente-coronel da Guarda Nacional e possuidor de recursos financeiros, uma vez que herdara bastante do seu pai, Raymundo, teve o patriotismo de, às suas próprias auxiliar a Província piauiense, armando homens e contribuindo para ajudar, com dinheiro, as despesas de preparação para a campanha do Paraguai, fez o seu papel de patriota destemido; ele próprio preparou-se para partir rumo ao sul do país no posto de tenente-coronel, comandando o batalhão que organizara com a permissão do governo provincial, não realizou esse seu desejo porque a primeira de março de 1870, quando tudo já estava preparado para viagem, a Guerra do Paraguai teve o seu término.

— Os meus avôs maternos, o musicista João Hermes Monteiro Bugyja e a professora Francisca Cavalcanti de Oliveira Bastos estão enterrados em Oeiras; o primeiro faleceu assassinado, a 17 de julho de 1904, e a segunda, que eu conheci pessoalmente, faleceu a 17 de dezembro de 1914.

Em março de 1915 a minha família, na ocasião constituída do meu pai, minha mãe e de 4 irmãos mudou-se para Teresina, onde já residiam os meus tios Pedro Britto e Benedito Britto Filho.

Em Teresina passei a minha segunda meninice e parte da minha adolescência.

Fiz preparatórios no antigo Liceu Piauiense e deixei a Cidade das Acácias Floridas em 1930 rumo a Recife para tomar posse em emprego de Fazenda e continuar o meu curso jurídico, que eu começara em São Luiz do Maranhão, em 1929.

### II

Vê-se do apanhado atrás descrito neste Depoimento que tive dois ascendentes dispondo de largos haveres.

No entanto isso, eu fui um elemento dos Britto de condições pobrissimas.

Até à minha pessoa não chegaram, de herança, recursos pecuniários, de forma que tive de lutar desde cedo, não somente para a minha sobrevivência, como para favorecer a minha mãe e 5 irmãos menores.

Meu pai faleceu em 30 de novembro de 1926, quando eu, o mais velho, tinha 19 anos de idade; ele era muito pobre e não podia educar, por certo, nenhum dos filhos.

Mesmo antes da morte de meu pai, — este chamou-se Raymundo de Souza Britto, — eu já tinha assumido obrigações domésticas, trabalhando para ajudar a manutenção da casa.

Fui supletivo de Carteiro dos Telégrafos (1921), fui empregado de botequim em 1922 (o da Praça Rio Branco, de propriedade de José Coriolano de Castro Lima), fui professor de primeiras letras nos subúrbios de Teresina, em horas vagas que podia obter em 1922/23.

O emprego do botequim era à noite, pois ia de 7 horas até a uma hora da madrugada.

Ao lado desses encargos eu costumava ajudar, em casa, a minha mãe nos afazeres da cozinha e nos cuidados aos irmãos pequenos.

Em 1925, no interior do Estado, fui roceiro e ajudante de vaqueiro.

Em 1921 eu fiz, em Teresina, exame de admissão para o Liceu Piauiense e matriculei-me no 1º ano, que cursei.

Em 1922, porém, quando teria de cursar o 2º ano, tive de abandonar o Liceu.

E que a madureza obrigar-me ia ao comparecimento às aulas, que eu não poderia frequentar, dado o tempo que me era exiguo.

E por ter abandonado a madureza tive de fazer avulsamente, em anos depois, os preparatórios necessários à complementação do curso de humanidades.

## DEPOIMENTO

— De 1º de agosto de 1926 a 5 de novembro de 1930 eu tive as seguintes atividades, além das que já foram descritas: revisor do "O Piauhy", órgão dos poderes públicos do Estado (Jornal oficial), 2º escriturário interino, por 6 vezes, da Secretaria do Governo, pro-rata da Administração de Correios do Piauí e, em seguida, em virtude de concurso público, Auxiliar de Amanuense.

Fiz, em Teresina, os seguintes concursos: para os Correios, para o Banco do Brasil e para empregos de Fazenda.

— Eu tinha muita vontade de seguir a carreira militar.

A falta absoluta de recursos financeiros para me locomover rumo ao Rio de Janeiro ou mesmo para Fortaleza (Ceará), e ainda por eu ser arrimo de família, não podendo portanto abandonar o Piauí, fui frustrado na minha intenção.

Mas sou reservista do Exército pelo Tiro de Guerra nº 79, de Teresina, tendo jurado bandeira a 21 de abril de 1927.

Mesmo com os meus esforços, ocupando os cargos e exercendo as funções já referidas, o que eu auferia materialmente era insuficiente para uma normal manutenção; os irmãos eram cinco, de forma que a educação deles e a respectiva subsistência tornavam-se pesadas; houve dias e dias que não tínhamos dinheiro para as refeições comuns.

Minha mãe ajudava as despesas, mas o que ela ganhava era pouco, não dando para que fossem resolvidas as necessidades.

Professora particular de piano, dava aulas em áreas diferenciadas da cidade, isto é, longe umas das outras no que se refere aos endereços, donde um trabalho árduo, para ela, que era também dona-de-casa.

— Convém frisar, nesta altura, que mesmo debaixo da pressão exercida pelos embates para ganhar a vida, eu tentei fazer literatura, pelo que nos momentos tardios das noites teresinhenses, eu escrevi, muitas vezes, versos, crônicas e crítica literária — trabalhos esses que serão focalizados no item III deste Depoimento.

Em começos de março de 1929 ao fazer, em segunda época, os últimos preparatórios que me restavam para completar o curso de humanidades, entendi viajar para São Luís, aproveitando férias regulamentares nos Correios, com o fim de iniciar-me em curso jurídico.

Entre meados e fins de março de 1929 submeti-me (à turma de piauienses concorrentes ao curso jurídico era composta de 8 elementos) ao exame vestibular na



sos e incentivos do Mestre Higino Cunha.

A presente revelação de nota distinta no exame vestibular para a qual revelação peço desculpas ao leitor deste Depoimento, não teve outro objetivo senão eu poder informar o que ocorreu em decorrência da respectiva aprovação: eu ter começado a interessar-me por assuntos jurídicos, — para o que também eu ia atender conselhos do Dr. Christino Castello Branco, então um grande advogado no meio.

Tive a designação em 1929 por interferência do Mestre Christino, para servir como promotor ad-hoc em dois processos criminais e de patrocinar duas questões que envolviam aspectos de Direito Civil.

— Nesta altura do presente Depoimento eu não devo omitir o que ocorreu com a pessoa do sábio Ludovico Schwennhagen, autor do livro publicado em 1928, — *História Antiga do Brasil* —, e para o qual eu ajudei no trabalho de revisão tipográfica.

Schwennhagen tinha sido nomeado em 1927 professor de Latim do Liceu Piauiense, e como as suas aulas eram ministradas em Latim (e não em Português) os licetistas não o apreciavam; mas o professor era formidável pela sua cultura encyclopédica, bastando saber-se que era especialista no conhecimento de línguas antigas ou que existiram na Bacia do Mediterrâneo (a dos Pelasgos, Cíprios, etc.).

Em virtude da convivência com o autor da *História Antiga* e que proveio, acima de tudo, pelo motivo de eu ter sido revisor do seu livro (e fui revisor a mando do meu chefe na imprensa oficial, que era o ilustre homem de letras — Joel de Andrade Sérvio) eu fui convidado para aprender alemão; todavia eu não tinha tempo para aprender, e, dai eu não ter estudado o alemão com o Schwennhagen que, entretanto, quando nós nos encontramos, ele quebrava o francês.

Desta língua cheguei a ter com ele, lições excelentes na ocasião aprendi a falar, um pouco, a língua de Racine.

### III

— Embarquei para o Recife deixando Teresina, no dia 5 de novembro de 1930, com o fim de tomar posse no lugar de 4º escriturário da Alfândega.

No Recife andei fazendo literatura que foi continuada no Rio, de 1932 a 1934.

— Eu não posso afirmar que sou escritor

## DEPOIMENTO

Embora eu tivesse demonstrado inclinação literária desde cedo (1925, quando eu tinha 17 anos) e tivesse escrito em jornais e revistas de Teresina, de Recife e do Rio, eu não pude dedicar-me à carreira das letras.

Fui, sim, um aspirante a escritor ou um amador de letras, mas nunca um profissional.

Escrevi versos e trabalhos em prosa, sem que, por certo, tivesse atingido graus de merecimento.

Em Teresina tomei parte na fundação, com outros colegas do meu topo, em abril de 1926, do jornal *O Lábaro* e ainda na fundação, em julho de 1927, da sociedade literária sob o título de *Cenáculo Piauense de Letras*, que viveu até dezembro de 1930.

Lá, igualmente colaborei em jornais como o "Piauhy", "A Imprensa", "Gazeta", etc.

No Recife escrevi no *Diário de Pernambuco*, mas fiz pouca vida literária se se pode compará-la com as minhas produções em Teresina.

No Rio, quando cheguei em abril de 1932, eu me interessei mais de perto para com as letras.

Tendo sido convidado por Félix Pacheco para colaborar no *Jornal do Comércio*, que, no tempo, constituiria uma honra para um sertanejo da minha laia, escrevi crítica literária e trabalhos outros sobre assuntos diversos, inclusive os que interessavam, na época, com as coisas piauienses.

Colaborei também em outros jornais, dos quais devo destacar o *Diário Carioca*, e em revistas, de que devo apontar o *Malho* e a *Vida Doméstica*.

Em 1954 publiquei o meu primeiro livro (de versos) sob o título de *Muralhas*, tomei parte em agremiações literárias, frequentei meios de intelectuais, compareci a certames de letras e fiz relações de amizade com escritores da época.

O meu nome — é claro — começava a aparecer como um jovem escritor — se assim eu posso dizer.

Em agosto de 1954, logo após a publicação do *Muralhas*, tomei uma resolução que não deixou de ser revolucionária: abandonei a literatura e isso por um período que foi de 26 anos.

Somente em 1960 retornei às lides literárias, porquanto fiz publicar meu primeiro livro em prosa — *Miridan* — uma lenda piauiense que eu tinha rabiscado em 1929, em Teresina.

Durante o período de 26 anos (de agosto de 1934 a agosto de 1960) dediquei-me somente à função pública.

Na Alfândega do Rio de Janeiro para onde tinha vindo como 4º escrivutarista da de Recife, em 1932, fiz carreira funcional.

Era um lugar técnico que queria inteira dedicação, de forma que eu tive de optar pela Alfândega; eu tinha concluído que haveria incompatibilidade espiritual entre as belas-artes e o lugar técnico ou de servidor da Administração Pública; por isso decidi dedicar-me primeiramente a repartição fiscal, aonde eu teria de trabalhar com afínco, embora eu tivesse ideia — e o que consegui — de voltar às letras quando tivesse conquistado uma sólida posição burocrática.

— Casei-me em novembro de 1934 com a senhorita Olivia Queiroz e fui, graças a Deus, feliz no casamento.

Duas filhas que eu e Olivia tivemos, de nomes Miridan e Terezinha, casaram-se e exercem a profissão de professora.

Tenho 5 netos e dois bisnetos, pois já tenho uma neta casada, faz 5 anos.

A minha neta mais velha (Monique Britto Knox) já faz versos e exerce o professorado secundário em Brasília.

— Nunca abandonei o Piauí. Em todas as ocasiões o mantive dentro do meu coração.

— Tenho 9 livros publicados: *Muralhas* (versos); *Miridan* e *Jaibé* (duas lendas piauienses); *Itains*, *Quatro Escorços Biográficos* e *A Academia Piauense de Letras na Cadeira nº 12* (crítica literária); *Desajustes* e *Desajustados*, 1º volume (novelas); *O Piauí e a Unidade Nacional* (história); *Narrativas Autobiográficas* (memórias).

— Os meus trabalhos jurídicos, em número de 4, estão publicados em revistas especializadas, ou técnicas; não tendo sido, portanto, enfeixados em livro.

— Quanto à traduções, em língua portuguesa: eu fizera duas que publiquei em jornais, na maior parte.

São estas as traduções — do inglês: *The Little Arthur's History of England* (A História da Inglaterra do Pequeno Artur) e *Werther*, de Goethe, numa versão francesa. O livro de inglês é da Professora Lady Calcott.

Agora você pode tirar da gaveta aquele livro que escreveu e não tinha como publicar. O governo Hugo Napoleão, no sentido de estimular a produção literária, criou o Projeto Petrônio Portella para editar livros que refletem a Piauí, seu povo, sua cultura.

At. Mário Ribeiro Teixeira

Secretaria de Cultura  
Desportos e Turismo

GOVERNO  
HUGO  
NAPOLEÃO



PROJETO  
PETRÔNIO  
PORTELLA



## FESTEJO DO MIMBÓ

Todos os anos, durante os dias de 06 a 15 de agosto, comemora-se no Povoado Mimbó, o novenário da Padroeira Nossa Senhora da Saúde. Neste ano os mimboanos não estavam felizes, o mais velho da família Rabelo da Paixão, havia falecido. Sem a presença do velho "Dito", parecia que a festa estava sem o brilho dos outros anos. Assim mesmo, a procissão no dia 15 de agosto, com a presença cada vez maior dosromeiros das cidades vizinhas, teve um colorido especial. A Banda de Música de Amarante, pela primeira vez, participou do evento acompanhando os canticos afinados dos mimboanos, e junto com pipocar de fogos de artifício e aos gritos de VIVA NOSSA SENHORA DA SAÚDE, davam ao movimento uma conotação inesquecível. A reportagem da Revista Presença acompanhou toda a festa, inclusive os "benditos" (e vários deles em latim) que foram entoados na Capelinha do Povoado durante os nove dias de festejo.



## SANTA CRUZ DOS MILAGRES: SINÔNIMO DE FÉ E ESPERANÇA

A maior concentração deromeiros no Piauí ocorre anualmente entre os dias 05 e 14 de setembro em torno da Cruz milagrosa de Santa Cruz dos Milagres, no município de Arouzes. Para lá convergiu peregrinação, uma multidão de fiéis que leva consigo a fé e esperança ausente no mundo atu-

A história de Santa Cruz dos Milagres, de acordo com o Dr. Aníbal Pereira da Silva, um dos proprietários da região, teve inicio no século passado, mais ou menos no ano de 1876, quando um vaqueiro de uma fazenda local encontrou uma Cruz natural de areia e, para que todos pudessem vê-la, colocou-a no alto de um morro, onde hoje se encontra a Igreja. Os fazendeiros locais e seus moradores passaram a ver a Cruz como uma mensagem de Deus para a região, iniciando-se assim o mistério que ainda paira até agora.

O Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros, salientou que Santa Cruz dos Milagres terá de sua parte todo o apoio possível. Este ano, por exemplo, além de um cartaz, a Secretaria utilizou-se dos meios de comunicação do Estado para divulgar o Festejo de Santa Cruz dos Milagres. Segundo ele, Santa Cruz dos Milagres é um momento de muita fé e deve ser de todo incentivado.

## CORAIAS

## DE TERESINA

Os corais da capital piauiense conquistaram maior espaço junto à comunidade local com a realização da I Mostra de Corais de Teresina. Segundo o maestro Antônio Gonçalves, organizador da programação, o evento deu início a um trabalho de valorização e divulgação maciça dos nossos corais, até então presentes de forma menos ativa.

Os teresinenses puderam conferir o estágio pelo qual atravessa seus corais ouvindo as mais diversas peças de compositores nacionais, estrangeiros, eruditos e populares interpretadas pelos grupos da Unidade Escolar Meta, da Escola Técnica Federal do Piauí, da Agespisa, do Amparo, do Liceu Piaulense, do Instituto de Educação Antônio Freire, da 1ª Igreja Batista de Teresina e do Cristo Rei.

O concerto foi realizado no Teatro 4 de Setembro, como parte das comemorações do quinto aniversário do coral "Evolusson", da Unidade Escolar Meta e se configura num dos objetivos da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo que, como dessa vez, sempre apoiará os corais em sua integração com a sociedade.

## INCENTIVO AO ESPORTE AMADOR

A vestimenta para os árbitros do XIV Campeonato Intermunicipal Piaulense de Futebol pode ser adquirida com o apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo que, na pessoa do secretário Jesualdo Cavalcanti Barros, compareceu à sede da APCDEP e fez a entrega de um cheque no valor de 1 (hum) milhão de cruzeiros.

Na ocasião, o presidente da APCDEP, Pedro Alcântara, reconheceu o esforço de Jesualdo Cavalcanti em prol de nosso esporte amador. O secretário, por sua vez, transferiu todos os méritos da iniciativa ao governador Hugo Napoleão, quando afirmou que este "é um homem profundamente preocupado com os destinos do esporte piauiense, em particular com o futebol". E justificou: "Por isso, o governador está investindo no amadorismo, porque ele sabe que o Intermunicipal é, na verdade, a fonte reveladora de valores para o profissionalismo do Estado".

## BANCO DE EMPRÉSTIMOS

O espírito esportivo assu-mido pelos segmentos sociais em suas horas de lazer agora pode ser materializado com acesso ao "Banco de Emprestimos", que se propõe a ceder temporariamente o material necessário para a realização de eventos que proporcionem diversão aos piauienses. Bolas, redes, cordas, material esportivo em geral e tudo que estiver ao alcance da Coordenação de Esportes da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, pode ser emprestado mediante o simples preenchimento de um termo de responsabilidade com a programação e o local da manhã de lazer.

## MUSEU DE ARTE SACRA DE OEIRAS SERÁ INAUGURADO

Em Oeiras, o dia 10 de outubro marca os 40 anos de criação da Diocese local e representa 25 anos de ordenação episcopal para Dom Edilberto Ulrichshorg. Portanto, a data não seria mais adequada para iniciar o funcionamento do Museu de Arte Sacra, resultado da restauração do Palácio Episcopal pelo Governo do Estado em convênio com a Fundação Nacional Pró-Memória, órgão do Ministério da Educação e Cultura. O museu tem suas instalações sob a responsabilidade da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e abrigará um rico e variado acervo da diocese de Oeiras e Floriano, aguardando peças de quem os queira emprestar para o enriquecimento do acervo.

## II FESTIVAL DE TEATRO AMADOR DE PARNÁBA

A Federação de Teatro Amador do Piauí (FETAPI) promoveu de 28 de julho a 04 de agosto o II FESTIVAL DE TEATRO AMADOR DE PARNÁBA, acontecimento que, por ter sido um incentivo às artes cênicas do Estado, recebeu integral apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo. O Festival contou com apresentações de espetáculos adultos e infantis, com realização de cursos, debates e oficinas livres de teatro que, somadas à participação de grupos amadores de outras cidades interiores, um intercâmbio de tendências e formas teatrais, tornou Parnaíba momentaneamente a Capital do teatro piauiense.

## CONVÊNIO CRIA ESCOLA DE DANÇA DE TERESINA

As Secretarias de Cultura, Desportos e Turismo e Educação firmaram um acordo que possibilita o funcionamento da Escola de Dança de Teresina, destinada a alunos da rede oficial de ensino, na faixa etária de 7 a 14 anos. O convênio foi assinado na Galeria de Artes do Theatro 4 de Setembro pelos Secretários Jusselino Cavalcanti Barros e Átila de Freitas Lira.

A Escola de Dança funcionará nos três turnos e seu principal objetivo será o de desenvolver na juventude o interesse pela expressão corporal como forma de desenvolvimento da mente e integração na sociedade, além de formar futuros valores para a arte da dança no Piauí.



Cena do Balé Sentinela - Grupo Avoante

## Balé Sentinela

O espetáculo "Sentinela", do Grupo Avoante, que recentemente apresentou-se no Teatro Santa Isabel, em Recife, como integrante do II Ciclo de Dança foi inspirado nas músicas de Milton Nascimento e Fernando Brant, com coreografias de Eleonora Paiva, assistência de Célia Reufels, figurino de José da Providência, iluminação de Roberto Sabóia e sonoplastia de Elomar Filho.

Segundo seus integrantes, o trabalho expressa a tentativa do homem em busca do seu espaço, sonhos e emoções. Os desejos contidos na liberdade de ser e a luta pela verdadeira sobrevivência. O personagem Pinduca representa o sentimento puro e simplicidade da vida, os ideais e a esperança identificando milhões de Pinducas espalhados por aí. O Grupo Avoante de Dança e Teatro foi criado pelos bailarinos

Eleonora Paiva, Nezinho, Lauro Santos, Elizabeth Freitas e Beto Pirilampi, em dezembro de 1980, tendo como nome "Bombarum".

Em 1982, a professora e coreógrafa Eleonora Paiva, com o objetivo de incentivar os estudantes de dança e valorizar a arte, reuniu 10 bailarinos e trouxe o nome do grupo para "Avoante", organizou um roteiro e trabalhou em cima do disco "Sentinela" de Milton Nascimento, adaptando as músicas uma coreografia no estilo contemporâneo, teatral. Assim, nasceu o Balé "Sentinela", que tem realizado inúmeras apresentações com bastante sucesso desde então.

Participam do Grupo Avoante: Myrna Amélia de Abreu, Wilson Costa, Francisco Almeida, Elízia Semeão, Vanda Mota Pinto, Carmem Célia Machado, Lauro Santos, Cláuber de Moura Fé, Célia da Rocha Reufels e Eleonora Paiva.

## POÇOS JORRANTES ENRIQUECERÃO ROTEIRO TURÍSTICO PIAUIENSE

Somente uma vazão de 900.000 litros d'água por hora jorrando a 50 metros de altura seriam suficientes para justificar a presença dos poços Violeta I e Violeta II no roteiro turístico piauiense. Afora isso, um simples acesso de 150m à BR-135 e uma área abrangente de excepcional beleza totalizariam aproximadamente 14 hó convidaram o Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, deusaldo Cavalcanti Barros, a propor ao Governador Hugo Napoleão que declare de utilidade pública, para fim de desapropriação, tão admirável fenômeno natural.

Essas e outras características especiais contribuiram para a idéia de

implantação, na referida área, do Complexo Turístico do Gurgueia. Com infraestrutura permitindo ampla diversificação (hotel, parque zoobotânico, artesanato, horta/pomar comunitário, etc.), o empreendimento terá execução realizada pela RIMO — Rede Integrada de Hotéis e Motéis do Piauí S.A. e será passagem agradavelmente obrigatória entre duas unidades hoteleiras: a de Corrente, recentemente construída e a de Centro do Buriti, com funcionamento previsto para breve — ambas integrantes do Programa de Implantação de Unidades Hoteleiras em Pontos Estratégicos do Estado.



## Aspectos da Força Pública no Governo Zacarias de Góis

Foto: Alcides Filho

**Z**acarias de Góis e Vasconcelos foi nomeado Presidente do Piauí, por força da Carta Imperial de 4 de abril de 1845. No dia 16 daquele mês o diploma lhe chegaria às mãos, na Bahia, e a 27 de junho seria recebido em Oeiras para, no dia seguinte, tomar posse da administração desta Província.

Sua vinda atrasada à mais deficiente de todas as Províncias do reino, atendia a um imperativo de ordem estratégica do Senador baiano José Carlos Pereira de Almeida Torres, Visconde de Macaé, então ministro do Império, preocupado com as graves ocorrências surgidas no Piauí, depois da queda do Visconde de Pernambuco. Veladamente, atendia a uma pretensão do deputado Francisco Gonçalves Martins, futuro Visconde de São Lourenço, espécie de arregimentador de jovens talentos para o Partido Conservador, que havia assumido a iniciativa de Zacarias.

A situação crítica de uma Província politicamente semi-bárbara,

surgia como uma ótima oportunidade para forçar truques naquele jovem baiano de 29 anos de idade, professor de Direito, estreante no labirinto da pública administração e promidente estadista do segundo reinado.

Foi na sessão de instalação da Assembléia Legislativa Provincial, de 1º de agosto de 1845, que Zacarias de Góis expôs, pela primeira vez, a situação do mecanismo de segurança interna do Piauí. Por aquí ainda não havia partidos políticos bem definidos; apenas a luta constante travada entre uma influência decaída, predominante por muito tempo, e aqueles que empenhavam todos os seus esforços para que ela jamais se reabilitasse.

Neste clima disputava-se a última eleição de deputados gerais. Embora as aparições mostrassem o contrário a quem estivesse alheio às peculiaridades da política na época, ou não tivesse conhecimento do que nela se passava, tudo se resumia em agravamentos de ódios e rerudescimento de vinganças.

Osvaldo Lemos

Naqueles dias os adversários do Visconde da Pernambuco, supondo-o mandante ou cúmplice de um atentado cometido e de outros que se premeditavam, segundo boatos que corriam, reuniram-se, em grande número, nos dias 21 a 23 de maio, uma légua distante de Oeiras, e talvez dispostos a invadi-la se não fossem bem recebidos, dirigiram ao Conde do Rio Pardo uma representação pedindo a saída do Visconde da Pernambuco da cidade e a nomeação do tenente coronel Antônio José de Carvalho, para comandar a Polícia. Consta que o Conde ouviu com muita prudência os pedidos e logo depois os manifestantes se dispersaram persuadidos. A segurança individual estivera como que suspensa em toda a Província, principalmente em Oeiras, nos dois meses anteriores à posse de Zacarias.

No dia 3 de abril mataram, em Campo Maior, o promotor público daquela comarca. Doze dias depois, o padre Manoel Quintino de Brito, vigário de Parnaíba, perdeu a vida nas mãos de quatro sicários. Às oito horas da noite, em plena rua do Fogo, no centro de Oeiras. Um mês mais tarde seria o próprio Comandante da Polícia, capitão Teodoro Pereira de Castro, fulminado a tiros de pistola, às nove horas da noite. O povo atribuiu os dois últimos assassinatos a soldados do corpo fixo da cidade. Todos, porém, com implicações políticas.

Oeiras, assim, passava por dias de terror, a ponto de os seus habitantes terem de procurar segurança fora da cidade ou se conservarem fechados em suas casas. Zacarias de Góis dominou a situação, logo, com probidade e bom-senso administrativo. Sobre isso chegou a lamentar:

"tantos alevantados de que há notícia oficial, revelam que a impunidade que parece ameaçar de dissolução a sociedade brasileira em geral, também aqui predomina. Eu garanto empregar os meios que estiverem ao meu alcance para que não fiquem sem punição os autores de tais crimes. Sem punição, um povo, ainda pouco civilizado como o nosso, não consegue fruir ao crime".

A Força Pública desta Província compunha-se, então, de um Corpo Fixo de Caçadores de Primeira Linha, da Guarda Nacional, da Policia Municipal e da Polícia Provincial.

O Presidente Zacarias, na sessão de instalação da Assembléia Legislativa Provincial, de 1º de agosto de 1845, nada propôs quanto ao Corpo Fixo de Caçadores, porque pertencendo à administração geral não poderia resolver a seu respeito coisa alguma. Disse somente que aquele corpo continuava prestando destacamentos a diversos municípios, achando-se em Campo Maior um capitão com 35 praças, em São Gonçalo um tenente e quatro pra-

## HISTÓRIA

cas, em Príncipe Imperial um sargento com praças e em Juiz de Fora um cabo e duas praças. Tais destacamentos irregulares seriam, o quanto antes, recolhidos a Oeiras para a devida recomposição disciplinar.

O aviso Imperial de 26 de junho de 1843 dirigido à esta Província declarava tais destacamentos contrários à disciplina militar, e só os permitia em casos imprevistos e quando fossem insuficientes os recursos da força policial e da Guarda Nacional.

Para Zácarias a Guarda Nacional da Província continuava em estado pouco lisonjeiro, lembrando que o seu antecessor bem o dissera do atraso em que se achava na Província aquela instituição. Depois de indicar as medidas que tomaria para seu melhoramento, prometeu trazer, posteriormente, informações mais gratas sobre ela. Tais melhorias não aconteceriam. Além das causas que, ordinariamente, empurravam o serviço público na Província, surgiram medidas administrativas embarcadas.

A lei provincial nº 28, por exemplo, assegurava aos oficiais da Guarda Nacional a vitaliciedade de seus postos; no entanto, o antecessor de Zácarias de Góis, na presidência da Província, o Conde do Rio Pardo, chegou a exonerar 30 oficiais, nomeando outros para os seus lugares, além de remover uns e julgar vagos diversos postos a pretexto de demora na solicitação das patentes. Zácarias não concordou com ação daquele oficial português e mostrou-se disposto a fazer justiça a quem nela esperasse, preservando o respeito ao direito da vitaliciedade dos guardas nacionais.

O artigo 3º da lei provincial nº 73 suspendeu a concessão de postos a patentes para os corpos de polícia municipal, até que a Assembleia, sob circunstâncias informadas, mapas da força e oficialidade respectivas apresentadas pela presidência em sua primeira reunião, resolvesse criar nova organização.

Zácarias nada encontrou na estratégia do governo a tal respeito, em mezzo constava que se tivesse cogido dos diversos municípios os necessários esclarecimentos. Era nessa falta, no entanto, na opinião Zácarias, pouco importante, porque não sómente fora uma discreta disposição clida que suspendia a concessão de postos e patentes para tipos de polícia municipal, como havia que não se devia esperar uso de tais corpos para os quais a das melhores soluções era exigüa.

Os corpos de polícia municipal não se achavam organizados na província, eram de qualificação duaria. Segundo a lei nº 51, de sua época, aqueles corpos tinham a finalidade de conduzir o serviço de polícia Provincial e da Guarda Na-

cional, ao passo que podiam ser destinados nos corpos os indivíduos que por falta de renda, eram excluídos da Guarda Nacional. Daquela maneira os corpos de polícia municipal compunham-se o rebatimento da população da Província. A defesa dos direitos do cidadão, observava Zácarias, confiada a eles não oferecia garantia, nem pela disciplina como a Polícia Provincial, nem pela propriedade como a Guarda Nacional.

A missão dos corpos de polícia municipal era quase a mesma que a da Guarda Nacional, com a diferença, porém, que neste havia escolha e apuração, naquela não. Também era muita inconveniência por parte dos corpos municipais o extraordinário número de oficiais vitalícios por eles trazidos à Província; tal multiplicidade de postos servia somente para depreciá-los, além de importarem numa espécie de tributo lançado sobre a população; tributo de homenagem a respeito tão difícil de se satisfazer, quanto pago às custas do humor próprio dos plauentes.

Tantos oficiais de polícia municipal juntos aos da Guarda Nacional, da Polícia Provincial e da Força de Linha, davam à Província uma plethora de postos que não podia deixar de ser péssimo, pelo fato de existirem, auferindo as mesmas regalias, oficiais de patentes idênticas, mas disciplinar e culturalmente dispares.

Em face do Ato Adicional os deputados não estavam autorizados para legislar sobre o assunto, uma vez que o artigo referente à matéria dava às assembleias provinciais somente a atribuição de "fixar" sobre informações do Presidente, a força policial respectiva. Era a força dos corpos de polícia municipal, segundo a organização explícita no código das leis paulistas, não era força que admitisse "fixação".

Segundo a lei vigente, a Força Policial da Província devia constar de 176 praças de pré e quatro oficiais que formavam uma companhia, composta de um capitão comandante, um tenente, dois alferes, um primeiro e dois segundos sargentos, um fuzileiro, dois cornetas e 170 soldados.

Os esclarecimentos obtidos por Zácarias eram pouco circunstâncias porque o comandante da companhia da Força Policial, que só deve ser fornecido, achava-se destacado em Fernando, havia mais de um ano. Além disso a polícia estava espalhada por diversos municípios, em consideráveis distâncias, o que dificultava o exato conhecimento do seu estado efetivo. O certo é que faltavam mais de 30 praças para se completar a companhia.

Como o aviso imperial referido proibia destacamentos de corpo fino

nos casos ordinários, e não sendo permitido contar com ele na fixação da força policial, Zácarias achou conveniente fazer algumas alterações dentro das possibilidades financeiras da Província.

Convinha, de inicio, elevar a Força do limite de 180, estabelecido por lei, para 225 praças, a fim de que se pudessem fornecer, satisfatoriamente, destacamentos às mais diferentes vilas da Província.

Vendo que a companhia com 225 praças ficaria muito grande para um só comando, Zácarias, propôs desdobrá-la em duas mais regulares, mas ajuizou que, em todo caso, devia cessar o abuso de o comandante da Polícia permanecer em Pará, em vez de estar em Oeiras, centro das decisões administrativas da Província.

Em muitas Províncias do Império a polícia compunha-se de indivíduos "engajados" para servirem por tempo determinado. Era obrigatório que fossem pessoas de boa conduta, moral e civil, condições obviamente indispensáveis a quem se empregasse em manter a segurança interna, amparando a vida e os bens dos cidadãos.

Era costume, dar-se à Força de Polícia, vencimentos diferentes dos da Força de Primeira Linha, sujeitando-a a regulamentos mais brandos, pois que exigindo se dos indivíduos que a compunham certa moralidade, era justo tratá-la com mais brandura e oferecer maiores vantagens pecuniárias. Significava dizer-se que um soldado de polícia ganhava mais, e tinha mais privilégio do que um soldado do exército.

As leis paulistas nisso não seguiam as demais províncias. Adotaram o recrutamento para formar a Força Policial, o regulamento do Conde de Lippe para discipliná-la e para remunerá-la, os veículos da tropa de linha; o que não era certo. Zácarias confiou à Assembleia Provincial a iniciativa de modificar ou não, aqueles critérios, depois que examinassem, se tais disposições eram ditadas pela necessidade, ou por circunstâncias peculiares da Província, que bem pouco conhecia.

Para ele parecia melhor uma reforma acentuada, porque, particularmente, jamais desejava que a caridade, como ali se evidenciava, fosse posta em prática, em prejuízo da segurança, inclusive, porque aquelas disposições não lhe pareciam nada coerentes com o espírito da legislação brasileira, quanto à matéria.

No sessão do dia 19 de agosto de 1845, a Assembleia Legislativa Provincial dirigiu mensagem ao Presidente Zácarias de Góis, destacando:

"Ora é desejável permanecer esta Província por quase quatro lustros de sua vida pública, até que uma sorte mais benigna lhe foi outorgada; e quando, ansiosa, come-

## HISTÓRIA

cava a apreciar os frutos de uma administração, legítima filha do benéfico sistema que nos rege, eis que o fado adverso, quebrando os elos da doce cadeia de nossas esperanças, de rojo lento reconduzir-nos à anômala posição que ocupávamos no regime representativo, dando assim, lugar aos fatos fielmente expostos por Vossa Excelência."

"É na hora das extremidades, quando entregue aos paroxismos da dor, que mais se cala na alma do moribundo a gratidão pelo auxílio que lhe oferece mão caridosa".

"Esse auxílio, felizmente, acaba a Província de encontrar no benemerito Delegado do Governo Imperial, que era dirigir o leme dos negócios públicos. A lei tem reconquistado seu domínio, os fundamentos em que se firma a ordem social, já não ameaça ruir e o característico, hoje, mais saliente de nossa política é a paz, a concórdia e uma ilimitada confiança no digno administrador".

Assinaram o documento os deputados provinciais: Dr. Cândido Gil Castello Branco, coronel Silvestre José da Cunha Castello Branco e o major José Maurício da Costa Pestana. Naquela época a Assembléia Provincial compunha-se de quinze parlamentares: um padre, cinco civis e nove oficiais militares.

Zacarias de Góis compareceu pela segunda vez à Assembléia Provincial, na sessão de 11 de julho de 1846.

Ao discorrer sobre a situação da segurança pública disse que em toda a Província reinava perfeito sossego, ao contrário do que acontecia no início de sua gestão, quando os ânimos se achavam excessivamente irritados com as ocorrências das últimas eleições gerais, que por pouco não atrairam a Província numa rebelião sangrenta.

Nenhum fato sucedeu que tivesse relação com as causas que, em 1845, produziram tal agitação.

No dia 21 de dezembro foram celebradas as eleições provinciais sem maiores conflitos. Os mesmos adversários e as mesmas idéias ainda prevaleceram; apenas limitados aos meios mais brandos e persuasivos entre os contendores.

Essa repentina mudança no espírito público, para Zacarias, abonava o caráter e a índole do povo piauiense, que só a custo de circunstâncias extraordinárias, se deixava afastar dos objetivos da paz e do sossego. Evidenciava-se, nisso também, a poderosa influência do governo do Império, que prescrevia, como regra inviolável de administração, "governar com energia e prudência, fazendo justiça a todos sem exceção de ninguém".

Quanto à segurança individual, quadro menos agradável foi traçado

por Zacarias. Conforme mapa organizado, com base nas participações oficiais dirigidas à Presidência da Província, do mês de agosto de 1845 até julho de 1846, 34 crimes foram cometidos no Piauí. Foram dezenas homicídios, uma tentativa de homicídio, oito lesões corporais graves, dois roubos, dois portes ilegais de arma e seis chamados "crimes de responsabilidade".

Do número de crimes de que o governo tinha notícia, ao dos que realmente haviam sido cometidos, mas ficaram impunes, pela má administração da justiça e a grande facilidade encontrada pelos delinquentes para fugirem à averiguação e, consequentemente, ao castigo de seus delitos, ia, sem dúvida, uma grande diferença. Isso se podia ver no porte ilegal de arma, abusado em todos os recantos da Província, que aparecia apenas duas vezes nas estatísticas oficiais. Mesmo inexato, o mapa desportava sérias reflexões, pela desproporção que apresentava entre o homicídio, as lesões corporais mais ou menos graves, e os demais crimes.

Dos mapas exigidos por Zacarias, ao Chefe de Polícia, acerca dos julgamentos proferidos recentemente inferia-se a deplorável certeza de serem mais frequentes na Província os crimes contra a pessoa e à vida, que quaisquer outros. Só no ano de 1844, 24 crimes constavam como tendo sido submetidos a julgamento; deles, oito foram de homicídio, quinze de lesão corporal e apenas um de furto.

Em 1845, o júri conheceu 58 crimes: um de moeda falsa, um contra a liberdade individual, quatro de ameaças, três de furto, um de estupro, dois de porte ilegal de arma, vinte e três de lesões corporais e vinte e três homicídios.

O homicídio e as lesões corporais, como os crimes mais freqüentes na Província, sintomavam cetro e a corrupção generalizada, que muito importava averiguar e combater.

Examinando a estatística criminal da Província, Zacarias de Góis via que, de 24 réus julgados em 1844, somente dois sabiam ler; de 58, que no ano seguinte foram a júri, apenas 16 haviam recebido instrução primária. O pior foi, que no primeiro ano absolveram 13, e no segundo 44 réus.

A violência movia-se, comodamente, entre a ignorância do povo e a pusilanimidade da justiça, demonstrada na incrível facilidade de absolver criminosos. O fato não se atribui, apenas, à desmoralização das autoridades, mas, sobretudo, ao temor da vingança de criminosos, que quase sempre, sob poderosa proteção, zombavam da Justiça, animados com a certeza de impunidade.

Em atenção ao aviso imperial de 21 de julho de 1845, Zacarias de Góis colocou à disposição do Maranhão, o Corpo Fijo de Caçadores, substituindo-o por um destacamento de 200 praças, do 5º Batalhão de Fuzileiros daquela Província, sob o comando do Capitão Miguel Ferreira Cabral. Era a única força de primeira linha existente na Província e totalmente aquartelada em Olinda.

O Corpo Policial Provincial achava-se completo, na forma da lei nº 195, mas não preenchia, satisfatoriamente, às necessidades da Província. Zacarias já havia levado à consideração da Assembléia Provincial, um esquema de distribuição da Força Pública, pelos diversos municípios. Distribuição que não pôde ser racionalizada na forma preestabelecida, em vista da necessidade de socorrer situações de emergência.

O município de São Gonçalo, tido como um dos mais calmos, juntamente com Parnaguá, passara a merecer maiores preocupações do governo. São Gonçalo, famoso pela sua fertilidade, atraía para a sua região muitas levas de retirantes, oriundos das Províncias vizinhas, premidos pelo flagelo da seca. Foi necessário triplicar sua força policial, por se achar invadida por pessoas indigentes e dispostas ao crime. Por aqueles dias, já haviam ocorrido diversas mortes. Francisca Maria da Rocha, assassinada com onze facadas a mando do próprio por, foi a primeira. Mas foi o assassinato do Sargento do Destacamento, Antônio Raimundo de Brito Pauhyense e de uma mulher, que revoltou a população, para agravar o clima de apreensão pública. João Antônio de Lavor Paes, foi barbaramente assassinado a mando do Padre Vicente da Silva Brabo, vigário daquela Freguesia.

Em Parnaguá, a afronta era dos índios amalucados na vizinhança do município. Seus habitantes estavam na iminência de serem massacrados pelos silvícolas, quando a Força Pública chegou como reforço, para obrigar o recuo e a contenção dos selvagens.

Zacarias propôs à Assembléia Provincial, nova organização do Corpo Policial, aumentando-o em 45 praças de pré e dois oficiais distinguidos em três companhias, para melhor atender às urgentes necessidades de segurança dos lugares críticos da Província.

Em 1845, Zacarias de Góis disse ter encontrado a Guarda Nacional em completa desorganização, pelas causas que ordinariamente entorpeciam o melhoramento daquela instituição, a consequência da medida tomada pelo Conde do Rio Pardo, de

## HISTÓRIA

qual resultou a duplicação de grande número de patentes, por ter exonerado muitos oficiais e nomeado outros em seus lugares, não obstante o dispositivo legal, que assegurava nos oficiais da Guarda Nacional a vitaliciedade de seus postos. Zácarias que tornara sem efeito a medida de Rio Pardo, readmitiu os oficiais exonerados, intensificou a disciplina dos corpos e melhorou a instrução, na tática de suas armas.

De 14 de outubro a 13 de novembro de 1845, com a falta de oficiais e soldados de primeira linha, 50 praças, um capitão e dois subalternos, sem vencimentos, fizeram a guarnição da Capital. A partir de 14 de novembro daquele ano, continuou o mesmo número de oficiais a suprir a falta de oficiais de primeira linha, em domingos e dias santos. Era a primeira vez na história de Oeiras, que a Guarda Nacional supria, ou complementava, a força na guarnição da Capital.

Já não era impossível reunir-se a Guarda Nacional, para festas ou cerimônias civis, como se observara no dia 1º de junho de 1846, por ocasião da bênção das bandeiras dos dois batalhões, que compunham a legião da Capital, quando formaram em grande parada os referidos corpos e o Esquadrão de Cavalaria, "sendo sem dúvida, a primeira digna desse nome, que houve na Província", na apreciação do Presidente Zácaras.

Zácaras de Góis queixava-se, constantemente, da dificuldade de achar pessoas habilitadas, para instruir os batalhões e esquadrões da Guarda, nos diversos municípios. Quando, com excessivo sacrifício, conseguiam melhorar o nível dos oficiais, um fato desogradável corría para a sua retrocessão. É que, a legislação provincial, concedia aos oficiais da Guarda um direito altamente protetor do ócio, e contrário ao desenvolvimento e progresso da instituição, seus oficiais alcançavam a reserva muito cedo, deixando seus corpos e companhias a mercê de interinos menos habéis. Houve casos nessa Província, em que companhias ficaram sem capitão, sem tenentes e sem alferes; porque cada um deles, simultaneamente, pediu e obteve reserva.

No sistema da lei de 18 de agosto de 1831, em que os postos eram conferidos por eleição de quatro em quatro anos, a falta de patriotismo e a preguiça de um oficial, que a pretexto de reserva, quisesse esquivar-se às funções do seu posto, encontravam pronto corretivo na recusa de votos e, se não fossem eleitos, ficava o mal remediado. No entanto, dada a vitaliciedade ampla e sem limite estabelecida no artigo 2º, da Lei Provincial nº 28, extinguia-se todo corretivo ao abuso. Havia oficiais, que depois de receber a paten-

te, pediam logo a reserva, para gozar das regalias do posto, na omisão do trabalho.

A necessidade de dar ao princípio das patentes, algumas restrições, ou execuções, nos casos em que os oficiais as abandonassem, com graves prejuízos ao serviço público, parecia óbvio.

\* \* \*

A presidência de Zácaras de Góis, na Província do Piauí, cumpriu-se de 28 de julho de 1845 a 7 de setembro de 1847, isto é, em pouco mais de dois anos. No último relatório dirigido à Assembleia Legislativa Provincial, em 6 de julho de 1847, ele anunciou que a tranquilidade pública, nenhuma alteração havia sofrido. No período das eleições, quando os espíritos turbulentos, aproveitando-se da agitação do povo, costumavam sair, dando vazão aos seus instintos anárquicos, já não aconteciam tais problemas.

Mesmo assim, lamentava-se o Presidente Zácaras, "não tem faltado quem, em cartas escritas daqui para a Corte, em artigos publicados em diversos jornais, e por todos os meios ao seu alcance, tenha apregoado estar esta Província, sob violência e opressão inauditas, e por isso, prestes a buscar meios de salvar-se, na resistência e na desordem".

Tais boatos, com certeza, refletiam um jogo desleal contra a postura firme, descomprometida e iconoclasta de Zácaras de Góis, diante da política sética e improvisada, em proveito restrito de quem sustivesse o poder.

Quanto à segurança individual, subsistiam as reflexões do ano de 1846. No mapa que mostrava o número e a natureza dos crimes conhecidos, oficialmente, cometidos no intervalo de um ano, sobre saíram um parricídio, ocorrido em Valença, em que Martiniano Soares de Sousa, para antecipar a posse da herança, mandara assassinar o próprio pai, tenente coronel Antônio de Araújo Sousa, e o assassinato do tenente coronel João Rabelo Cardoso, em Barras.

O Corpo de Polícia Provincial, que se achava aumentado e organizado nos termos da Lei nº 206, de 25 de agosto de 1846, ia prestando os serviços que dele se podiam esperar.

A Força Policial, se bem que auxiliada pela força de primeira linha, não chegava para fornecer destacamentos a todos os municípios. Jequitinhonha, Valença e Marvão não os tinha, naqueles dias. O sossego vivido habitualmente, por esses três municípios, e a necessidade de reforçar, consideravelmente, os des-

tacamentos de Parnaíba, Príncipe Imperial, Campo Maior, Parnaíba e outros pontos indispensáveis, foram a causa da referida distribuição.

Alguma alteração convinha que, houvesse no corpo policial, a bem do serviço público, consistindo em criar-se nele uma seção de cavalaria, constante de quinze soldados, dois cabos e um 2º sargento, destinada, essencialmente, a transmitir, com rapidez, aos diversos pontos da Província, avisos e ordens de urgência, assim como a captura de desertores e presos foragidos de Oeiras. Tais diligências ainda eram feitas por policiais a pé.

A medida indicada, poderia efetuar-se, sem aumento da Força de Polícia, decretada pela respectiva lei em vigor, e quase com o mesmo crédito consignado para o pessoal do Corpo, pelo projeto de lei do orçamento organizado na sessão de Assembleia Provincial, em 1846, uma vez que somente com a compra de cavalos e arreios se teria de fazer despesas, então orçadas em 530 mil réis, além de 14 mil réis por ano, gastos com o soldo de um cabo que teria de passar a 2º sargento.

A Guarda Nacional, que, até meados de 1845, achava-se em completo desorganização e atraso, passou a oferecer, ao menos na capital, uma situação melhor. Além de três oficiais, que todos os domingos e dias-santos, prestavam serviço à guarnição de cidade, algumas vezes, Zácaras os requisitava para auxiliar a tropa de linha, no serviço ordinário, mudando-se os guardas de três em três dias, sem perceber nenhum vencimento, na forma de lati.

Nos dias de grande gala, e em certas festas mais importantes, reunia-se a Guarda Nacional com regularidade e assento. No dia 7 de setembro de 1846, o Presidente Zácaras de Góis, conseguiu reunir em grande parada 1.193 praças, o que lora, sem dúvida, um grande progresso, porque em outras ocasiões, reunir 50 homens, convenientemente fardados, era tarefa impossível.

Oscarino Lemos  
Piauiense, editor, pesquisador, historiador e jornalista.

(Excerto do IV Capítulo do livro inédito, OEIRAS - CAPITAL DA PROVÍNCIA DO PIAUÍ).

# Um piauiense na história do Hino Nacional Brasileiro

POR: A. Tito Filho

Com a Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, surgiram vários cânticos de louvor à liberdade. Um deles foi o de Francisco Manuel da Silva, que depois se tornou o Hino Nacional Brasileiro. O autor não conseguiu divulgar nem executar oficialmente a música que compusse para saudar a independência da pátria.

## CONSAGRAÇÃO

A consagração da música de Francisco Manuel da Silva veio em 1831, com a abdicação de Dom Pedro I. Era grande o descontentamento do povo com relação ao imperador, que havia dissolvido a orquestra da Capela Imperial, suspeitando que os músicos lhe eram infieis. E estes passaram a reuñir-se num armário de rua Senhor dos Passos. Ali foi feita a letra do hino.

## A LETRA

O hino de Francisco Manuel da Silva tornou o nome de SETE DE ABRIL, data da abdicação de Dom Pedro I. A primeira letra foi escrita pelo poeta Ovidio Saraiva de Carvalho e Silva, nascido na Paraíba, Estado do Piauí. Música e letra foram executadas no dia 13 de abril de 1831, quando o ex-imperador deixava o Brasil. Eis os versos do autor piauiense:

Os bronzes da tirania  
Já no Brasil não rouquejam;  
Os monstros que nos escravizavam  
Já entre nós não viscam!

Da Pátria o grito etc.  
Eis o desastre  
Desado o Amazonas  
Até o Prata.  
  
Ferrões e grilhões e forças  
De antemão se preparam  
Mil planos de prostração  
As mãos dos monstros gloriam

Da Pátria o grito etc.  
Amanheceu finalmente  
A liberdade no Brasil.  
Ali não desça à sepultura  
O dia Bate de Abril.

Da Pátria o grito etc.  
Este dia portentoso  
Dos dias seja o primeiro:  
Chamemo Rio de Abril  
O que é Rio de Janeiro.

Da Pátria o grito etc.  
Arranquem-se aos nossos filhos  
Nomes e idéias dos lados  
Monstros que sempre em trações  
Nos envolveram confusos.

Da Pátria o grito etc.  
A liberdade no Brasil...  
Ali não desça à sepultura.  
O dia Bate de Abril.

Da Pátria o grito etc.  
Este dia portentoso.  
Dos dias seja o primeiro:  
Chamemo Rio de Abril  
O que é Rio de Janeiro.

Da Pátria o grito etc.  
Arranquem-se aos nossos filhos  
Nomes e idéias dos lados  
Monstros que sempre em trações  
Nos envolveram confusos.

Da Pátria o grito etc.  
Ingratitudes bizarria,  
Inválidos de talento.  
Nossas virtudes, nosso duro,  
Foi seu diário alimento.

Da Pátria o grito etc.  
Homens barbares, gerados  
De sangue judaico e muçum  
Desenganal-vos, a pátria  
Já não é vossa tesoura.

Da Pátria o grito etc.  
Nesta solo não vicia,  
o trono da escravidão.  
A quarta parte do mundo  
As trás da melhor língua.

Da Pátria o grito etc.  
Avante homens satíricos  
Não há momento a perder  
Se já ladeia muito ferro  
Idem mais resta a fazer.

Da Pátria o grito etc.  
Uma prudente repúncia  
Um monarca brasileiro  
Nos prometiam venturosos  
O porvir mais leoníero.

Da Pátria o grito etc.  
E vós donzelas brasileiras...  
Chegando de mães ao estado  
Dei ao Brasil tão bons filhos  
Como vossas mães têm dado.

Da Pátria o grito etc.  
Novas gerações sustentam  
Do povo a soberania  
Sujeição à divisa das  
Como foi de Abril um dia.

Da Pátria o grito etc.

## NOVA LETRA

O hino de Francisco Manuel da Silva voltaria a ser executado por ocasião dos festeiros da coroação de Dom Pedro II, em 1841, com novos versos, desta vez de autor anônimo. Eis-las:

Quando vens faustoso dia  
Entre nós falar festejá  
Vemos em Pedro II.  
A ventura do Brasil.

Negar de Pedro as virtudes  
Seu talento escurcer  
E negar como é sublime  
Da bela aurora o romper

Exultai, Brasil e o povo  
Chelo de santo alívio  
Vendo de Pedro o retrato  
Festejado nesse dia.

#### ESTRIBILHO

Da Pátria o grito  
Ela se desata  
Do Amazonas  
Até a prata

#### A MARSELHESA

Com a proclamação da República, foi adotado o hino nacional francês — A MARSELHESA — durante dois meses como HINO PROVISÓRIO, para comemorar o acontecimento. Surgiu a música de Ernesto Fernandes de Souza, com letra de Medeiros de Albuquerque, analtecendo o novo regime.

Muito se passou sem novo hino nacional. Para compô-lo foi convidado Carlos Gomes, que não aceitou o convite, alegando que a música de Francisco Manuel da Silva era de exemplar beleza. No dia 22 de novembro de 1889, o governo instituiu concurso para a música destinada ao HINO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, que deveria ser adaptada aos versos de Medeiros de Albuquerque. Apresentaram-se vinte e nove compositores. Mas a imprensa fazia campanha em favor da música de Francisco Manuel da Silva.

#### VITÓRIA

Em 15 de janeiro de 1890, contingentes da marinha desembarcaram no Rio para saudar o chefe da esquadra Wandenkolk, também ministro da Marinha. Houve grandes passeatas e discursos vibrantes. O orador Serzedelo Correia pediu que o Hino de Francisco Manuel da Silva fosse adotado como Hino Nacional. Houve grandes manifestações do povo favoráveis à idéia. Deodoro da Fonseca, no momento, em nome do governo, declarou que o Hino Nacional de Francisco Manuel da Silva seria conservado como da Nação Brasileira. O concurso foi mantido, já agora para escolher a música do HINO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA. Foi vitoriosa a composição de Leopoldo Miguez, com letra de Medeiros de Albuquerque.

#### DECRETO

Eis o decreto nº 171, de 20 de Janeiro de 1890, assinado por Deodoro da Fonseca, Aristides Lobo, Campos Sales, Benjamim Constant e Demétrio Ribeiro:

"Art. 1º — É conservado como Hino Nacional a composição musical do maestro Francisco Manuel da Silva.

"Art. 2º — É adotado sob o título de Hino da Proclamação da República a composição musical do maestro Leopoldo Miguez, baseada na poesia do cidadão José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque.

O decreto, como se vê, não tratou da letra do Hino Nacional.

#### PROTESTOS

Contra a falta de letra oficial, houve vários protestos, inclusive do deputado federal Coelho Neto. Foi nomeada uma comissão para rever a música de Francisco Manuel da Silva. Membros: Alberto Nepomuceno, Frederico Nascimento e Francisco Braga. A comissão sugeriu a abertura de concurso público para escolha da letra e apresentou os seguintes versos que serviriam de modelo métrico para o Hino:

Brasil é meu destino oh! Pátria amada,  
Pugnar em prol da paz e do direito,  
Fazer parante os meusmos respeitados  
Princípios de justiça e de equidade  
Que a razão seja o seu lema  
E a tua arma seja o gládio da justiça!  
Seja o teu culto a verdade,  
E ofícias, campos sejam tua liga  
Oh! Pátria amada! Estremecida! Salve!

Brasil! no mundo inteiro terra eletta!  
Brasil! da natureza filho amado!  
Brasil! meu céu é puro entre os maiores  
puros.  
Teus mares verdes-azuis são os maiores  
belos,  
Hisônios são teus vales luminosos.  
Altivas luas serras-verdejantes,  
Teus grandes rios os mais caudalosos,  
Teus vastos campos floridos e férteis.  
Oh! Brasil! Oh! Pátria amada!  
São bem-estar, fortuna são, Brasil!  
Pátria amada! Brasil!

#### PROJETO

Coelho Neto, na Câmara dos Deputados, apresentou projeto, autorizando o governo a criar prêmio de dois contos de réis para a melhor composição poética que se adaptar com todo o rigor do ritmo à música do Hino Nacional Brasileiro. Isto em 1909.

Surgiram várias letras, entre as quais a de Osório Duque Estrada, que caiu rapidamente no domínio do público.

#### ALTERAÇÕES

Para que o poema fosse perfeitamente encaixado à melodia, Osório Duque Estrada fez várias alterações nos versos originais:  
Da Independência, o brado retumbante passou a De um povo heróico o brado retumbante.  
Pelo amor da liberdade passou a Em teu selo, ô liberdade  
Quando em teu céu azul, risonho e limpido passou a Se em teu formoso céu, risonho e limpido.  
Es grande, és belo, impávido colosso passou a És belo, és forte, impávido colosso.  
Dos filhos do teu flanco, és mãe gentil passou a Dos filhos deste solo és mãe gentil.

Entre as ondas do mar e o céu profundo passou a Ao som do mar e à luz do céu profundo.  
Fulguras, ô Brasil, jóia da América passou a Fulguras, ô Brasil, florão da América.  
Brasil seja de amor eterno símbolo passou a Brasil de amor eterno seja símbolo.  
O pavilhão que ostentas estrelado passou a O labaro que ostentas estrelado.  
Mas da injustiça erguendo a clava forte passou a Mas se ergue da justiça clava forte.

#### OFICIALIZAÇÃO

O concurso proposto por Coelho Neto nunca foi realizado. A letra de Osório Duque Estrada permaneceu difundida até 1922, sem oficialização. Mas a 21 de agosto de 1922, Epitácio Pessoa assinou o decreto nº 4.559 autorizando o Poder Executivo a adquirir, pela importância de cinco contos de réis, a letra do Hino Nacional Brasileiro, escrita por Joaquim Osório Duque Estrada. Feita a aquisição, Epitácio Pessoa, em 6 de setembro de 1922, baixou o decreto nº 15.671 declarando oficial a letra do Hino Nacional Brasileiro escrita por Joaquim Osório Duque Estrada.

#### OS AUTORES

FRANCISCO MANUEL DA SILVA nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de fevereiro de 1795. Era violinista. Compôs principalmente hinos e músicas sacras. Morreu a 18 de dezembro de 1865, na cidade em que nasceu. JOAQUIM OSÓRIO DUQUE ESTRADA nasceu na cidade de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, a 29 de abril de 1870. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Poeta, jornalista e crítico literário. Publicou várias obras.

E N S A I O

O CÓDIGO ÉTICO DO SERTÃO EM

# O BOQUEIRÃO

POR: Fabiano de Cristo Rios Nogueira

A produção literária de José Américo (*A Bagaceira*, 1928; *O Boqueirão e Coiteiros*, 1935), foi cercada, no seu surgimento, por circunstâncias determinantes da maior ou menor receptividade de suas obras junto à crítica e ao grande público. Dentre elas, *A Bagaceira* foi a mais feliz, as circunstâncias que a cercaram foram positivas. Surgiu no momento em que a atmosfera literária estava condicionada ao surgimento de alguma coisa no Modernismo e, segundo Wilson Martins, veio preencher tal lacuna: "Isso explica, antes de mais nada, creio eu, pela mudança na conjuntura histórica e social, e, decisivamente, pelo aparecimento "ao Norte", de um romancista que trazia, enfim as qualidades que os de São Paulo se obstinavam em frustrar. Assim *A BAGACEIRA*, livro afinal de contas, completamente estranho ao Modernismo, tomaria o lugar de João Miramar, de *O Estrangeiro*, de Macunaíma, como fonte de grande ficção modernista, mas isso só foi possível, exatamente como aconteceria mais tarde com Casa Grande & Senzala, porque a atmosfera literária já estava condicionada pelo Modernismo e esperava alguma coisa nesse gênero".<sup>1</sup>

Já na visão crítica de Alfredo Bosi, temos a convergência de motivos internos e externos com circunstâncias que cercaram o aparecimento d'*A Bagaceira*. O seu comentário crítico à citada obra de José Américo, está de certa forma ligado ao de Wilson Martins, contudo, convém salientá-lo porque nele a ligação ao Modernismo, cinge-se, primacialmente,

à coloração original que vinha tomando, no Nordeste, o gênero modernista, e mais, porque valendo, mostra a convergência de motivos internos e externos que somados, deram à obra a posição destacada que desfruta em nossa historiografia literária. Os motivos externos foram mais importantes que os internos, no sentido de assegurar a valorização do romance.

Segundo Bosi, com efeito, a criação de J. A. não supera o que já havia sido feito no gênero, sob o signo do Naturalismo. Até aponta um elemento que, se usado a contento, poderia ter sido responsável pelo melhor nível da obra: o encontro de uma retrante com o bacharel, a enorme distância psicológica entre ele e o pai, para quem ele acaba perdendo a jovem.

Mas Bosi aponta também os méritos do livro e o que dele ficou para as experiências que se seguiriam atualizando-se na melhor produção poética da década seguinte: "um tratamento mais coerente da linguagem coloquial, traços impressionistas na técnica da descrição e, no nível dos significados, uma atitude reivindicatória que o clima de decadência da região propiciava".<sup>2</sup>

Fácil seria continuar o levantamento da crítica às circunstâncias do surgimento d'*A Bagaceira*, porque é farta a bibliografia sobre o romance que, segundo Otto Maria Carpeaux, "abriu nova fase na história literária do Brasil".<sup>3</sup> mas é ele mesmo que acrescenta, "o número de referências bibliográficas não da ideia suficiente do éxito e da importância do livro".<sup>4</sup> Contudo, é preciso referirmo-nos

ao trabalho do Professor Juarez da Gama Batista porque é muito mais do que uma bio-bibliografia de José Américo. O trabalho é, na realidade, uma exegese dos motivos interiores que fizeram brotar a obra no autor. Mostra-nos ele um jovem procurador-geral do Estado submerso num mundo de togas pretas, de sisudez, de recolhimento e à distância de todos. Mas esse mundo adverso ao jovem de pouca idade não arrefeceu o ânimo do José Américo, pelo contrário, serviu de força propulsora à busca de uma valvula de escape. *A Bagaceira*.<sup>5</sup>

Não poderíamos deixar de registrar aqui o estudo de M. Cavalcanti Proença (*In Estudos Literários*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974, p. 374-421), por permanecer como o mais completo sobre esta obra ficcional.

A posição ímpar d'*A Bagaceira* na historiografia literária brasileira não surtiu o efeito mais esperado, ou seja, que as obras subsequentes da produção literária do consagrado autor sofrerem exames críticos acurados e não fossem vítimas de críticas apressadas, como a de Alceu Amoroso Lima, que procura fazer do autor paraibano artista de uma obra: "leis ainda ensaiar de novo nos Coiteiros e no Boqueirão o voo de vosso avião literário. Mas é uma tendência de nossas letras ao longo dos séculos — de que *O Guarani* ou *Os Primeiros Cantos*, *Os Sertões* ou *Canaã* foram as provas comprovadas — que os nossos grandes autores dão logo o melhor do seu gênio em suas obras de estreia. Há exceções, sem dúvida, porque a arte é uma eterna surpresa e um

## ENSAIO

desmentido constante às pretensões dos críticos de verem leis e ritmos onde há apenas a liberdade do espírito, que sopra sempre onde quer, como o próprio Espírito de Deus, de que aliás, o espírito de cada criador não é mais do que um pálido reflexo".<sup>6</sup>

Ora, se o próprio Alceu Amoroso Lima admite exceções, poder-se-ia ficar por aqui. Cabe, no entanto, salientar que a exceção ele pôs na regra José Américo. Parece-me que o crítico não foi capaz de perceber a liberdade de espírito desse autor que soprava fortemente em duas novas grandes obras, *Coiteiros* e *O Boqueirão*. A primeira foi alvo de um estudo de Jean Oreccioni, professor universitário em Grenoble, na França, que conquistou esse título com uma tese sobre o cangaceiro, aprovada pela Sorbonne, e que tinha como um dos capítulos o estudo sobre *Coiteiros*. Quanto a esse trabalho, teríamos a ressalvar, em que pese sua qualidade analítica, a sua presença no prefácio do *Coiteiros*, porque narra o desenvolvimento da trama e, de certa forma, ad leitor menos avisado tira o prazer do contato primeiro que deve ser sempre com a narrativa original, com o texto literário. Contudo, o trabalho merece ser visto, analisado e sobre ele se deve refletir para melhor compreensão de *Coiteiros*. Dele convém ressaltar o último parágrafo porque lá estão amalgamadas as características necessárias à compreensão do homem nordestino que vive, ama e luta em *Coiteiros*: "A minha convicção profunda é que certos romances nordestinos têm valor literário, precisamente, na medida em que nós, leitores estranhos a esse meio, reencontramos neles não digo o Homem com letra grande, invenção dos filósofos, mas os homens, nossos irmãos, com a sua fisionomia, a sua mentalidade, os seus costumes, os seus pensamentos e sentimentos, os seus problemas e as suas reações pessoais, tudo isso diferente, é certo, porque cada homem é único, mas tudo isso também de cada um de nós, porque estamos todos a bordo do mesmo barco, nessa grande aventura que é a vida humana".<sup>7</sup>

"O Romance Brasileiro de 30", trabalho de Adonias Filho, traz as palavras de impacto e de colocação certa de Tristão de Almeida ao irromper d'*A Bagaceira* na literatura nacional: "Até minutos antes a literatura brasileira estava vazia desse livro. E de agora em diante já não pode viver sem ele".<sup>8</sup> Mas, ao contrário de Alceu Amoroso Lima, Adonias Filho foi além, soube ver que o autor multiplicou-se em obras de boa qualidade literária: "O maior elo-

"...a arte é uma eterna surpresa e um desmentido constante às pretensões dos críticos de verem leis e ritmos onde há apenas a liberdade de espírito."

gio, porém, para o romance de José Américo de Almeida, é dizer-se que se multiplicou sem sair de si mesmo. Tornou-se muitos, alterando uma ficção, valorizando a literatura de um tempo. Multiplicou-se inclusive na própria obra do autor com *Coiteiros* e *Boqueirão*. Esse romance, *A Bagaceira*".<sup>9</sup>

Inicialmente, mesmo com Adonias Filho ressaltando a multiplicação d'*A Bagaceira* em obras subsequentes, mesmo com Jean Oreccioni estudando *Coiteiros*, vê-se que o estudo sobre *Coiteiros* e *O Boqueirão* é incipiente ou quase não aconteceu em relação à *A Bagaceira*. Contudo, é preferível a omissão de muitos à crítica, felizmente pouco contundente, de Lúcia Miguel Pereira que se ressente de clarividência analítica ao valorizar *O Boqueirão* como a obra menor de José Américo. Ora, se atentarmos as palavras do Professor Juarez da Gama Batista, no prefácio de *A Bagaceira*, que fala da "tarde sobrenatural" do autor como "a sugestão óptica que levou um tique inimaginável da vida à sua obra-prima, a obra-prima esquecida da literatura brasileira". — *O Boqueirão*,<sup>10</sup> certamente veríamos que seria preciso maior acuidade científica e percepção artística para não incorrer na falha analítica de dizer que "Existe animismo em *Bagaceira*, existe muito em *Coiteiros*, e existe também em *Boqueirão*", mas que "Este último parece-me nitidamente inferior aos dois outros. Não tem a mesma força, e um dos maiores dons do seu autor, quase a sua marca distintiva, é a força".<sup>11</sup> (O grifo é nosso)

Felizmente em nossa historiografia literária há unsaistás de maior acuidade científica. Por exemplo, há um ensaio de Fábio Lucas, em *O Caráter Social da Literatura Brasileira*, São Paulo, Quiron, 1976, em que se percebe ao primeiro contato que o autor não se deteve profundamente na obra estudada, conta porém a seu favor a lucidez de indicar *A Sinfonia Pastoral do Nordeste*, de Juarez da Gama Batista, como uma boa análise dessa obra.<sup>12</sup> Parece-nos que a saída justa e honesta para quem não se debruçou a refletir definitivamente sobre uma obra de arte é indicar quem o fez.

Levantada a bibliografia sobre a produção literária de José Américo de Almeida, constata-se que *O Boqueirão* foi a obra injustiçada do autor por ter sido relegada ao esquecimento na historiografia literária brasileira. No entanto, por julga-la muito mais que um "romance de pendor reacionário. Na luta entre a tecnologia que penetra no Nordeste e os elementos naturais",<sup>13</sup> procuraremos mostrar que *O Boqueirão* é a constatação, através de uma realidade artística, de que nenhuma mudança se efetivara benéfica ao Nordeste e ao nordestino pela implantação do processo de modernização. Porque somente será válida aquela mudança que se fizer de dentro para fora, do interior para o exterior, pelo processo de desenvolvimento.

Viviam os dois como irmãos na Universidade de Ohio. O brasileiro exaltava o Brasil.

— Terra onde se dá tudo.

E mais isso e mais aquilo.

Mas havia no seu país uma terra diferente de todas as outras:

— Terra onde não se brinca com o amor. Terra de palavra dada: sim-sim, não não.

Era seu sertão nordestino" (*O Boqueirão*, p. 83).

Estas afirmações iniciais de Remo: "Terra onde não se brinca com o amor" e "Terra de palavra dada: sim-sim, não não" parecem serem esquecidas pelo próprio Remo ao tornar-se um sertanejo mesclado de idéias "ianques", isto é, tornar-se cidadão e sertanejo simultaneamente:

— Estou acostumado a brincar com as girls.

Ela ria tanto que lhe tremia todo seio.

Remo foi o último a sair; fecharam-lhe a porta nas costas. E, quando se viu só, no pátio iluminado, reverteu as impressões de menino.

A fogeira, com fome, devorava a lenha verde, ainda viva, que chavava nas brasas, sangrando um sangue escuro. Mas esse fogo ritual tinha-lhe aquecido as ilusões mais deleitosas da infância. A pôeira de fósforos era uma imagem que ainda lhe alumニア os sonhos.

Aspirou o perfume das resinas queimadas, o mesmo incenso que lhe ressecava a alma. Sentiu todo o gosto de um cheiro antigo que nunca se esquece. Era mais fácil esquecer um nome.

Quem estava com a razão era Frank White que lhe dizia: "Na América você tinha um ar do sertão; no sertão, tem ar estranho" (*O Boqueirão*, p. 99) (o grifo é nosso).

Essa dualidade interior de Remo na busca constante e inconsciente da sua unidade interior, age

## ENSAIO

por um mecanismo de transferência em seu pleito de modificar o sertão: "Desde esse dia, o brasileiro só aspirava a uma vida de ação. Queria salvar, quando nada, o seu sertão sacrificado. Descobrir-lhe a alma; curá-lo do mal de amor; criar-lhe a alegria providencial".

Desejava afeiçoar a terra da seca a um tipo de civilização prática e feliz" (O Boqueirão, p. 84). Nessa tentativa, ele procurou niveler por si a terra e as pessoas e implantar seu "amor" difuso e inconsciente na alma das raparigas sertanejas: "— Para que aperreias as raparigas?

E Remo foi positivo.

— Para que aprendam a viver na intimidade dos homens sem amá-los. Quero ensinar esse povo triste a ser feliz" (O Boqueirão, p. 97).

Ora, ao primeiro contato com o sertão, Frank White, o americano, exclama: "— Que povo! É preciso criar uma civilização assim" (O Boqueirão, p. 95). Registrando aí seu passo inicial de discordância ou de antevisão da inútil tentativa de Remo de procurar mudar a alma de um povo. E, mais adiante, ao auscultar melhor a alma sertaneja, ratifica sua antevisão numa frase preemptória: "— Tentar mudar a alma de um povo é expô-lo a perdi-la. Tudo pode ser artificial, menos a alma" (O Boqueirão, p. 103).

A concordar com o americano estavam os sertanejos mais velhos e experimentados de vida que davam a trela:

"— Ah, meu amigo, isso acaba mal. Não pode endireitar assim.

Eram as últimas expressões de um tempo que se dilui" (O Boqueirão, p. 106).

"— Que é que o sr. está pensando? A seca faz mal, mas já se sabe o mal que faz. Recebe-se como se pode, como uma doença qualquer. O pior é a gente não saber o que vem" (O Boqueirão, p. 106).

"— O quê? De que serve salvar, se o sertão vai ser outro. Eu juro! Antes a seca que vem e passa. E tudo fica como é" (O Boqueirão, p. 106). Sim, porque eles tinham consciência que os benefícios que a barragem trouxesse não suplantariam os males causados à alma do povo com a ruptura do código ético do sertão.

Contudo, são as palavras de um guarda dos costumes do sertão que funcionam como a grande nota musical, desta "sinfonia pastoral do nordeste", que envolverá toda a obra como uma imensa metáfora: "— Acabando com os nossos costumes acabam com a gente: o mais será deles. Diz que vai melhorar. Começa que eu não

acredito. Acredito. Mas queremos antes que fique como está" (O Boqueirão, p. 106). O descredito envolve a melhoria trazida pela barragem como um todo e o crédito é atribuído aos bens materiais. Daí ele dizer inicialmente: "começa que eu não acredito". E, por último, "acredito". Mas como um não justifica o outro, faz sua opção final: "queremos antes que fique como está". Mas, não fica. Apesar de Remo reconhecer que Frank White está com a razão:

— Para que anexar uma civilização estranha? A terra é pura. Deve manter o seu caráter! A felicidade parece pouca, mas é espontânea e simples. Não cansa. Tudo é natural. Até a infelicidade é natural" (O Boqueirão, p. 108). Contudo, mesmo reconhecendo quais anarquicas e malefícias eram a deturpação dos sentimentos e a mistura de influências desconexas que trouxeram ao sertão, Remo não para ou já não podia parar. O certo é que Irma, a crédula, a esperançosa numa mudança efetiva e promissora, paga caro por tudo aquilo em que acreditou. Ela não ouviu o grito sertanejo de dor, de angústia e de descredito: "começa que eu não acredito". "E Irma despegou-se da serra. Não se fundiram duas almas no sacrifício final. Ela despencou sozinha, formando, com o corpo despedaçado, a barragem simbólica, amassada em sangue, fechando o boqueirão, num grotesco vingativo de esperanças ludibriadas" (O Boqueirão, p. 164).

Irma conservará desta forma, sua pureza de metáfora, até mesmo quando percebe que o mundo da técnica, à que nunca se ligara, mas que estava ligado a Remo, que era um símbolo do seu amor romântico, vai desaparecer. Por isso é que tornou de um surpreendente apego ao boqueirão abandonado, que lhe havia desfigurado a terra com uma esperança enganosa e a presença incômoda daquele aves da arribação. E o seu sacrifício vai ser a única reação verdadeira, pessoal, silenciosa à retirada das máquinas que lhe transformaram o destino, e que irão, por fim, arrastar Remo pelas estradas do sertão — estas, só agora apontadas como "arterias do vício". Com uma coragem só de mulher, Irma defende essa pureza que é, sobretudo, um sentimento antigo da terra buscando encontrar-se num antigo amor, que também se escapa. Por isso foi que "despegou-se da serra" despencou sozinha, formando, com o corpo despedaçado, a barragem simbólica.<sup>14</sup> Seu corpo formou a barragem que não foi concluída com os recursos tecnológicos, mas, com a alma do povo do sertão, exposta pela tentativa de mu-

danças que tentaram submetê-la e que acabou por desvirtuar-lhe os sentimentos.

Convém salientar ainda, que, ao final da análise de "o código ético do sertão, em O Boqueirão", concluimos que o sacrifício de Irma que despegou-se da serra, "formando com o corpo despedaçado, a barragem simbólica", significa que o processo de modernização traz em seu bojo o benefício do avanço tecnológico e o malefício da ruptura do código ético. Daí a morte de Irma ultrapassar a simples morte de uma pessoa para simbolizar a violação, a deturpação, a ruptura dos valores éticos de um povo, como elemento necessário à consecução da baragem.

A guisa de conclusão convém salientar que mesmo consciente que "o número de referências bibliográficas não é suficiente para o êxito e da importância do livro", esperamos, no entanto, que o brado do professor Juarez da Gama Batista, O Boqueirão é a obra-prima esquecida da literatura brasileira, sirva de alerta aos estudiosos de literatura, não com o objetivo de ampliar o número de referências bibliográficas sobre a obra, mas objetivando propiciar aos estudiosos o prazer intelectual do trabalho analítico sobre O Boqueirão, fora de dúvida, a obra-prima ficcional de José Américo de Almeida.

Fabiano de Cristo Rios Nogueira  
Professor de Literatura Brasileira  
da UFPI

### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- III. MARTINS, Wilson. "O modernismo". In: *Boa América — ensaios e textos políticos*. Rio de Janeiro, 1970.
- IV. MORAES, Alfredo. *História crítica da literatura brasileira*, vol. 3, ed. São Paulo, 1974, p. 260.
- V. PROENÇA, M. Cardoso. *Ensaios literários*, 2. ed. Rio de Janeiro, 1970, p. 220.
- VI. DRAGO, p. 176.
- VII. BATISTA, Juarez de Góis. "Orixá Amazonas e manutenção da vida". In: *A herança*, 1. ed., Rio de Janeiro, 1972, p. 319.
- VIII. IRMA, Alvaro Amorim. "O maior de meus medos é eu". In: *Juju de serra — a escrita e o homem público*. Rio de Janeiro, 4. tirada, 1971, p. 75.
- IX. CHRECHIDON, Jean. In: *Prática de Estudos folclóricos*, Rio de Janeiro, 1970.
- X. ALDRICH FILHO, Agostino. *Coleção Fonográfica*, 1. ed., p. 22.
- XI. ALDRICH FILHO. "O sertanejo analfabeto de 20". In: *Sertão — a escrita e o homem público*. Rio de Janeiro, 4. tirada, 1971, p. 21.
- XII. DRAGO, p. 175.
- XIII. BATISTA, Juarez de Góis, op. cit., p. 200.
- XIV. PEREIRA, Lucia Ribeiro. "São Pedro de Alcântara — Coração Despedido". In: *Juju-América — a memória e os heróis políticos*. Rio de Janeiro, 1970.
- XV. LUCAS, Fernanda. *Ensaios críticos sobre a literatura brasileira*, 2. ed. São Paulo, 1970, p. 79.
- XVI. DRAGO, p. 176.
- XVII. BATISTA, Juarez de Góis. X. *Obra-primeiro de Remo*. Rio de Janeiro, 1970, p. 20.

## I Encontro de Compositores e Intérpretes Piauienses

O I Encontro de Intérpretes e Compositores do Piauí, promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Secretaria de Educação e pela Prefeitura de Teresina, foi encerrado dia 25 de setembro à noite, no Ginásio de Esportes Verão, com a escolha das 12 músicas que serão incluídas no Lp patrocinado pelo Governo do Estado e com um show dos cantores Jorge Ben, Pepeu Gomes e Beby Consuelo.

Com um público estimado em mais de cinco mil pessoas, houve

apresentação das 16 músicas selecionadas nas duas semifinais realizadas, quando foram escolhidas as 12 melhores.

As músicas selecionadas pela comissão julgadora e consideradas vencedoras do festival foram "Repente", de Cruz Neto; "Nós", de Garibaldi Ramos; "Meu Frevo", de Elder Jales de Carvalho; "Zeus", de Geraldo Brito; "Toda Rosa se bessa a cor", de Abrão Lincoln; "Mágica serpente", de Geraldo Brito e Paulo José Cunha; "Estrada do Carroçal", de Cláudio Ferreira.

"Pedra do Sol", de Zezé Fontes; "Desejo", de Ronaldo Bringel; "O mundo que eu venci deu-me um amor", de Nonato Medeiros; "Consequência", de Ronaldo Bringel, e "Segredos de prazer", de Alcântara.

Ana Miranda foi escolhida pela comissão julgadora como a melhor intérprete feminina, enquanto que Ronaldo Bringel ficou com o título de melhor intérprete masculino. O melhor arranjo foi para a música "Nós".



Secretário Jesualdo Cavalcanti Barros, Subsecretária Lenz Monteiro de Carvalho e o presidente da APLA, Tito Filho na abertura do Seminário 'Cultura nos meios de Comunicação'.

### Seminário a cultura nos meios de Comunicação

O Seminário A. Cultura Nos Meios de Comunicação do Estado, realizado no período de 29 a 31 de agosto, no auditório Herbert Parentes Fortes, alcançou em todos os aspectos o êxito desejado. Durante três dias escritores, jornalistas, estudantes de jornalismo e pessoas outras interessadas estiveram reunidos para questionar assuntos os mais importantes para a compreensão da nossa cultura e do nosso jornalismo.

Dividido em seis painéis, o Seminário nos apresentou temas como

O Jornalismo de Ontem e de Hoje, O Papel da Assessoria de Imprensa nos Meios de Comunicação do Estado, Os Caminhos da Cultura Piauiense, A Colaboração Literária em Face da Lei, A TV e a Crise do Homem Moderno e O Papel do Empresariado na Cultura Piauiense.

Estiveram debatendo estes temas A. Tito Filho, Lenz Monteiro de Carvalho, Herculano Moraes, Alberon Lemos Filho, José Eduardo Pereira, Ruiervan do Nascimento, Edmundo Moreira, Padre Matuzalém, Peucho Machado, Cinéas Santos, Ademar Bastos, Clidemor de

Frazas Santos, Luiz Alberto Falcão, Waldei Manoel Rodrigues, Pompeu Santos, Josino Ribeiro Neto, Jesualdo Cavalcanti Barros, Jesus Elias Taia, Ferdinand Silveira e João Holta.

De acordo com Jesualdo Cavalcanti Barros, o "Seminário emergiu do entendimento de que nossas manifestações culturais são expressões de nossa criatividade, de nosso gênio, devendo, por isso mesmo, ocupar maiores espaços na imprensa falada, escrita e televisada sob pena de, ao invés da grandeza, evidenciar a indigência de nosso espírito".

# Estilo simbolista de Félix Pacheco

POR: Carlos Evandro Eulálio

José FELIX Alves PACHECO nasceu em Teresina, no dia 02 de agosto de 1879. Jornalista, Deputado Federal pelo Piauí em três legislaturas, Senador da República em 1921. Ministro das Relações Exteriores no governo do Presidente Arthur Bernardes, de 1922 a 1926. Diretor do "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro e Diretor do Gabinete de Identificação e Estatística do antigo Distrito Federal, tendo ali introduzido novos métodos de datiloscopia. Em sua homenagem, aquele órgão recebe atualmente a denominação de Instituto Félix Pacheco.

Afora todas essas atividades, Félix Pacheco também destacou-se como poeta. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 16, na vaga de Tristão de Alencar Araripe Júnior. Na ABL exercem os cargos de Bibliotecário, 2º Secretário e de Secretário Geral.

Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 6 de dezembro de 1935, aos 56 anos de idade.

1897 foi o ano de publicação de seu primeiro livro de poemas: "CHICOTADAS". Trata-se de uma produção de menor importância, considerando-se a tardia manifestação romântica que nela se esboçava. Com relação a essa obra, Félix Pacheco julgava-a fora de suas pretensões poéticas, pois a ela nunca se referia, descartando-a do conjunto das demais.

Carlos Evandro M. Eulálio  
Piauiense, Mestrado em Literatura Brasileira, Professor da FUPE, crítico literário e membro do Conselho Editorial da revista Presença.

FÉLIX PACHECO:  
O poeta simbolista

Desaparecido Gruz e Sousa (1861-1898), surgiram no Brasil dois importantes grupos de poetas simbolistas fiéis à memória do autor de Broquês. O primeiro era constituído de velhos amigos pessoais do nosso Dante Negro, a saber: Nestor Vitor, Gustavo Santiago, Carlos Fróis e outros. O segundo reunia autores jovens como Saturnino Meireles, FÉLIX PACHECO, Pereira da Silva, Rocha Pombo, Carlos D. Fernandes e outros. O grupo de Félix Pacheco foi mais atuante, tanto assim que dele partiu a iniciativa da criação da mais importante revista de divulgação da Escola de Moréas, denominada ROSA CRUZ. Na Academia Brasileira de Letras, FÉLIX PACHECO foi oficialmente o primeiro poeta simbolista a ser recebido. Ali, fez a primeira apologia do movimento, por ocasião de sua posse, no dia 14 de agosto de 1913. A partir de então a Escola foi mais divulgada e o nome de Cruz e Sousa tornou-se mais vivo e difundido nos meios literários do país.

A melhor produção poética de Félix Pacheco é sem dúvida a Simbolista. Seus versos revelam influências do estilo de Cruz e Sousa e de autores franceses como Verlaine, Rimbaud, Mallarmé e mais precisamente Baudelaire de quem foi in-



térprete e tradutor. POESIAS é talvez a sua melhor obra, porque comprehende as mais célebres composições do poeta: Tentação, Espelhos, Via Crucis, Flor Florum, Lírio Roxo, A voz das estrelas que amavam, Estranhas Lágrimas, Imaculada, O Batismo da Eleita, Naufrago, Pudor e outras. A primeira edição de POESIAS surgiu em 1914. A segunda data de 1920. A edição definitiva é de 1932. Nesta última o poeta reuniu poemas publicados anteriormente.

Através do verso, FÉLIX PACHECO soube manifestar verdades interiores, utilizando vocabulário fértil, numa linguagem predominantemente emotiva. Foi poeta correto. Apresentou técnica de composição depurada como no soneto ESTRANHAS LAGRIMAS, em que usa rimas ricas, evidenciando perfeição de forma através da harmonia e da musicalidade:

Lágrimas... Numa época ventosa.  
Não tinha o olhar vestido como adeus.  
Eu próprio meus meus aconselhava: "Chora,  
Que o pranto é um refrigerio às aguas".

Ali! quinze vezes, pela faces suas,  
Molançoso, hum acris horas,  
Gon a gom rotundo, diaz outono,  
Marcam unzes e marcam duas.

Vinhem do oceano da alma, escravo e fundo,  
Quazes, num debulhar sacer e fraco,  
Mal reprimido e minha aguena loca.

Nos céus, hoje, ai clamou e esbanja,  
Jettam, co somaro, sem que se veja o mundo,  
Só a forma de riso, pela boca!

A autêntica poesia simbolista, no entanto, comparece no soneto NÁUFRAGO, cujas características como a sensação de isolamento, a busca do espiritual, a presença do transcendental, da musicalidade, enfim de imagens sugestivas confirmam os vínculos do poeta a esse estilo de época:

Sorinho... O mar e o céu... nenhuma selva  
Na curva extrema do horizonte aviso:  
Ai levo cantarilhar de moço assado,  
E é tudo um verdaço que se encapelha!  
Pedindo os rufos que me flagela,  
Nem sei da tua fieme quero dizer.  
Misteriosa, viva, Poesia, Crise,  
Piedade! O sangue se me estrela.

Por que me fugis, sol, ocaso em fogo?  
E é uma noite sem luar... Escapo agora  
O venturo trovão nas demas noites.

O império é cada vez mais forte.  
Onde é que estou? Para qual lado é o norte?  
Onde é que estou? Destino, onde me levas?

Se Cruz e Sousa tinha obsessão  
pelo branco, a linguagem colorida  
de Félix Pacheco, possivelmente  
por influência de Baudelaire, aco-  
lhia como imagem constante em  
seus poemas "a grande face do  
mar", numa identificação com a  
própria sensibilidade de poeta, ao  
manifestar uma poesia interior de  
profunda reflexão sobre o seu es-  
tado de espírito:

... E estouso com choro o oceano imenso e azulago  
O rio entendo o mar

E no oceano de angústia que te aperte  
Deixa seguir o seu batel de vime...  
Dirás meiorão

Lágrimas... Nossa época ventosa.

Vinhem do oceano imenso e fundo...  
(Estranhas Lágrimas)

Flores, que é do perfume; Enrolas, que é do  
bicho  
Quem aboboc de vez com o meu poder, serase  
(Almas mordidas)

A exemplo de todo poeta simbo-  
lista, Félix Pacheco também pagou  
tributo ao parnasianismo. Nesta  
fase, o poeta produziu poemas  
descriptivos, declarando-se adepto  
fervoroso do soneto:

... Na quem prefira os poemas dilatados  
Eu, porém, a outros moldes me remeto  
E nunca tive entre os meus gressos  
Que não soubesse dentro de um soneto".  
(Em louvor do soneto)

Assim, como parnasiano, afasta-  
se do sonho e dos mundos mis-  
teriosos, para penetrar na essência  
humana, procurando traduzir o dra-  
ma existencial dos mortais. Nesse  
sentido, Félix Pacheco aproxima-  
se de Raimundo Correia, ao produ-  
zir uma poesia de profundidade,  
impregnada de conceitos e refle-  
xões sobre a vida:

O tempo é um só e a vida nimôni é apenas  
simples motes mesmo da existência...  
(Ana Boaz, Azo Mai, II)

Agudo sentimento de transito-  
riedade das coisas é traduzido nes-  
tes versos pessimistas:

"A vida é sempre assim: nasce, desaparece.  
E morre o ser humano à govento ou à desolação.  
Tudo que é graça e amor apaga-se, festeja,  
E o que impera azienda só sempre as máguas  
sauda...  
(A fuga da vida)

A sensualidade de Bialac também  
presente na poesia de Félix Pache-  
co:

Tremosso do sono... Parnasas.  
Mas se, acaso, uma vez re-vise mai-

Mai o vento jogaço se descreve  
E, se ele se mordia nesse camorro,  
Correm que cada mal resqueira um an-

(Pudor)

Outro aspecto que merece des-  
taque na obra de FÉLIX PACHE-  
CO é a preocupação formal, que  
revela o trabalho artístico associa-  
do à inspiração. Numa busca cons-  
tante de perfeição, o poeta de Mors-  
Amor modificou por diversas ve-  
zes as suas poesias. À guisa de ex-  
emplo, eis as alterações efetuadas  
no soneto "Estranhas Lá-  
grimas" — apenas no 1º quarteto:

Alma, dizes enlou corrigi, vices,  
Que o pranto eliminou as aguas.  
Alma, dizes enlou corrigi, vices,  
Que assim incocais as aguas.  
Alma, dizes enlou corrigi, chora,  
Que o pranto alga e anda as aguas.

Finalmente, na edição definitiva de Poesias assim escreveu:

Eu proprio ensio me aconselhava: Chora,  
Que o pranto é um refrigerio às aguas."

#### OBRA DO AUTOR

Chicotadas — estm. 1897; Via Crucis — 1900;  
Mors-Amor — 1904; Poesia — crônicas 1914,  
1920 e 1932; Início — 1915; Matis — 1917; Tu,  
só tu... — 1917; Noiteira do inverno — 1918; O  
Pendão da Teba Verde, 1919; Linhas-brancas —  
1919; Esio e Poiss — 1920; Almeida de Paixão  
1922; Páginas ainda: O Pulsar da Região —  
biografia e análise crítica da obra de Eça de  
Veiga, além de outras leviões sobre história, reuni-  
ão de conferências, discursos parlamentares e bibliog-  
rafias.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Bon, Alfredo — História Concisa da Literatura  
Brasileira, Cultrix, São Paulo 1962
- Coutinho, Afonso, A Literatura no Brasil vol. 4  
Sul Americano 1965 Rio
- Mouz, Massau, O Simbolismo, Cultrix São  
Paulo, 1976
- Murta, Luiz, Félix Pacheco, Fábrica Jacinta R. dos  
Santos, Rio, 1915
- Pacheco, Félix — No Litorâneo do Outono; Esio e  
Poiss. Poesia (edição del. de 1932).
- Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira, Cul-  
trix São Paulo 1965

### INUTILIDADES

Sentir a terra áspera, antigamente benfazeja,  
e ter nas mãos nada mais  
que um punhado de pó estéril.  
Sentir o sol nos ombros lacerados,  
como fogo a cozer a carne raquítica.  
Ficar exânim, mas latejante de vida  
e impotente diante do inútil.  
Ter a áspera visão, espectral e monolítica  
de quem descrê da própria força interior.  
Mas lutar, mesmo com fome e sede,  
sem o descanso vespertino da rede;  
Mas lutar, seja lá com que arma for.  
Até que se extinga a chama libertária.  
E retornar ao pó, como um átomo perdido,  
homem inútil, agonizante e vencido,  
que desce ao chão como porção de terra vária.

Herculano Moraes

### TERESINA

Teresina:  
contornos sensuais, anatômicas formas;  
árvore que balouçam, máquinas que trafegam;  
firmamento verde, cáustica chapada;  
teu anoltecer é como um tapete d'ouro,  
linhas energéticas, relâmpago tece...  
festival etéreo, canto de pardais.

Teresina:  
posto avançado, indómita sentinela;  
silo d'esperança, invencível guerreira;  
artérias multícoras, luminárias vivas;  
teus edifícios erguidos, projetos ao vento,  
são como velas, ao desafio do tempo,  
de velozes jangadas... navegando céus.

Teresina:  
(Metálica Ponte, Poti, Parnaíba...);  
celeiro de bardos, sinfônica orquestra;  
fagueiros menelos, viçosa menina;  
teus olhos verdes, no irromper d'aurora,  
são como casais que, unidos, oram...  
sinos retumbantes, catedrais de fé.

V. de Araújo

### NÃO AMAR(AM), AMAR

Não amar(gare), amar  
sem partir-se ao meio,  
corpo inteiro e tocar-se  
na confusão do enleio.

Significa amargar,  
sentir alguns frissons?  
Precisa-se de chão  
até alma encontrar.

Quem ama bate forte  
na luz do outro olhar,  
emenda carne com sangue,  
suor, catarro e lágrima.

Sente-se mais despido  
beijo de amor, feitiço  
no bolo temperado  
de amargos, doces, ácidos.

De vidas, outras vidas  
vermelhas e escondidas.  
Amor, se bicho do mato,  
bonito! E chato, chato!...

Francisco Miguel de Moura

### A FACA

A faca que me fere  
que me corta  
que me acorda  
que me faz sonhar  
a faca que me ilumina  
que me engana  
que me faz viver...  
a faca que me ajuda  
que me traga  
que me faz amar...  
a faca que me enruga  
que tortura  
que me faz sofrer...  
a faca que me feriu  
que me cortou  
me iluminou  
me enganou  
me ajudou  
me trouxe  
me enrugou  
me torturou  
A faca também me acordou  
A faca também me fez feliz  
A faca também será tua faca

Arthur Filho

# BEPOLAR

Consegue o verbo certo  
para ganhar.



Governo  
**HUGO NAPOLEÃO**

**BEPOUPANDO TODOS NÓS ESTAMOS GANHANDO.**

ONDE HOUVER ÁGUA E TERRA  
O PIAUÍ IRA SE TORNAR O  
CONSTRUTOR DE UM GRANDE  
CELEIRO DE ALIMENTOS. COM  
A PALAVRA O POVO PIAUENSE

SISTEMA DE AGROPECUÁRIA



A MÉTA É UNIR  
TODAS AS MILHADAS DE GRÃO

